

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DESENHO E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
MESTRADO EM DESIGN

JAILTON BEZERRA NOGUEIRA DA CRUZ

**Um estudo exploratório para proposta de análise gráfica de croquis
urbanos**

São Luís

2025

JAILTON BEZERRA NOGUEIRA DA CRUZ

**Um estudo exploratório para proposta de análise gráfica de croquis
urbanos**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Design ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Maranhão. Área de concentração: Linguagens Gráficas. Linha de Pesquisa: Informação e Tecnologia.

Orientação: Prof.º Dr.º Bruno Serviliano Santos Farias

São Luís

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Bezerra Nogueira da Cruz, Jailton.

Um estudo exploratório para proposta de análise gráfica de croquis urbanos / Jailton Bezerra Nogueira da Cruz. - 2025.

130 p.

Orientador(a): Bruno Serviliano Santos Farias.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Design/ccet, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Análise Gráfica. 2. Linguagem Visual. 3. Instrumento de Análise. 4. Croqui Urbano. 5. Semiótica Visual. I. Serviliano Santos Farias, Bruno. II. Título.

JAILTON BEZERRA NOGUEIRA DA CRUZ

**Um estudo exploratório para proposta de análise gráfica de croquis
urbanos**

Aprovado em 30/10/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Serviliano Santos Farias
Orientador
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Profa. Dra. Carla Galvão Spinillo
Avaliadora do Programa
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Prof. Dr. Márcio James Soares Guimarães
Avaliador do Programa
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. José Marconi Bezerra de Souza
Avaliador Externo
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por me conceder o dom da vida, a saúde e a fé que sustentaram cada passo desta jornada. Agradeço pela força e pela coragem nos momentos de dúvida e, de forma especial, pela sensibilidade do olhar que me permitiu ver e registrar as cidades, transformando a observação em conhecimento. Sem a Sua luz, este caminho não teria sido percorrido.

À minha amada esposa, Erlane, minha gratidão mais profunda. Você foi meu porto seguro, a força serena que me incentivou a não desistir. Agradeço por sua paciência infinita com as minhas ausências, compreendendo que o "tempo lento" que esta pesquisa exigia era um investimento em um sonho nosso. Seu amor, apoio e compreensão foram o alicerce sobre o qual este trabalho foi construído.

Ao meu filho, Kaleo, a luz da minha vida. Seu sorriso e sua energia foram meu refúgio e minha maior motivação. É para você, e por você, que busco ser melhor a cada dia.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Bruno Serviliano Santos Farias, expresso minha imensa gratidão. Sua orientação segura, sua paciência e seu rigor acadêmico foram fundamentais para a concretização desta dissertação. Agradeço por acreditar no potencial desta pesquisa desde o início, por transformar minhas ideias em argumentos claros e por me guiar com maestria na construção de uma metodologia sólida. Seus ensinamentos transcendem este trabalho e serão levados por toda a minha carreira.

Agradeço imensamente aos membros da banca examinadora, Profa. PhD. Carla Galvão Spinillo, Prof. Dr. Márcio James Soares Guimarães e Prof. Dr. José Marconi Bezerra de Souza. Suas leituras atentas, críticas cirúrgicas e valiosas sugestões foram essenciais para o amadurecimento desta pesquisa e para o refinamento da qualidade final desta dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), seu corpo docente e sua equipe administrativa, pelo ambiente intelectual estimulante e por toda a estrutura oferecida ao longo destes anos.

Aos meus colegas da turma de mestrado, agradeço pelo companheirismo, pelas discussões enriquecedoras e pelo apoio mútuo. A jornada foi mais leve e mais rica por ter sido compartilhada com vocês.

Um agradecimento especial aos membros do grupo *Urban Sketchers* São Luís. Por compartilharem seus desenhos, seus olhares e sua paixão pela cidade, vocês forneceram a matéria-prima essencial para esta investigação. Este trabalho é, em grande parte, um tributo à sensibilidade com que vocês registram a memória de São Luís.

Por fim, expresso minha gratidão aos nove designers especialistas que compuseram o painel de validação deste estudo. Suas contribuições criteriosas e seu feedback rigoroso foram fundamentais para o aprimoramento e a consolidação da ferramenta de análise que constitui o cerne desta dissertação.

RESUMO

A presente dissertação investiga a lacuna metodológica existente na análise gráfica de croquis urbanos compartilhados em redes sociais, artefatos que operam na interseção entre o registro manual e a mediação fotográfica digital. Parte-se da premissa de que a práxis artística prioriza a experiência estética em detrimento da autocrítica sistêmica, exigindo um instrumento externo para sua validação analítica. O objetivo geral consistiu no desenvolvimento de uma taxonomia instrumental direcionada a pesquisadores para a decodificação composicional, estilística e semiótica destas representações híbridas. A metodologia, de natureza qualitativa-instrumental, percorreu um ciclo iterativo de cinco etapas: integração teórica, prototipagem (v1.0), diagnóstico documental, validação por painel de especialistas e verificação operacional. Como resultado, a crítica especializada permitiu a depuração das redundâncias do protótipo inicial, consolidando a Ficha de Análise v2.0. Este instrumento estrutura-se sob a arquitetura da Tríade Semiótica, articulando: a dimensão sintática (morfologia e estilo baseados em Dondis e Ashwin); a dimensão semântica (significado e fidelidade representacional baseados em Joly); e a dimensão pragmática (estratégia e função comunicativa baseadas em Twyman). Conclui-se que o estudo disponibiliza ao campo da Memória Gráfica um arcabouço teórico-metodológico robusto, capaz de converter registros subjetivos em dados sistemáticos de paisagem e identidade visual.

Palavras-chave: Análise gráfica. Linguagem visual. Taxonomia instrumental. Croqui urbano. Representação fotográfica.

ABSTRACT

This dissertation investigates the methodological gap in the graphic analysis of urban sketches shared on social media, artifacts that operate at the intersection of manual recording and digital photographic mediation. It starts from the premise that artistic praxis prioritizes aesthetic experience at the expense of systemic self-criticism, thus requiring an external instrument for its analytical validation. The general objective consisted of developing an instrumental taxonomy aimed at researchers for the compositional, stylistic, and semiotic decoding of these hybrid representations. The methodology, of a qualitative-instrumental nature, underwent an iterative cycle of five stages: theoretical integration, prototyping (v1.0), documentary diagnosis, validation by an expert panel, and operational verification. As a result, specialized criticism allowed for the refinement of the initial prototype's redundancies, consolidating the Analysis Sheet v2.0. This instrument is structured under the architecture of the Semiotic Triad, articulating: the syntactic dimension (morphology and style based on Dondis and Ashwin); the semantic dimension (meaning and representational fidelity based on Joly); and the pragmatic dimension (strategy and communicative function based on Twyman). It is concluded that the study provides the field of Graphic Memory with a robust theoretical-methodological framework capable of converting subjective records into systematic data on landscape and visual identity.

Keywords: *Graphic analysis. Visual language. Instrumental taxonomy. Urban sketch. Photographic representation.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Diagrama da distinção ontológica: Artefato Físico (papel) vs. Representação Digital (rede).....	14
Figura 02: Simpósios Internacionais de USk em Lisboa (2011), Paraty (2014), Amsterdam (2019) e Auckland (2023).....	20
Figura 03: Mapeamento dos encontros realizados em São Luís pelo grupo croqui urbano São Luís.....	20
Figura 04: Concentração de grande parte dos encontros croqui urbano São Luís no Centro Histórico.....	21
Figura 05: Croqui realizado in loco por Eleanor Doughty em abordagem subjetiva com cores, formas, proporções e texturas inspiradas pelo modelo real.....	22
Figura 06: Croqui realizado in loco por Stephanie Bower com abordagem objetiva respeitando cores, formas, proporções e texturas do modelo real.....	22
Figura 07: O arquiteto belga Gérard Michel compartilhou mais de 4.000 esboços de seus cadernos de esboços finalizados online.....	23
Figura 08: Fluxo operacional da atividade: da imersão fenomenológica in loco à socialização digital do registro.....	24
Figura 9: Desenho in loco da Plaza de la Virgen de Vallivan, El Cabanyal. de Hugo Barros Costa (2018).....	25
Figura 10: Desenho in loco na Calle Jose Benlliure, El Cabanyal de Hugo Barros Costa (2018).....	25
Figura 11: Interseção epistemológica: a Memória Gráfica e o Patrimônio como campos de aplicação dos Modelos Analíticos.....	26
Figura 12: Trajetória de transmutação do croqui, da efemeridade do registro à permanência do acervo coletivo.....	28
Figura 13: Painel de técnicas visuais (polaridades composicionais).....	31
Figura 14: As sete variáveis estilísticas (ingredientes de estilo) operando como continuums bipolares.....	33
Figura 15 - A tríade semiótica aplicada à natureza do croqui urbano digital.....	35
Figura 16 - As três camadas de significação da imagem segundo Martine Joly.....	36
Figura 17 - Fluxograma dos procedimentos preliminares de análise da imagem.....	37
Figura 18: O posicionamento do croqui urbano na interseção entre a configuração não-linear e o hibridismo verbal-pictórico, evidenciando a tensão entre representação e informação.....	41
Figura 19: As três dimensões irreduzíveis da semiose (Morris, 1985): gramática formal (Sintaxe), relação referencial (Semântica) e função interpretativa (Pragmática).....	42
Figura 20: Matriz de Goldsmith (1980): interseção entre níveis semióticos e fatores visuais, com ênfase na ancoragem pelos Paralelos Textuais.....	44
Figura 21- Matriz de Integração Teórica: da Semiótica ao instrumento de análise.....	48
Figura 22: Etapas metodológicas na construção da ficha de análise.....	50
Figura 23: Funil de filtragem amostral: aplicação dos critérios de inclusão técnica, temática e de qualidade digital.....	51
Figura 24: A monumentalidade arquitetônica e a escala urbana no traço de Tarsis Aires.....	52

Figura 25: Registro da micro-paisagem: o detalhe construtivo e a estatuária na obra de Roseane Bastos.....	52
Figura 26: Dinâmica social: a relação entre a estática arquitetônica e o fluxo de transeuntes de Alex Soares.....	52
Figura 27: Atmosfera imaterial: o registro do comércio informal e da apropriação do espaço (Regina Borba).....	53
Figura 28: Morfologia linear: a precisão do traço e a textura hachurada em nanquim (Taty Medeiros).....	53
Figura 29: Morfologia pictórica: a expansão da mancha e a saturação cromática da aquarela (Regina Borba).....	54
Figura 30: Recorte da seção 1 da ficha de análise da fotografia croqui de Raro de Oliveira (2025).....	56
Figura 31: Aplicação da Seção 2: Decomposição da morfologia técnica e material.....	56
Figura 32: Recorte da seção 3 da ficha de análise.....	57
Figura 33: Recorte da seção 4 da ficha de análise.....	58
Figura 34: Recorte da seção 5 da ficha.....	60
Figura 35: Recorte da seção 6 da ficha.....	62
Figura 36: Condução da avaliação da ficha.....	64
Figura 37: Distribuição de titulação e áreas de expertise dos avaliadores.....	66
Figura 38 - Prevalência da técnica mista (aquarela e traço) no corpus.....	67
Figura 39 - Prevalência temática: a centralidade do patrimônio edificado sobre a memória imaterial.....	68
Figura 40: Consolidado das fichas de análise - possíveis materiais utilizados e contexto de produção.....	68
Figura 41: Consolidado das fichas referente a análise gráfica e composicional.....	69
Figura 42 - Perfil de diferencial semântico das variáveis composicionais.....	69
Figura 43- Perfil analítico consolidado.....	71
Figura 44: Consolidado das fichas referente a significado da imagem.....	71
Figura 47: Competências dos avaliadores.....	75
Figura 48: Avaliação da estrutura funcional.....	75
Figura 49: Avaliação do conteúdo e da estrutura analítica.....	76
Figura 50: Avaliação da capacidade da ficha de promover análise comparativa.....	77
Figura 51: Avaliação da aplicabilidade e do potencial metodológico.....	77
Figura 52: Avaliação global da ferramenta.....	78
Figura 53: Teste piloto da ficha de análise v02 em fotografia do croqui urbano de Regina Borba (2025).....	101
Figura A1: Fotografia do croqui de Raro de Oliveira.....	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Correlação etapas e capítulos.....	17
Quadro 02: Dicotomia funcional: Croqui como Artefato Gráfico (comunicação visual) versus Artefato de Memória (evocação afetiva).....	27
Quadro 03: Aspectos inerentes ao modelo de Dondis (1997).....	31
Quadro 04: Modelo de análise de Twyman (1979).....	39
Quadro 05: Resumo da seção ficha baseado na mensagem icônica de Joly.....	58
Quadro 06: Resumo da seção ficha baseado na mensagem plástica de Joly.....	59
Quadro 07: Resumo da seção ficha baseado na mensagem linguística de Joly.....	59
Quadro 08: Sistematização dos aspectos Intrínsecos: variáveis internas da composição gráfica..	61
Quadro 09 Sistematização dos Aspectos Extrínsecos: contexto de produção e circulação.....	61
Quadro 10: Painel de avaliadores da ficha de análise.....	65
Quadro 11: Síntese da auditoria qualitativa: diagnóstico de falhas e inconsistências do protótipo.....	78
Quadro 12: Consolidação dos dados da análise descritiva e frequência de respostas.....	84
Quadro 13: Arquitetura da Versão 2.0 - alinhamento entre eixos semióticos e variáveis operacionais.....	90
Quadro 14: Eixo 01 - Protocolo de Identificação e Rastreabilidade Documental.....	92
Quadro 15: Eixo 02 - Critérios da Dimensão Sintática (morfologia e estilo).....	95
Quadro 16: Eixo 03 - Critérios da Dimensão Semântica (Referencialidade e Conteúdo).....	96
Quadro 17: 04 - Critérios da Dimensão Pragmática (estratégia e função).....	98
Quadro 18: Eixo 05 - Roteiro para síntese analítica e interpretação crítica.....	99
Quadro A.1: Decomposição dos elementos básicos da sintaxe visual (Matriz de Dondis)....	123
Quadro A.2: Classificação dimensional e categorial do desenho (Matriz de Ashwin).....	124
Quadro A.3: Análise da mensagem visual e dos signos plásticos/icônicos (Matriz de Joly). 125	
Quadro A.4: Categorização da estratégia de configuração visual (Matriz de Twyman).....	127
Quadro A.5: Avaliação da unidade semiótica e complexidade estrutural (Matriz de Goldsmith).....	128

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PPGDg - Programa de Pós-Graduação em Design

RSL - Revisão Sistemática de Literatura

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

USk - Urban Sketchers

USk-SLZ - Urban Sketchers São Luís

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

DSR - Design Science Research

ANEXOS/APÊNDICES

ANEXO 01: CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DA VALIDAÇÃO DA FICHA DE ANÁLISE

ANEXO 02: INSTRUÇÕES PARA VALIDAÇÃO DA FICHA

ANEXO 03: FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DA FICHA DE ANÁLISE GRÁFICA PARA CROQUI URBANO

APÊNDICE 01: ESTUDO DE APLICABILIDADE DOS MODELOS TEÓRICOS

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1. Contextualização do tema.....	14
1.2. Problema de pesquisa.....	15
1.3. Objetivos.....	16
1.3.1. Objetivo Geral:.....	16
1.3.2. Objetivos Específicos:.....	16
1.4. Justificativa e aderência ao programa.....	17
1.5. Estrutura geral da dissertação.....	18
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1. O croqui urbano.....	20
2.1.1. Croqui urbano e os Centros Históricos.....	23
2.2. A Memória Gráfica e o Patrimônio como contexto de aplicação.....	27
2.2.1.1. <i>Técnicas visuais: estratégias de comunicação (as polaridades)</i>	31
2.2.1.2. <i>Sintaxe visual nos croquis</i>	33
2.2.2. O Modelo analítico de Clive Ashwin e sua adaptação metodológica.....	33
2.2.3. A metodologia de análise da imagem em Martine Joly.....	35
2.2.3.1. <i>Estrutura da mensagem visual e componentes analíticos</i>	36
2.2.3.2. <i>Os procedimentos operacionais da análise</i>	37
2.2.4. O esquema de linguagem gráfica de Michael Twyman.....	38
2.2.4.1. <i>Os métodos de configuração (o eixo da organização espacial)</i>	39
2.2.4.2. <i>Pertinência para a análise de croquis urbanos</i>	41
2.2.5. A tridimensionalidade do signo: Charles Morris.....	42
2.2.6. A Matriz analítica de Evelyn Goldsmith: Unidade, Ênfase e Paralelos Textuais.....	44
2.2.7. Distinções e convergências conceituais entre os modelos.....	45
2.3. Um Arcabouço Integrador: Sintaxe, Semântica e Pragmática.....	46
2.3.1. A Dimensão Sintática: a gramática da forma.....	47
2.3.2. A Dimensão Semântica: a representação e a referencialidade.....	47
2.3.3. A Dimensão Pragmática: estratégia e funcionalidade.....	47
2.4. Revisão de literatura.....	47
2.4.1. A sistematização através de instrumentos de análise híbridos.....	48
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	50
3.1. Caracterização da pesquisa.....	50
3.2. O Corpus Analítico.....	51
3.2.1. Diversidade temática e enquadramento.....	52
3.2.2. Pluralidade técnica e morfológica.....	54
3.2.3. Questões éticas.....	55
3.3. Desenvolvimento do instrumento-protótipo.....	55
3.3.1. Seção 01 - Informações gerais.....	56

3.3.2. Seção 02 - Materiais utilizados.....	57
3.3.3. Seção 03 - Contexto da produção.....	58
3.3.4. Seção 4 - Análise Gráfica e Composicional.....	58
3.3.5. Seção 5 - Significado da Imagem.....	59
3.3.6. Seção 6: Linguagem Visual (proposta de adaptação baseada em Twyman).....	61
3.4.1. Seleção do Painel de Avaliadores.....	64
3.4.2. Instrumento e protocolo de coleta.....	64
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	67
4.1. Resultados da aplicação-piloto: panorama técnico e temático.....	67
4.1.1. Análise Gráfica e Composicional (Modelo de Ashwin com adaptação de escala).....	69
4.1.2. Análise da Significação (baseado no modelo de Joly).....	71
4.1.3. Análise da Linguagem Visual.....	72
4.2. Resultado da avaliação dos especialistas.....	75
4.2.1. Análise de frequência das respostas.....	75
4.2.2. Análise das observações qualitativas.....	80
4.2.2.1. <i>Coerência conceitual e operacional</i>	80
4.2.2.2. <i>Abrangência e detalhamento</i>	81
4.2.2.3. <i>Rigor metodológico e adaptação</i>	82
4.2.2.4. <i>Contexto de produção</i>	83
4.2.2.5. <i>Representação técnica</i>	84
4.2.2.6. <i>Mensagem Linguística</i>	84
4.3. Discussão dos resultados.....	86
4.3.1. Coerência conceitual e operacional aprimorada.....	87
4.3.2. Rigor metodológico e adaptação específica.....	88
4.3.3. Abrangência e detalhamento adaptável.....	88
4.3.4. Mensagem linguística clarificada.....	89
4.3.5. Melhorias na usabilidade e interface (implícitas na estrutura).....	89
4.4. Proposta refinada - o instrumento de análise.....	90
4.4.1. Estrutura Operacional do Instrumento (Versão 2.0).....	91
4.4.1.1. <i>Eixo 1: Identificação e contextualização (a base documental)</i>	92
4.4.1.2. <i>Eixo 2: Dimensão Sintática (Morfologia e Estilo)</i>	95
4.4.1.3. <i>Eixo 3: Dimensão Semântica (conteúdo e significado)</i>	97
4.4.1.4. <i>Eixo 4: Dimensão Pragmática (estratégia, função e configuração)</i>	98
4.4.1.5. <i>Eixo 5: Síntese Analítica e Interpretativa</i>	99
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
5.2. Contribuições Metodológicas.....	105
5.3. Desdobramentos e aplicações futuras.....	106
6. REFERÊNCIAS.....	109
7. ANEXOS.....	115
8. APÊNDICE 01 - ESTUDO DE APLICABILIDADE DOS MODELOS TEÓRICOS.....	123

1. INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização do tema

A mediação digital confere ao croqui urbano um novo *status* ontológico, o de "imagem-de-uma-imagem". Diferentemente de um registro físico isolado, este artefato emerge como uma narrativa visual autônoma, integrando a *performance* e o contexto de sua criação (como as mãos do desenhista, a encadernação do suporte e o ambiente). O cerne da pesquisa reside no problema metodológico identificado por Dugnani et al. (2017): a carência de instrumentos analíticos estruturais capazes de lidar com a produção exponencial de imagens digitais. As matrizes de análise convencionais, desenvolvidas para suportes estáticos, tornam-se inadequadas para a sintaxe e a semântica deste objeto híbrido, que simultaneamente funciona como registro manual e composição fotográfica.

Figura 01: Diagrama da distinção ontológica: Artefato Físico (papel) vs. Representação Digital (rede).



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A investigação assume caráter exploratório, priorizando o mapeamento das variáveis analíticas em detrimento da fixação prematura de padrões rígidos. O instrumento proposto destina-se a "professores e estudantes de pós-graduação", com o objetivo de sistematizar a crítica visual e ampliar a alfabetização imagética diante da complexidade dos novos objetos digitais.

1.2. Problema de pesquisa

A revisão da literatura evidencia a inexistência de instrumentação metodológica validada para a análise gráfica de croquis urbanos em contexto digital. Enquanto a antropologia e a sociologia mapeiam a prática do croqui urbano, e o Design dispõe de gramáticas consolidadas para artefatos impressos, inexistente um método que articule essas frentes. A construção de instrumentos analíticos contemporâneos exige a adaptação de parâmetros teóricos para a criação de "modelos híbridos" (Dugnani et al., 2017; Lócio e Waechter, 2019).

A aplicação de ferramentas para o estudo da memória gráfica é inviável sem a prévia avaliação instrumental. O problema da pesquisa não reside na interpretação do conteúdo (aplicação), mas na sistematização da forma (desenvolvimento). Antes de investigar *o que* os croquis revelam, impõe-se a resolução de como analisá-los com rigor acadêmico.

Diante deste cenário, a questão central define-se: **Como estruturar um instrumento metodológico capaz de sistematizar a análise gráfica - nos níveis sintático, semântico e pragmático - das representações fotográficas de croquis urbanos?**

Esta formulação situa a pesquisa no campo da Análise da Linguagem Visual. A "Memória Gráfica" e o "Patrimônio Cultural" constituem o contexto de aplicação (o *corpus*), mas não o fundamento analítico do instrumento. O desafio reside em converter o ato de registro subjetivo em procedimento sistemático de investigação, fundamentando o uso de artefatos visuais como dados científicos estruturados e não apenas como ilustrações estéticas (Moretto e Farias, 2021; Banks, 2023).

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo Geral:

- Desenvolver e propor um instrumento metodológico (ficha) focado na análise gráfica de representações fotográficas de croquis urbanos, visando sistematizar a

decodificação da linguagem visual destes artefatos e oferecer uma proposta de método para sua investigação.

1.3.2. Objetivos Específicos:

- Definir o arcabouço teórico da Análise da Linguagem Visual a partir dos modelos de Dondis, Ashwin, Joly, Twyman, Goldsmith e Morris.
- Estruturar um instrumento-protótipo para operacionalizar os modelos teóricos investigados.
- Avaliar o instrumento-protótipo por meio de um painel de especialistas para identificar lacunas e inconsistências teóricas.
- Propor um instrumento metodológico revisado com base na tríade semiótica de Morris, em resposta à avaliação.
- Testar a versão final do instrumento por meio de aplicação piloto em representação fotográfica de croqui, comprovando a viabilidade para a análise sistemática da linguagem visual.

1.4. Justificativa e aderência ao programa

A relevância desta pesquisa é fundamentalmente metodológica, respondendo ao descompasso entre a produção massiva de imagens digitais. Embora o croqui urbano seja valorizado pela capacidade de registro sensível e pela "experiência fenomenológica do olhar" (Rahim e Rodrigues, 2014), a subjetividade inerente à prática dificulta sua utilização como dado científico.

A justificativa deste trabalho reside na superação dessa lacuna instrumental: a pesquisa propõe a conversão da representação fotográfica do croqui em objeto passível de análise sistemática. O objetivo é transformar a apreciação estética em decodificação estruturada, conferindo rigor investigativo a um objeto complexo.

A investigação concentra-se no processo de design e na validação iterativa de ferramentas analíticas. O instrumento proposto configura-se como um **protótipo metodológico validado**, direcionado estritamente a pesquisadores acadêmicos (Design, Arquitetura e Artes Visuais). A delimitação do público-alvo exclui a prática artística (os desenhistas) para focar na ciência da informação visual, assegurando a precisão técnica necessária à análise gráfica. Assim, a conexão desta pesquisa com o Programa de Pós-Graduação em Design - PPGDg articula-se em dois níveis complementares.

No âmbito da linha **Informação e Tecnologia**, o trabalho contribui com o desenvolvimento de um produto de Design da Informação. A ficha analítica proposta configura-se como um sistema concebido para estruturar, categorizar e processar dados extraídos de registros gráficos. O cerne da investigação reside na conversão de registros subjetivos (o croqui) em bases de dados estruturadas, permitindo uma análise sistemática que alinha a apreensão sensível do espaço à organização de dados qualitativos.

Simultaneamente, a pesquisa integra a linha de **Linguagens Gráficas** ao definir seu objeto e arcabouço teórico. O estudo dissecar a linguagem do croqui através da tríade semiótica: sintaxe (morfologia, composição), semântica (conteúdo, representação) e pragmática (contexto, função). Ao eleger como objeto a representação fotográfica em "ambientes colaborativos", a investigação aborda as "redes de comunicação contemporâneas via comunidades virtuais", abordando a circulação efetiva dessa linguagem gráfica no meio digital.

Por fim, a proposição de um método para a instrumentalização de uma prática contemporânea consolida, portanto, uma contribuição metodológica concreta tanto para o campo do Design da Informação quanto para o estudo das Linguagens Gráficas.

1.5. Estrutura geral da dissertação

A investigação organiza-se em cinco unidades interdependentes, desenhadas para conduzir o desenvolvimento do instrumento metodológico. A disposição dos assuntos e a segmentação dos capítulos, voltadas ao estudo da linguagem visual dos croquis urbanos e à validação do instrumento metodológico proposto, obedecem à estrutura geral detalhada no quadro 01.

Quadro 01: Correlação etapas e capítulos

Etapa da Pesquisa	Capítulo	Conteúdo / Título
Introdução	CAPÍTULO 1	Introdução Contextualização, problema, objetivos e justificativa.
Fundamentação Teórica	CAPÍTULO 2	Fundamentação Teórica O croqui urbano, memória gráfica e modelos de análise (Dondis, Ashwin, Joly, Twyman, Morris, Goldsmith).
Método	CAPÍTULO 3	Procedimentos Metodológicos Desenvolvimento do instrumento-protótipo (v1.0) e protocolo de validação com especialistas.

Desenvolvimento	CAPÍTULO 4	Resultados e Discussão Análise da aplicação-piloto, avaliação do painel e apresentação do instrumento refinado (Versão 2.0).
Conclusão	CAPÍTULO 5	Considerações Finais Síntese das contribuições, limitações e trabalhos futuros.
Elementos Pós-textuais	-	Referências / Apêndices / Anexos

Fonte Elaborado pelo autor (2025)

O **Capítulo 1** fundamenta a lacuna de investigação, definindo o problema de pesquisa na análise da linguagem visual de croquis urbanos digitais e estabelecendo os objetivos e a relevância para o campo do Design da Informação.

O **Capítulo 2** constrói o arcabouço teórico. Articula os modelos de Análise Gráfica (Dondis, Ashwin, Joly, Twyman) sob a arquitetura epistemológica da Tríade Semiótica de Charles Morris e da Matriz de Evelyn Goldsmith, situando a Memória Gráfica como contexto de aplicação.

O **Capítulo 3** detalha os procedimentos metodológicos. Descreve a abordagem qualitativa-instrumental, a seleção do corpus do *Urban Sketchers São Luís*, o desenvolvimento iterativo do instrumento-protótipo (Versão 1.0) e o protocolo de validação pelo Painel de Especialistas.

O **Capítulo 4** apresenta os resultados e a discussão. Expõe os dados da aplicação-piloto, analisa criticamente o feedback dos especialistas e consolida a proposta refinada do instrumento (Versão 2.0), reestruturada nos eixos sintático, semântico e pragmático.

O **Capítulo 5** sintetiza os achados da pesquisa. Aponta as limitações do estudo exploratório, delinea as contribuições teóricas e metodológicas para a análise dos croquis urbanos e indica desdobramentos para investigações futuras.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O croqui urbano

O **croqui urbano** - também conhecido globalmente como *Urban Sketching*¹ - embora ancore suas raízes na tradição de mestres como Degas, Debret e Delacroix (Rosengarten, 2012), transcende o mero registro de observação, não se limitando à mimese da forma; utiliza a linguagem visual para expressar a experiência fenomenológica do lugar, registrando a atmosfera, os sons e a dinâmica temporal (Campanario, 2011), na qual o desenhista realiza uma síntese cognitiva e gráfica, narrando a essência do espaço urbano (Kuschnir, 2012). Desse modo, sob a perspectiva da análise gráfica, o croqui urbano deve ser encarado não apenas como um gesto artístico, mas como um artefato visual complexo.

A institucionalização dessa prática ocorreu em 2007, com a fundação da organização *Urban Sketchers* (USk) por Gabriel Campanário. A iniciativa consolidou uma comunidade global de prática que reúne profissionais de áreas criativas - arquitetos, designers, educadores - em torno da produção e difusão de desenhos de locação. Conforme Thorspecken (2015), essa rede opera através do compartilhamento não apenas dos registros gráficos, mas das técnicas e das circunstâncias narrativas de sua criação.

Atualmente, o movimento configura um ecossistema robusto. Dados de 2023 indicam mais de 200 mil membros ativos e capítulos estabelecidos em mais de 60 países (Urban Sketchers, 2024). A estrutura organizacional ramifica-se hierarquicamente (grupos internacionais, nacionais e locais), mantendo intensa circulação em plataformas digitais e eventos presenciais, o que valida a relevância global do objeto de estudo.

A consolidação institucional do movimento materializa-se nos Simpósios Internacionais. Iniciado em Portland (2010) e sequenciado em Lisboa (2011) - evento analisado por Kuschnir (2012) sob a ótica da educação patrimonial -, o circuito mantém itinerância global, abrangendo cidades da Europa, Ásia e Oceania. A figura 02 documenta a escala desses encontros, evidenciando a transição do compartilhamento digital para a prática coletiva presencial.

No contexto brasileiro, a rede estruturou-se em 2010, liderada por Eduardo Bajzek, João Pinheiro e Juliana Russo (USK Brasil, 2019), articulando núcleos ativos nas principais capitais. O *Urban Sketchers* São Luís (USk-SLZ), fundado em 2012 por Tarsis Aires e Regina Borba (Urban Sketchers Brasil, 2019, p. 3), constitui o recorte empírico desta pesquisa. Com

¹ Adota-se o termo "*Urban Sketching*" para referenciar o movimento global institucionalizado, mantendo "croqui urbano" como sinônimo para a prática do desenho de observação

mais de uma década de atividade e adesão expressiva nas plataformas digitais, o grupo direciona sua produção gráfica à documentação da arquitetura local.

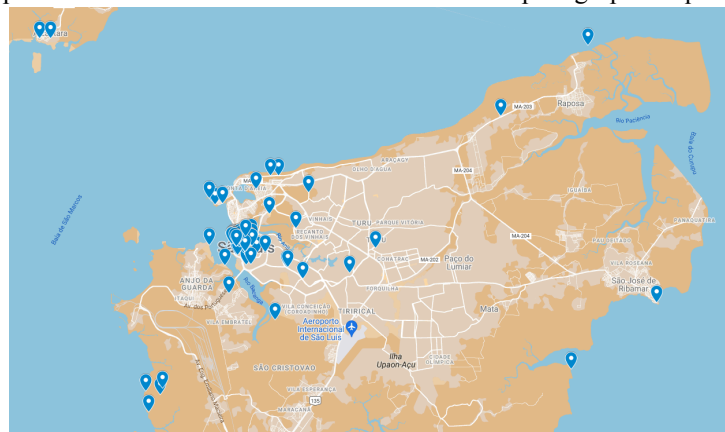
O mapeamento das atividades do USk-SLZ (figuras 03 e 04) apresenta uma concentração espacial deliberada no Centro Histórico de São Luís. A mancha de ocupação territorial evidenciada no mapa comprova o interesse do grupo pela área patrimonial, validando a escolha deste núcleo como objeto de estudo para a análise da representação da memória urbana.

Figura 02: Simpósios Internacionais de *USk* em Lisboa (2011), Paraty (2014), Amsterdam (2019) e Auckland (2023)



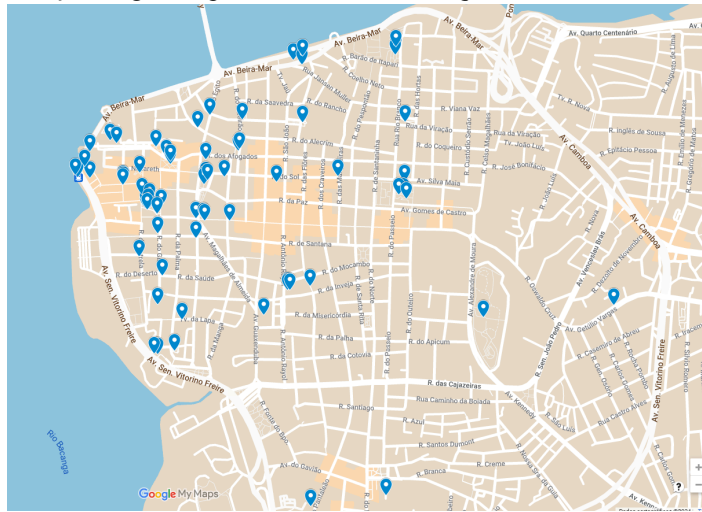
Fonte: <https://urbansketchers.org/pt/croqui urbano-symposium/- pastsymposiums>

Figura 03: Mapeamento dos encontros realizados em São Luís pelo grupo croqui urbano São Luís



Fonte: Grupo *Urban Sketcher* São Luís (2023)

Figura 04: Concentração de grande parte dos encontros *croqui urbano* São Luís no Centro Histórico



Fonte: Grupo *Urban Sketcher* São Luís (2024)

A prática do *croqui urbano* opera como ferramenta de reencantamento do espaço urbano. Para Kuschnir (2012) e Salavisa (2012), o registro gráfico rompe a "invisibilidade cotidiana" da cidade, transcendendo a mimese visual para incorporar narrativas situacionais e redescobrir a arquitetura através da observação ativa.

No âmbito da representação patrimonial, estabelece-se uma tensão dialética entre a liberdade expressiva e o rigor documental. Enquanto iniciativas como o "(A)Riscar o Patrimônio" (Portugal) e a abordagem de Salavisa (2012) validam o "traço imperfeito" e a subjetividade do registro amador, Choay (2008) oferece o contraponto crítico. A autora argumenta que a imprecisão métrica e a negligência de detalhes - historicamente presentes desde os antiquários - comprometem a fidelidade documental necessária à conceituação do monumento histórico.

Essa dualidade reflete-se na morfologia dos croquis. Thorspecken (2015) categoriza a produção em duas linhagens gráficas distintas:

1. A vertente orgânica-gestural (figura 05): Derivada das Belas Artes e da ilustração, trata o edifício com a fluidez do desenho de modelo vivo, priorizando a atmosfera e a personalidade do traço sobre a precisão estrutural.
2. A vertente racional-geométrica (figura 06): Proveniente da formação arquitetônica, caracteriza-se pela construção formal rigorosa, respeito às proporções e ênfase na clareza volumétrica do objeto no contexto urbano.

Essa tipologia confirma que a "fidelidade" no *urban sketching* (Campanario, 2011) não é um valor absoluto, mas um espectro que oscila entre a expressão subjetiva (Salavisa, 2012) e a documentação analítica (Choay, 2008).

Figura 05: Croqui realizado *in loco* por Eleanor Doughty em abordagem subjetiva com cores, formas, proporções e texturas inspiradas pelo modelo real



Fonte: Bower, (2022)

Figura 06: Croqui realizado *in loco* por Stephanie Bower com abordagem objetiva respeitando cores, formas, proporções e texturas do modelo real



Fonte: Bower, (2022)

2.1.1. Croqui urbano e os Centros Históricos

Os centros históricos constituem o *locus* privilegiado da memória e identidade urbana (Gallina e Scherer, 2019), atraindo o interesse documental dos grupos de *USk*. A prática gráfica opera, neste contexto, como mecanismo de ativação patrimonial: ao invés da contemplação passiva, o desenho impõe uma imersão fenomenológica na paisagem. Segundo Cavalcante e Nascimento (2022) e Valgas (2019), essa observação atenta contrapõe-se à banalização da experiência urbana, convertendo o olhar em consciência crítica e fomentando o sentimento de pertencimento e proteção do patrimônio, que, segundo Kallas, Guillén-Salas e Silva (2020), independe do tempo de residência no local, emergindo da capacidade cognitiva de decodificar e comunicar a paisagem desenhada.

Kallas, Guillén-Salas e Silva (2020) validam essa função documental ao situar o *sketcher* contemporâneo na linhagem dos naturalistas (como Debret e Rugendas), definindo o croqui como instrumento de resgate e educação patrimonial. A prática não se restringe à mimese do patrimônio material (edifícios), mas incorpora valores cognitivos e de memória. Os autores destacam, ainda, a capacidade do croqui de registrar o patrimônio imaterial, especialmente quando a representação gráfica se hibridiza com a escrita. Essa articulação entre texto e imagem otimiza a função informativa do croqui, consolidando-o como documento de salvaguarda cultural.

A dimensão pedagógica do croqui urbano converte o desenho em instrumento de apropriação do espaço urbano. Nascimento e Duarte (2020) e Silva e Nogueira (2020) convergem ao definir a prática como ferramenta de educação patrimonial: o ato gráfico fomenta associações perceptivas sensoriais que transformam o observador em agente de proteção cultural.

O diário gráfico transcende a condição de substrato físico para configurar-se como arquivo documental e dispositivo de pesquisa (Rahim e Rodrigues, 2014; Gomes, 2017). Enquanto Campanario (2011) enfatiza a agilidade técnica do equipamento, a estrutura sequencial do caderno (Figura 07) ordena os processos visuais e atua como testemunho espaço-temporal. O artefato converte o registro efêmero *in loco* em dado perene, articulando a vivência subjetiva à preservação do patrimônio material e cultural urbano.

Figura 07: O arquiteto belga Gérard Michel compartilhou mais de 4.000 esboços de seus cadernos de esboços finalizados online



Fonte: Campanario (2011)

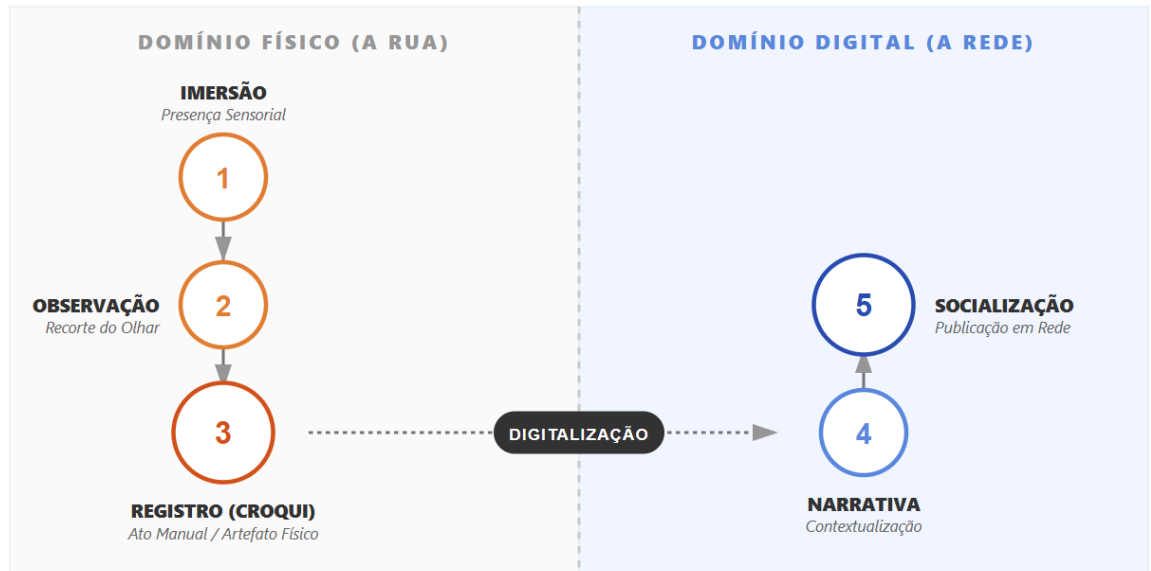
A difusão digital dos registros converte a prática do croqui urbano em mecanismo de arquivamento patrimonial. Rahim e Rodrigues, (2014) conceituam esse fenômeno como a estruturação de uma base de dados global que fomenta o turismo, a investigação histórica e a consciência cultural.

As plataformas digitais transcendem, portanto, a função de rede social para operar como acervos da memória visual. Para Kallas, Guillén-Salas e Silva (2020), o ambiente *online* configura-se como um "museu ou arquivo contemporâneo", estabelecendo uma norma implícita na comunidade: "o verdadeiro *urban sketcher* necessariamente deve compartilhar seu trabalho". Essa iniciativa constrói uma rede de informações que valida o patrimônio urbano mundial e brasileiro, transformando o registro individual em documento coletivo.

Esse processo de partilha consolida uma identidade comunitária global. O sistema fortalece o sentido de pertença através da troca de experiências, mas é complementado,

segundo Rahim e Rodrigues, (2014), pela "expressão do registro individual" e pela pluralidade nas escolhas de materiais e técnicas. Unida pela valorização do olhar, a comunidade articula a preservação da memória da cidade com a inovação dos meios de representação.

Figura 08: Fluxo operacional da atividade: da imersão fenomenológica *in loco* à socialização digital do registro.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025), baseado em Campanario (2011) e Salavisa (2012).

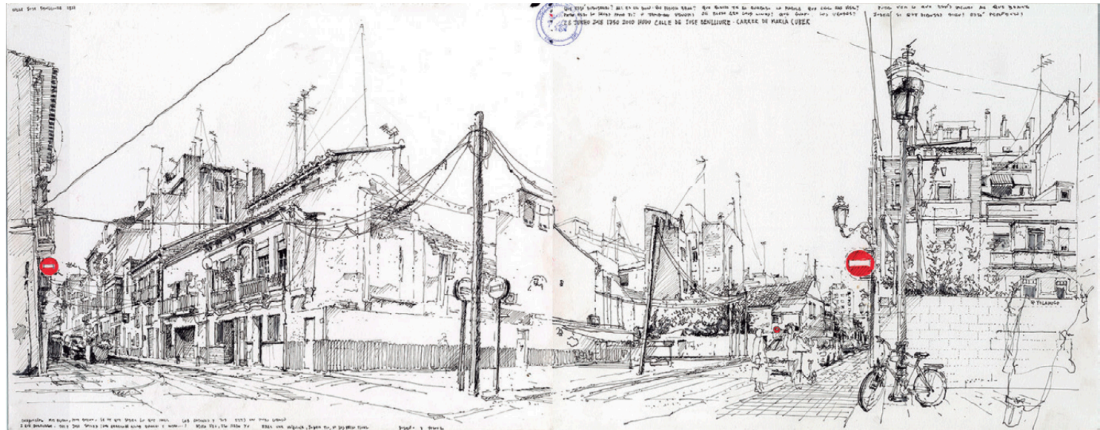
A função documental do croqui urbano assume, frequentemente, caráter de reivindicação patrimonial. Enquanto Rahim e Rodrigues, (2014) destacam a capacidade do registro em arquivar "**elementos de reconhecido valor patrimonial**" (tangíveis e intangíveis), Kallas, Guillén-Salas e Silva (2020) avançam na definição política da prática, apontando o desenho como instrumento de "**denúncias públicas**" sobre o abandono de bens tombados. Essa dimensão ativista é evidenciada empiricamente no trabalho de Costa e Molina-Siles (2020) sobre o bairro histórico de El Cabanyal (Valência). Conforme as **figuras 09 e 10**, a observação *in loco* transcende a estética para documentar a degradação e reivindicar a importância de estruturas remanescentes em prol da comunidade local.

Figura 9: Desenho *in loco* da Plaza de la Virgen de Vallivan, El Cabanyal, de Hugo Barros Costa (2018)



Fonte: Costa e Molina-Siles (2020)

Figura 10: Desenho *in loco* na Calle Jose Benlliure, El Cabanyal de Hugo Barros Costa (2018)



Fonte: Costa e Molina-Siles (2020)

Nesse contexto, o desenho de observação consolida-se como método científico. Nito (2019), Costa e Molina-Siles (2020) e Tata (2023) validam a prática não como expressão artística, mas como ferramenta de **"análise urbana crítica e etnográfica"**. O método, apoiado pelo caminhar na cidade, exige rigor na observação e percepção, fornecendo dados sobre as condições sociais e morfológicas que escapam a outros meios de registo. Silva e Nogueira (2020) complementam que essa **"percepção particularizada"** atualiza a memória e revela espacialidades que passariam despercebidas ao olhar comum.

O croqui urbano opera transversalmente entre a arquitetura, o design, a história e a antropologia. Mais do que um produto gráfico, ele constitui um processo cognitivo de investigação de campo, instrumentalizando a memória individual e coletiva para a leitura complexa do espaço urbano.

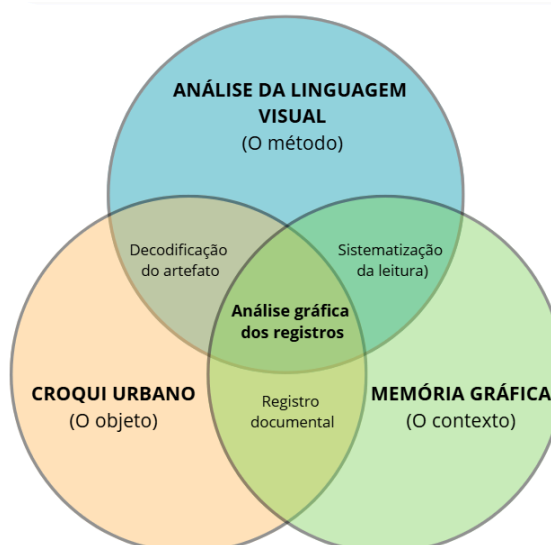
2.2. A Memória Gráfica e o Patrimônio como contexto de aplicação

Esta investigação situa a Memória Gráfica e o Patrimônio Cultural como **contextos de aplicação** do instrumento analítico proposto. A Memória Gráfica define-se pelo estudo dos "artefatos gráficos" - objetos concebidos intencionalmente para a comunicação visual e transmissores de informação na formação da identidade local (Farias e Braga, 2018). Embora a tradição da área privilegie impressos efêmeros, o escopo da Memória Gráfica Urbana abrange a paisagem construída, incluindo letreiros, azulejaria, grafites e o mobiliário urbano.

A conexão com a prática do croqui urbano é, portanto, estrutural. Conforme demonstrado no *corpus* do USk-SLZ, a prática manifesta interesse documental pelo patrimônio edificado. Ao registrar fachadas, grades ornamentais e tipografias vernaculares, os desenhistas documentam os próprios objetos de estudo da Memória Gráfica.

Nesse sentido, os campos da Memória Gráfica e da Preservação do Patrimônio convergem na necessidade de interpretação da paisagem. O patrimônio transcende o objeto arquitetônico físico para incluir seus componentes gráficos comunicacionais. A ferramenta analítica aqui proposta instrumentaliza essa relação, oferecendo a ambos os campos um método sistemático para decodificar os registros subjetivos (croquis) como fontes documentais válidas sobre a percepção e valorização do espaço histórico (figura 11).

Figura 11: Interseção epistemológica: a Memória Gráfica e o Patrimônio como campos de aplicação dos Modelos Analíticos.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

O croqui urbano transcende a condição de artefato gráfico (Farias e Braga, 2018) para se configurar como **artefato de memória**. Segundo Damazio (2006), a ontologia deste objeto não reside na qualidade estética, mas na capacidade de "**despertar lembranças**" e ancorar as "**relações afetivas**" do evento registrado.

A materialização desse conceito decorre da natureza imersiva da prática. Diferente do instantâneo fotográfico, o tempo de execução do desenho converte o croqui em um "**mediador**" capaz de reativar a experiência sensorial completa. Para Salavisa (2012) e Bower (2022), o traço atua como gatilho mnemônico: a visualização da imagem "**despoleta emoções**" esquecidas, recuperando não apenas a cena visual, mas a atmosfera (sons, clima) do momento vivido.

Nessa perspectiva, o diário gráfico consolida-se como dispositivo de arquivamento. O suporte opera simultaneamente como "**arquivo pessoal de memórias**" (Gomes, 2017) e registro de "**memória útil**" (Rahim e Rodrigues, 2014), transformando a subjetividade da experiência em documento perene de leitura da cidade.

Quadro 02: Dicotomia funcional: Croqui como Artefato Gráfico (comunicação visual) *versus* Artefato de Memória (evocação afetiva).

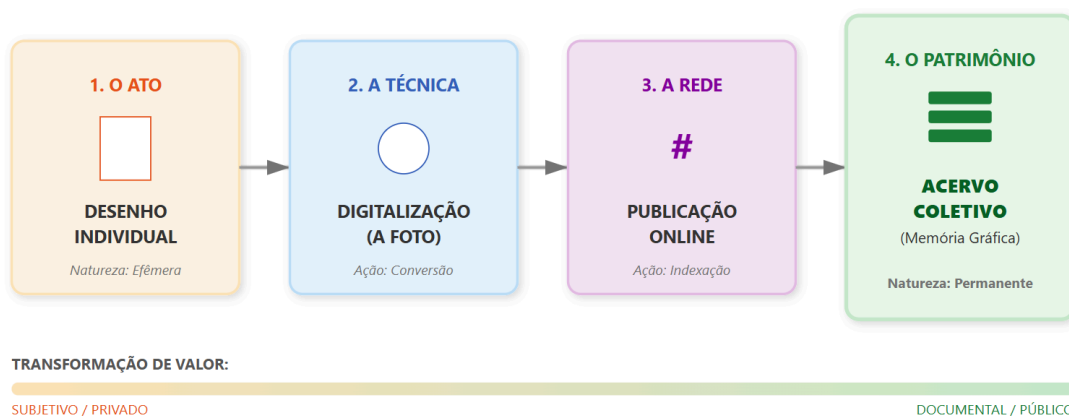
Categoria de Análise	Croqui como Artefato Gráfico (Farias e Braga, 2018)	Croqui como Artefato de Memória (Damazio, 2006)
Definição Conceitual	Define-se como "qualquer objeto produzido pelo homem para realizar funções relacionadas à comunicação por meios visuais".	Define-se como um objeto que se destaca primordialmente por sua "capacidade de despertar lembranças".
Foco de Valor	O valor reside na sua "capacidade intencional de comunicar visualmente" e em seus aspectos como transmissor de informação.	O valor não está na estética, mas na "qualidade dos acontecimentos" de que participam e nas "relações afetivas que promovem".
Natureza do Objeto	É um objeto "bi ou tri dimensional" (no caso do croqui, bidimensional sobre papel) produzido intencionalmente.	É um "mediador" que ancora a experiência sensorial e afetiva do momento, indo além do objeto físico.
Função Principal	Transmissão de informação visual; o croqui é visto como um desenho sobre papel para comunicar.	Evocação de emoções e recuperação do passado; o croqui funciona como um gatilho para "emoções que evocam e lembranças que encerram".

Fonte: Elaborado pelo autor (2025), baseado em Farias e Braga (2018) e Damazio (2006).

Essa trajetória converte o croqui - originalmente um registro individual e efêmero - em acervo coletivo consultável, legitimando as plataformas digitais como repositórios de memória gráfica (figura 12). Contudo, a utilização científica desse acervo enfrenta um desafio

epistemológico: a natureza subjetiva e não padronizada dos "artefatos de memória". Para a configuração do croqui como fonte exige um instrumento sistemático de decodificação visual é necessário compreender a construção formal da mensagem (análise sintática e estilística) para inferir, com rigor técnico, o seu significado (análise semântica). Enquanto a Memória Gráfica constitui o campo de destino (onde a ferramenta será aplicada), o fundamento teórico reside nos Modelos de Análise Gráfica.

Figura 12: Trajetória de transmutação do croqui, da efemeridade do registro à permanência do acervo coletivo.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A sistematização da leitura no campo da Memória Gráfica exige, contudo, suporte metodológico estruturado, fundamentando-se nos modelos de Análise Gráfica.

2.3 Modelos de análise gráfica

A superação da leitura impressionista do croqui urbano exige a decomposição rigorosa da imagem. Dada a natureza híbrida do objeto - simultaneamente construção formal, representação estilística e veículo cultural -, a investigação adota uma abordagem integradora. A complexidade do objeto gráfico demanda o cruzamento de parâmetros teóricos distintos, conforme proposto por Lócio e Waechter (2019) ao utilizarem modelos híbridos, uma vez que nenhum modelo isolado abarca a multidimensionalidade da representação fotográfica do objeto estudado.

2.3.1 A Sintaxe da Linguagem Visual - Donis A. Dondis

O livro de Dondis estabelece uma estrutura analítica fundamental para a "compreensão da gramática da comunicação visual" (Dondis, 1997). O objetivo principal da autora é ensinar a sintaxe visual através de uma analogia com o aprendizado da linguagem verbal: inicia-se

pelo "alfabeto" (os elementos básicos do design), passa-se pela formação de "sentenças" sintáticas (combinações simples) e chega-se à compreensão da "poesia" (a obra de arte acabada) (Dondis, 1997).

O conceito central reside no "**imperativo do alfabetismo visual universal**". Dondis (1997) argumenta que, analogamente à invenção do tipo móvel para a literacia verbal, a proliferação tecnológica de imagens (fotografia, cinema, computação) impõe a capacidade técnica de "**ler e escrever**" visualmente. Essa competência transcende o reconhecimento intuitivo de objetos para alcançar a compreensão estrutural da mensagem. A eficácia comunicativa, portanto, não é um dado natural, mas uma habilidade adquirida através do estudo dos mecanismos perceptivos e das estruturas sintáticas.

Já a anatomia da mensagem articula-se em três níveis de complexidade que operam simultaneamente (Dondis, 1997). O nível **Representacional** vincula-se à mimese da realidade, baseando-se na identificação de objetos através da experiência ambiental (o "o quê" da mensagem). O nível **Abstrato** constitui a "**mensagem visual pura**", reduzindo o fato visual à sua subestrutura elemental (ponto, linha, cor, textura) para enfatizar a construção emocional direta. Por fim, o nível **Simbólico** abrange os sistemas codificados de significação arbitrária - como a linguagem escrita, a numeração ou a sinalização viária -, cuja decodificação exige aprendizado cultural prévio.

Após estabelecer o alfabetismo e a anatomia da mensagem como fundamentos, o segundo pilar da teoria de Dondis (1997) identifica os elementos básicos como a "**matéria-prima**" da informação visual, operando como blocos de construção irredutíveis. Na base morfológica, o **Ponto** atua como marcador espacial mínimo, evoluindo para a **Linha** - definida como "**ponto em movimento**" - que articula a energia e a direção do traço. Estes elementos delimitam a **Forma**, cujas geometrias básicas (quadrado, círculo, triângulo) carregam significados psicológicos intrínsecos de retidão, infinitude ou tensão, orientados pela **Direção**, que oscila entre a estabilidade dos eixos ortogonais e a "**instabilidade e provocação**" da diagonal.

As qualidades de superfície são regidas pelo **Tom**, que modula a claridade através do claro-escuro para expressar volume, e pela **Cor**, considerada o elemento mais "**expressivo e emocional**", estruturado tridimensionalmente em matiz, saturação e brilho. A **Textura** complementa essa camada sensorial, operando como o substituto ótico ou tátil da experiência física.

Por fim, a organização espacial estrutura-se através da **Escala** (a relatividade dimensional onde o grande define o pequeno) e da **Dimensão**, que projeta a ilusão de

profundidade em suportes planos através da "**convenção técnica da perspectiva**". O **Movimento**, embora fisicamente estático no desenho, impõe-se como uma das forças visuais mais dominantes ao sugerir a ação cinética pela composição.

2.2.1.1. Técnicas visuais: estratégias de comunicação (as polaridades)

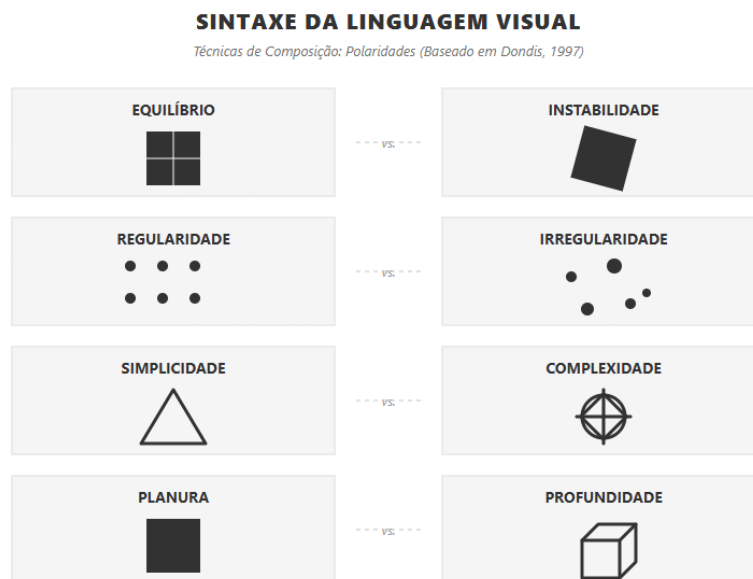
A manipulação dos elementos básicos concretiza-se através das **Técnicas Visuais**, definidas por Dondis (1997) como as estratégias operacionais de composição. O sistema estrutura-se a partir do **Contraste**, eixo fundamental do qual derivam as polaridades que permitem ao comunicador acentuar ou atenuar a informação, controlando o significado para evitar ambiguidades.

No cerne da estruturação analítica desta pesquisa, destacam-se as estratégias de peso visual. O **Equilíbrio**, ancorado na necessidade humana de estabilidade, contrapõe-se à **Instabilidade**, cuja ausência de referências gera uma tensão "**inquietante e provocadora**". A resolução desse equilíbrio ocorre pela via da **Simetria** (lógica e axial, porém estática) ou da **Assimetria**, um balanceamento compensatório considerado visualmente **complexo**.

A organização da informação articula-se entre a **Regularidade** (previsibilidade uniforme) e a **Irregularidade**, fundamental para a análise da expressividade do traço manual ao enfatizar o "**inesperado e o insólito**". Essa dinâmica estende-se à oposição entre **Simplicidade** (imediatez formal) e **Complexidade** (que exige esforço de organização perceptiva), bem como entre **Economia** (minimalismo parcimonioso) e **Profusão**, caracterizada pelo acréscimo de detalhes discursivos e ornamentais.

Por fim, a representação espacial define-se pela tensão entre **Planura** (fidelidade ao suporte bidimensional) e **Profundidade** (simulação de terceira dimensão via perspectiva). O esquema da **figura 13** sintetiza essas dinâmicas, integrando pares complementares como Agudeza/Difusão e Atividade/Estase, ilustrando como o arranjo sintático dos elementos básicos gera forças perceptivas distintas.

Figura 13: Painel de técnicas visuais (polaridades composicionais).



Fonte: Elaborado pelo autor (2025), baseado em Dondis (1997).

Ao sistematizar o alfabetismo visual, os elementos básicos (a sintaxe) e as técnicas (as polaridades composicionais), Dondis (1997) fornece uma metodologia universal e um vocabulário analítico para decompor, analisar e criar a comunicação visual. O quadro 03 a seguir resume a aplicação destes conceitos na estrutura de análise proposta:

Quadro 03: Aspectos inerentes ao modelo de Dondis (1997)

Categoria	Componentes / Polaridade	Função na Análise do Croqui (Ficha v2.0)
Elementos Básicos (Alfabeto Visual)	Ponto, Linha, Forma, Direção, Tom, Cor, Textura, Dimensão, Escala, Movimento.	Constituem a matéria-prima da imagem. Analisa-se <i>quais</i> recursos o desenhista utilizou (ex: uso predominante da linha ou da mancha/tom).
Técnicas Visuais (Estratégias de Composição)	Equilíbrio vs. Instabilidade	Avalia a estrutura composicional e a estabilidade psicológica da cena (Estatismo vs. Tensão).
	Regularidade vs. Irregularidade	Avalia a natureza do traço . Verifica se a execução busca o controle uniforme (regular) ou a gestualidade expressiva (irregular).
	Planura vs. Profundidade (Textura)	Avalia a qualidade tátil visual . Verifica se a superfície é tratada de forma plana (cor chapada) ou texturizada (hachuras/profundidade).
	Simplicidade vs. Complexidade	Avalia a carga de informação visual e o grau de detalhamento da obra.

Fonte: Dondis (1997)

2.2.1.2. *Sintaxe visual nos croquis*

A prática do croqui urbano não se resume a um registro aleatório da realidade; ela opera através de uma linguagem visual estruturada (Bower, 2022). Elementos como cor, forma, textura, linha e composição são manipulados intencionalmente pelos desenhistas para transmitir mensagens, destacar hierarquias e guiar o olhar do observador (Dondis, 1997) pela narrativa da cidade. Nesse contexto, a compreensão da sintaxe visual torna-se crucial para a análise desses registros gráficos, pois revela as estratégias de design subjacentes à espontaneidade do traço.

No croqui urbano, embora os desenhos sejam frequentemente executados de forma rápida *in loco*, eles dependem de uma organização sintática para serem comunicáveis (Thorspecken, 2015). O desenhista toma decisões constantes de composição: ao desenhar um edifício histórico ou uma praça, ele utiliza princípios de proporção para enfatizar determinados objetos, ou emprega o contraste de luz e sombra (claro-escuro) para criar profundidade e guiar a leitura da imagem (Bower, 2022). O equilíbrio na distribuição dos elementos visuais é essencial para garantir que a cena, mesmo complexa, não desorienta o observador (Dondis, 1997).

Além de organizar a informação espacial, a aplicação desses princípios sintáticos permite que o croqui transcenda a simples expressão subjetiva, tornando-se um veículo de documentação. Essa capacidade de síntese visual, onde a escolha técnica informa o significado, demonstra que esse registro possui uma gramática própria.

2.2.2. O Modelo analítico de Clive Ashwin e sua adaptação metodológica

A proposta de Clive Ashwin (1979) surge como resposta à insuficiência taxonômica da História da Arte tradicional para a análise da produção gráfica contemporânea. O autor argumenta que nomenclaturas eponímicas ou de época revelam-se imprecisas para descrever a complexidade da imagem moderna, exigindo um instrumento rigoroso de valoração estilística.

Para superar essa limitação, Ashwin (1979) fundamenta seu conceito de estilo na analogia culinária: a identidade gráfica não reside em categorias abstratas, mas na "**força relativa**" e no equilíbrio de variáveis visuais específicas. O estilo é compreendido, portanto, como o resultado da dosagem de componentes estruturais mensuráveis, deslocando o foco da análise semântica (conteúdo representacional) para a dimensão sintática (propriedades físicas e formais).

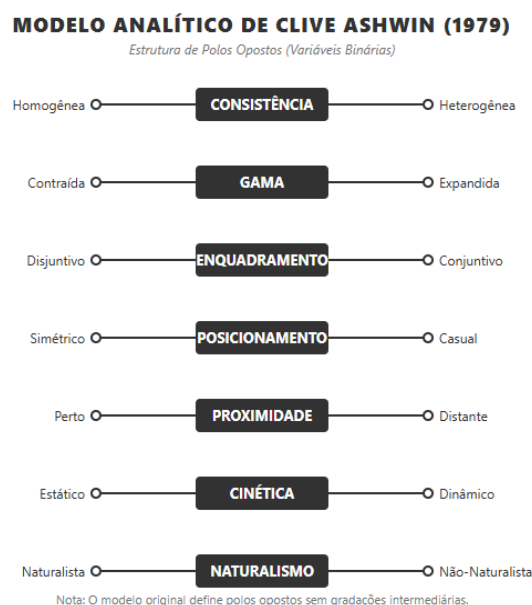
A operacionalização do método baseia-se na identificação de sete variáveis fundamentais, denominadas "**ingredientes de estilo**". Diferentemente de classificações estanques, cada variável configura um *continuum* delimitado por dois polos diametralmente opostos que mapeiam a execução técnica, a organização espacial e a mimese. A recorrência e a interação dessas dosagens na obra permitem a desconstrução sistemática do elemento gráfico, substituindo a abordagem impressionista pela definição estrutural do perfil estilístico.

No âmbito da técnica, a **Consistência** avalia a uniformidade do meio, oscilando entre o polo **Homogêneo** (técnica única) e o **Heterogêneo** (mescla de mídias, incluindo a inserção de texto). A profundidade sintática é medida pela **Gama**, que se estende da exploração **Expandida** (riqueza de detalhes e texturas) à **Contraída/Restrita** (simplificação visual).

A estruturação espacial define-se pelo **Enquadramento**, que analisa a relação figura-fundo: **Conjuntivo** quando a representação ocupa integralmente o suporte, e **Disjuntivo** quando a imagem flutua isolada sem contexto. A organização interna é regida pelo **Posicionamento** (ordem **Simétrica** versus aleatoriedade **Casual**) e pela **Proximidade** (escala **Perto** ou **Distante**), que determina a inferência de profundidade em relação ao observador.

Por fim, a dimensão representacional é qualificada pela **Cinética**, contrastando a sensação de ação (**Dinâmico**) com a captura estática da cena (**Estático**). O grau de verossimilhança é aferido pelo **Naturalismo**, que situa a obra entre a reprodução fiel da realidade (**Naturalista**) e as distorções ou combinações inverossímeis (**Não-Naturalista**).

Figura 14: As sete variáveis estilísticas (ingredientes de estilo) operando como *continuums* bipolares



A validade metodológica dos "ingredientes de estilo" reside na superação das taxonomias artísticas tradicionais. Segundo Silva e Coutinho (2022), o método permite a desconstrução do artefato, revelando o processo decisório consciente do ilustrador. A análise segmenta-se em três eixos operacionais: **processo construtivo** (consistência, gama, enquadramento), **imagem** (posicionamento, proximidade) e **mensagem** (cinética, naturalismo).

Contudo, a estrutura original de Ashwin (1979), baseada em polos binários estritos, apresenta limitações para a aferição de nuances. Para sanar a rigidez dos extremos absolutos, pesquisas subsequentes no campo da Memória Gráfica Brasileira promoveram adaptações instrumentais. Lócio e Waechter (2019) e Costa (2010) destacam que Coutinho em 2002, introduziu gradações intermediárias entre os polos, expandindo a capacidade avaliativa do modelo.

Essa evolução culminou na operacionalização de escalas numéricas de intensidade (escalas do tipo Likert). Conforme aplicado por Oliveira e Coutinho (2018) na análise de ilustrações de Antônio Vera Cruz, o desdobramento das variáveis em graus (de 1 a 4 ou "mais/menos intenso") permite classificar características sutis que não se encaixam na dicotomia original. Essa adaptação converte o método de Clive Ashwin em um arcabouço flexível, capaz de caracterizar o perfil estilístico com a objetividade necessária à pesquisa histórica e visual.

2.2.3. A metodologia de análise da imagem em Martine Joly

A compreensão da comunicação visual na sociedade contemporânea exige uma abordagem analítica rigorosa, capaz de decifrar o modo como a imagem veicula e transmite as suas mensagens (Joly, 1996). A metodologia proposta por Martine Joly, desenvolvida em sua obra *Introdução à Análise da Imagem*, estabelece um quadro teórico-operacional para a análise de mensagens visuais fixas, pautando-se nos pressupostos da semiótica para transcender a leitura meramente natural ou ingênua.

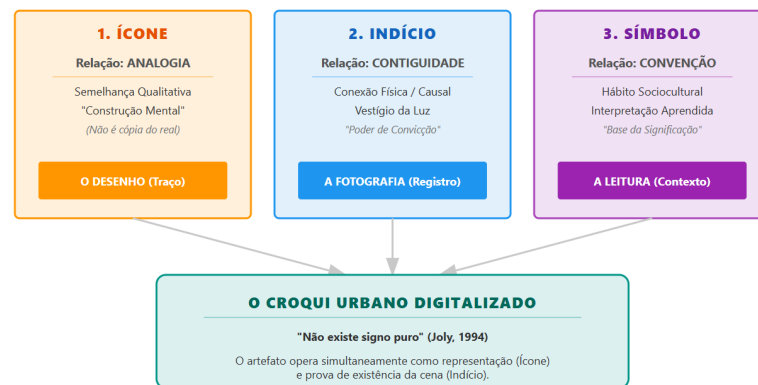
A metodologia de Martine Joly (1996) estabelece o quadro teórico-operacional para a decodificação da mensagem visual fixa. Fundamentada na semiótica, a abordagem transcende a leitura ingênua para investigar a produção de sentido, definindo a imagem como um sistema de signos regido, primariamente, pelo critério da analogia.

Para categorizar a relação entre significante e referente, a autora apropria-se da tipologia tríplice de Peirce (2005). O **Ícone** opera pela analogia qualitativa, entendida não

como cópia do real, mas como construção mental de semelhança. O **Indício** estabelece uma relação causal ou de contiguidade física (o vestígio), conferindo à imagem - notadamente à fotografia - o valor de "prova de existência" pela emanção da luz do objeto. Por fim, o **Símbolo** introduz a dimensão da convenção sociocultural, indispensável para a inteligibilidade de qualquer representação.

A articulação dessas categorias revela a complexidade do objeto, visto que "não existe signo puro, mas características dominantes" (Joly, 1996). Esta premissa é decisiva para a análise do croqui urbano digitalizado, conforme ilustra a **figura 15**. O croqui atua predominantemente como **Ícone** (mimese da paisagem), enquanto a fotografia do suporte (o caderno no local) opera como **Indício** (prova documental da presença).

Figura 15 - A tríade semiótica aplicada à natureza do croqui urbano digital.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025), baseado em Joly (1996).

2.2.3.1. Estrutura da mensagem visual e componentes analíticos

A análise semiológica de Joly (1996) define a imagem como uma mensagem heterogênea, resultante da articulação dinâmica entre três categorias de signos. A **Mensagem Linguística** atua como diretriz interpretativa, operando através de duas funções: a **ancoragem**, que fixa a cadeia flutuante de significados para orientar a leitura, e o **relé** (*relais*), onde texto e imagem se complementam fragmentariamente para construir uma narrativa sequencial - conceito fundamental para a análise do *storytelling* nos cadernos de viagem.

No plano visual, a autora estabelece uma distinção crucial entre o figurativo e o formal. Os **Signos Icônicos** correspondem aos motivos reconhecíveis que operam pela analogia, remetendo a significados de segundo nível (conotação) através da identificação

cultural do objeto. Já os **Signos Plásticos** englobam os utensílios formais (cor, textura, composição).

Diferentemente da abordagem de Dondis, que trata a morfologia como sintaxe estrutural, Joly (1996) investiga o signo plástico como portador de autonomia semântica. Para a autora, a escolha plástica (como uma textura áspera ou um traço trêmulo) não é apenas uma decisão estética, mas uma estratégia que produz significação conotativa antes mesmo da identificação figurativa do objeto.

Figura 16 - As três camadas de significação da imagem segundo Martine Joly.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025), baseado em Joly (1996).

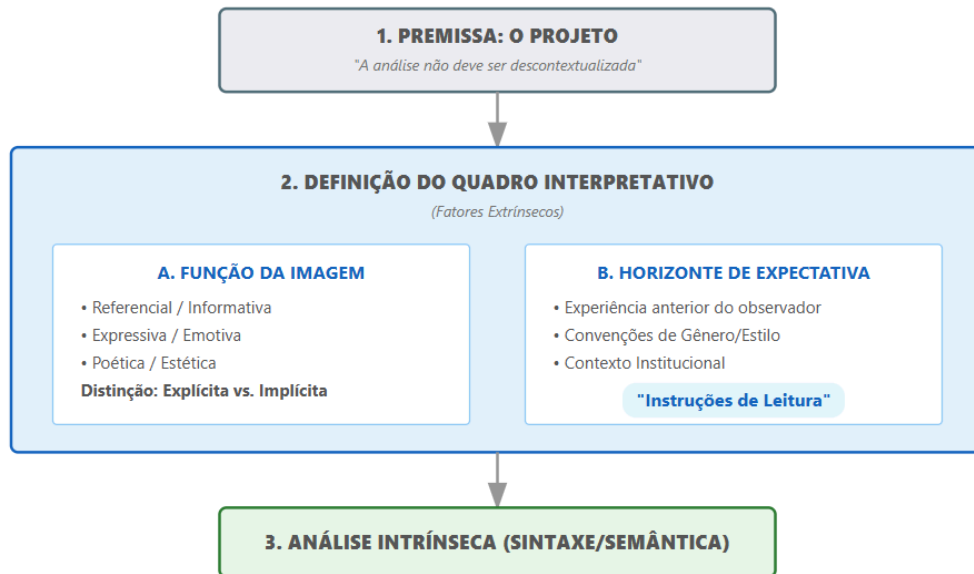
2.2.3.2. Os procedimentos operacionais da análise

A operacionalização do método de Joly (1996) rejeita a leitura descontextualizada para situar a análise estritamente "**ao serviço de um projeto**". Antes da dissecação intrínseca dos signos, o protocolo exige a definição do quadro interpretativo através da observação sistemática de fatores extrínsecos.

O primeiro vetor é a determinação da **Função da Imagem**. A análise deve classificar a predominância comunicativa da mensagem - se referencial, expressiva, conativa, fática ou poética -, uma vez que essa funcionalidade determina a hierarquia da significação e distingue as intenções explícitas das implícitas.

Simultaneamente, investiga-se o **Horizonte de Expectativa**. Na abordagem semiopragmática, a interpretação é condicionada pelo repertório do observador e pelas convenções de gênero (estilo, formato). O exame do contexto institucional é, portanto, indispensável para desvendar as **"instruções de leitura"** prévias que orientam a recepção da obra.

Figura 17 - Fluxograma dos procedimentos preliminares de análise da imagem.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025), baseado em Joly (1996).

2.2.4. O esquema de linguagem gráfica de Michael Twyman

Para compreender a complexidade da organização visual é necessário ultrapassar as categorias tradicionais que separam rigidamente texto e imagem. Nesse sentido, o modelo taxonômico desenvolvido por Michael Twyman, apresentado em seu estudo seminal *A Schema for the Study of Graphic Language* (1979), oferece um arcabouço teórico fundamental.

Diferentemente de abordagens que priorizam a estética ou o estilo, Twyman (1979) foca na **organização da informação**. Ele propõe uma matriz de análise que permite classificar qualquer artefato gráfico - desde um texto manuscrito até um mapa complexo ou uma pintura - a partir de duas variáveis estruturais: os **Modos de Simbolização** e os **Métodos de Configuração**. Esta abordagem é particularmente pertinente para esta pesquisa, pois os croquis urbanos frequentemente operam como sistemas híbridos onde o desenho e a anotação textual coexistem no espaço da página.

O primeiro eixo define a natureza semiótica do signo. Twyman identifica o modo **Verbal/Numérico**, pautado na linearidade da notação escrita, e o modo **Pictórico**, que opera pela semelhança analógica (mimese), onde se situa primariamente o desenho de observação. Distinto destes, o modo **Esquemático** abandona a verossimilhança visual para representar relações abstratas de dados.

Contudo, é no modo **Híbrido** que reside a pertinência central para o estudo. Twyman (1979) destaca a importância das zonas de intersecção onde imagem e texto operam conjuntamente - uma definição que enquadra precisamente a natureza dos cadernos de viagem, onde a anotação verbal e o registro visual coexistem para construir a narrativa do lugar.

2.2.4.1. *Os métodos de configuração (o eixo da organização espacial)*

O segundo eixo constitui a sintaxe espacial do arranjo visual. Twyman (1979) organiza as configurações em um *continuum* baseado no grau de linearidade imposto ao processo de leitura, oscilando entre o ditame de um caminho único e a liberdade exploratória absoluta.

No extremo do rigor sequencial, encontra-se a configuração **Linear Pura**, exemplificada por fitas de teletipo ou inscrições em espiral. Esta evolui para a **Linear Interrompida**, a forma padrão do texto em prosa, onde a quebra de linha se submete aos limites da página. À medida que a estrutura se complexifica, surgem os sistemas de acesso seletivo: a **Lista**, que introduz a varredura vertical através de itens; a **Ramificação Linear**, que oferece rotas alternativas visíveis em fluxogramas e árvores genealógicas; e a **Matriz**, organização bidimensional típica de tabelas de horários, que exige o cruzamento de eixos para a recuperação da informação.

No polo da liberdade espacial, o trajeto rígido dissolve-se. Na **Não-Linear de Visualização Dirigida**, comum na publicidade e capas de revistas, o autor manipula variáveis visuais para hierarquizar o percurso do olhar. Finalmente, a configuração **Não-Linear Aberta** concede autonomia máxima ao observador para navegar sem sequência predeterminada, lógica que rege os mapas geográficos e composições artísticas panorâmicas.

Quadro 04: Modelo de análise de Twyman (1979).

	MODOS DE SIMBOLIZAÇÃO			
MÉTODO DE CONFIGURAÇÃO	Verbal/Numérico	Pictórico e Verbal/Numérico Combinado	Pictórico	Esquemático

Linear Pura	Célula 1	Célula 8	Célula 15	Célula 22 (Ex.: Mapas de rota)
Linear Interrompida	Célula 2 (Ex.: Texto corrido)	Célula 9	Célula 16	Célula 23 (Ex.: Notação musical)
Lista	Célula 3	Célula 10 (Ex.: Chaves para mapas, guias de viagem)	Célula 17 (Ex.: Símbolos para viagens)	Célula 24 (Não foi encontrado exemplo)
Ramificação Linear	Célula 4	Célula 11 (Ex.: Múltiplas árvores de ocupação)	Célula 18 (Ex.: Árvore da indústria de laticínios)	Célula 25 (Ex.: Relação de línguas do mundo)
Matriz	Célula 5	Célula 12	Célula 19 (Raro) (Ex.: Ciclos de vida paralelos)	Célula 26
Não-Linear de Visualização Dirigida	Célula 6	Célula 13	Célula 20	Célula 27
Não-Linear Aberta	Célula 7	Célula 14	Célula 21	Célula 28

Fonte: Traduzido de Twyman (1979)

Além da sintaxe espacial, a abordagem de Twyman (1979) é essencialmente pragmática. A seleção do modo de configuração não é aleatória, mas subordinada à função comunicativa do artefato (prescritiva, descritiva ou expressiva). Conforme o autor, o repertório formal deve estar a serviço da estratégia de uso, onde a escolha técnica depende estritamente da **"natureza da informação a ser transmitida e do uso ao qual ela se destina"** (Twyman, 1979).

Essa dimensão funcional é decisiva para a análise da intencionalidade no croqui urbano. A aplicação da lógica de Twyman permite discernir se o croqui opera predominantemente como registro de informação visual sobre a cidade (função documental) ou como veículo de subjetividade autoral (função expressiva). O modelo oferece, assim, o suporte teórico para transcender a aparência superficial e investigar as estratégias de uso da imagem.

2.2.4.2. *Pertinência para a análise de croquis urbanos*

Quanto aos **Modos de Simbolização**, o croqui urbano transcende a categoria puramente 'Pictórica'. A inserção sistemática de metadados manuais (data, local, anotações sensoriais) desloca o objeto para o **Hibridismo Verbal/Pictórico**, exigindo do espectador

uma competência de leitura dual: a decodificação simultânea da iconicidade (imagem) e da simbolicidade (texto).

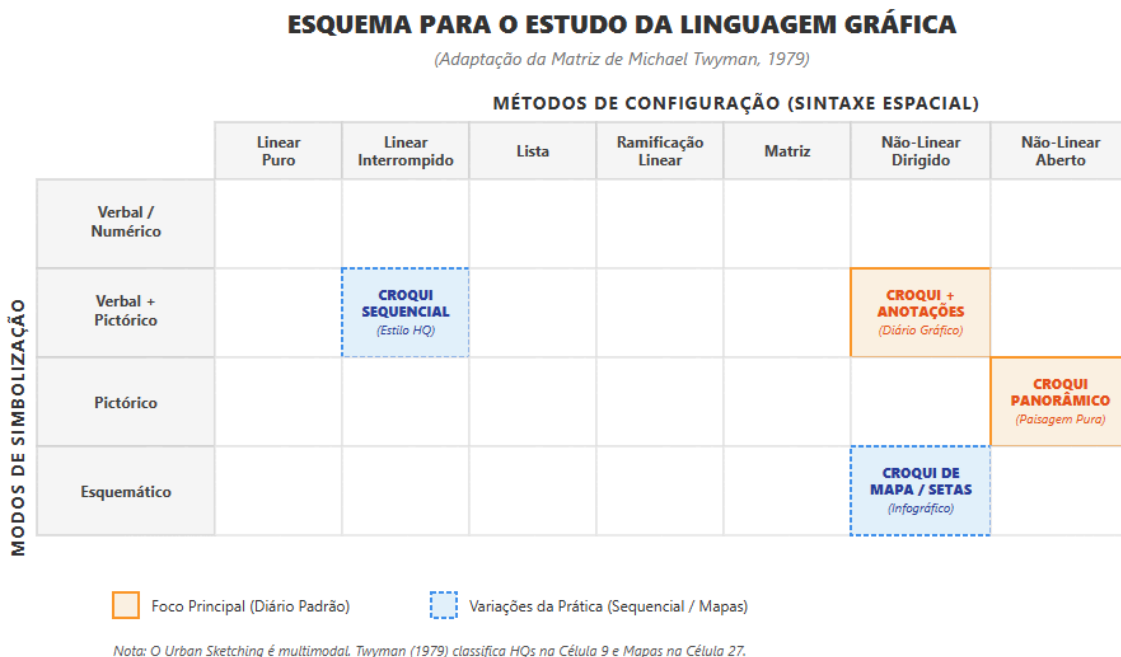
No eixo dos **Métodos de Configuração**, a diagramação da página opera como estratégia de design da informação:

- **Configuração Não-Linear Aberta:** Predominante em panoramas imersivos, caracteriza-se pela ausência de pontos de entrada ou saída fixos. A estrutura convida à 'deriva' visual, permitindo uma exploração holística dos elementos arquitetônicos.
- **Configuração Não-Linear Dirigida:** O desenhista atua como editor da experiência visual, orquestrando a hierarquia de leitura através de elementos esquemáticos (mapas mentais, setas, blocos de texto, contraste entre cores e gama). Estes componentes atuam como vetores de força visual, transformando o desenho de mera contemplação em instrumento de orientação espacial e percurso cognitivo.

A introdução de **croquis sequenciais** (quadros ou tiras) insere a variável da temporalidade, alterando o método para uma **Configuração Linear** (ou Linear Interrompida). Esta aproximação com a sintaxe das histórias em quadrinhos impõe uma cronologia de leitura, obrigando a reconstrução mental da narrativa do evento.

Conclui-se que a variabilidade configuracional não é meramente estilística, mas uma decisão funcional de Design da Informação: a morfologia da página (aberta, dirigida ou linear) é selecionada intuitivamente para codificar a natureza da experiência fenomenológica, seja ela uma estase contemplativa, um percurso geográfico ou um evento temporal.

Figura 18: O posicionamento do croqui urbano na interseção entre a configuração não-linear e o hibridismo verbal-pictórico, evidenciando a tensão entre representação e informação



Fonte: Elaborado pelo autor (2025), baseado em Twyman (1979).

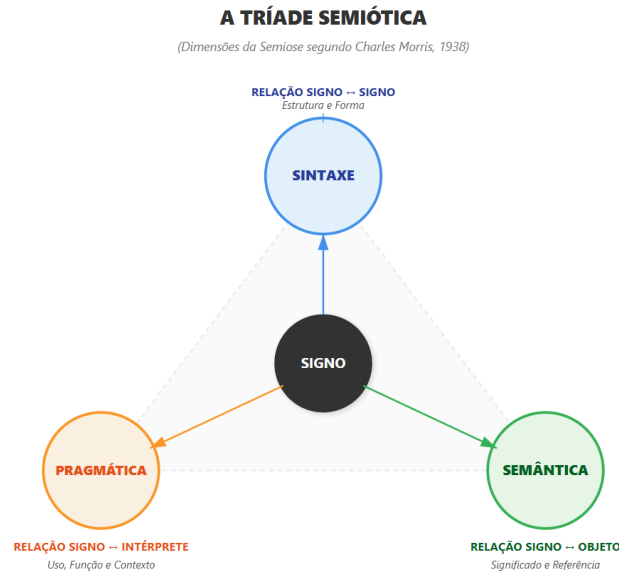
2.2.5. A tridimensionalidade do signo: Charles Morris

Para estabelecer a base estrutural da investigação, recorre-se à teoria geral dos signos de Charles William Morris (1985). Em texto originalmente publicado em 1938, o autor postula que a semiótica não se restringe ao estudo de objetos estáticos, mas investiga a **semiose** - o processo dinâmico no qual algo funciona como signo. Segundo Morris, esse processo é irreduzivelmente triádico, envolvendo três correlatos indispensáveis: o **veículo sígnico** (suporte material), o **designatum** (objeto referido) e o **interpretante** (efeito no agente). Essa concepção processual é fundamental para o estudo, pois permite compreender o croqui urbano não apenas como artefato físico, mas como uma mediação complexa entre o desenhador, a cidade e o leitor.

Embora esses componentes operem indissociavelmente na realidade concreta da comunicação, Morris argumenta que a análise científica exige a abstração metodológica de relações específicas. É dessa necessidade que emergem as três dimensões clássicas: **Sintaxe, Semântica e Pragmática**.

Para a análise de objetos gráficos, essa tripartição é estratégica. Ela evita a **contaminação cruzada de critérios**, impedindo que a avaliação da qualidade estética do traço (nível sintático) interfira no julgamento sobre a precisão documental da representação (nível semântico).

Figura 19: As três dimensões irreduzíveis da semiose (Morris, 1985): gramática formal (Sintaxe), relação referencial (Semântica) e função interpretativa (Pragmática).



A abstração metodológica proposta por Morris (1985) permite isolar variáveis analíticas para evitar a contaminação cruzada de critérios.

- **Sintaxe (a gramática da forma):** Estuda as "relações formais dos signos uns com os outros", abstraindo o referente. Na análise visual, foca na morfologia e na organização plástica (linha, cor, composição). Trata-se da gramática da imagem, onde se avalia a consistência interna do "texto visual" e o virtuosismo técnico, independentemente do que está sendo representado.
- **Semântica (A fidelidade referencial):** Investiga as "relações dos signos com os objetos", introduzindo noções de denotação e verdade. Este é o *locus* da análise documental: transcende-se a forma para questionar o grau de fidelidade com que o signo mimetiza o patrimônio edificado, verificando a correlação documental entre o desenho (signo) e a cidade (objeto).
- **Pragmática (a intencionalidade do uso):** Analisa a "relação dos signos com seus intérpretes", deslocando o foco para a eficácia comunicativa. Para a prática do croqui urbano, esta é a chave para discernir propósitos: o desenho busca predominantemente documentar (função informativa) ou expressar uma experiência subjetiva (função estética)?

A recuperação desta tríade não constitui mero formalismo, mas uma estratégia necessária para dissolver ambiguidades analíticas. Frequentemente, corre-se o risco de

confundir virtuosismo técnico com valor documental. A teoria desse autor atua como salvaguarda, permitindo reconhecer, por exemplo, que um croqui pode ser **sintaticamente "ruidoso"** (traço gestual, rápido ou "feio") e, simultaneamente, **semanticamente preciso** (fiel à estrutura do edifício).

Essa clareza epistemológica, que separa a qualidade da forma da veracidade do conteúdo, estabelece o pré-requisito indispensável para a aplicação de modelos específicos do Design, como a matriz analítica desenvolvida por Evelyn Goldsmith, abordada na sequência.

2.2.6. A Matriz analítica de Evelyn Goldsmith: Unidade, Ênfase e Paralelos Textuais

Diferentemente da abordagem formalista de Dondis e Ashwin, Goldsmith (1980) desloca o foco analítico para a eficácia comunicativa, estabelecendo a **compreensibilidade** (*comprehensibility*) como critério central. Na obra *Comprehensibility of Illustration*, a imagem documental/instrucional é definida não como expressão estética subjetiva, mas como suporte informacional que exige transmissão inequívoca de dados.

A operacionalização metodológica sistematiza-se numa Matriz Analítica que cruza a tríade semiótica de Morris (1985) - Sintaxe, Semântica e Pragmática - com quatro fatores visuais determinantes: **Unidade, Localização, Ênfase e Paralelos Textuais**. Desta interseção resultam doze variáveis de análise que permitem dissecar a ilustração desde a organização física até a interdependência verbo-visual, garantindo a avaliação simultânea da coerência interna e da função comunicativa.

No âmbito dos princípios organizadores, definem-se:

1. **Unidade:** Refere-se à coesão do sistema. No nível *sintático*, avalia a aglutinação eficaz de manchas e traços para constituir figuras; no nível *semântico*, verifica se tais figuras formam objetos plausíveis e identificáveis.
2. **Localização:** Examina as relações espaciais, compreendendo tanto a disposição bidimensional dos elementos na página (layout) quanto as relações topológicas entre os objetos na cena representada.
3. **Ênfase:** Determina a hierarquia visual. Analisa os mecanismos técnicos (contraste, escala, isolamento) utilizados pelo ilustrador para conduzir a atenção e o percurso de leitura do observador.
4. **Paralelos Textuais (*Text Parallels*):** Constitui o vetor de ancoragem semântica. Goldsmith postula que a compreensibilidade da imagem documental depende da sua interação com o texto adjacente (legendas, notas, datações). Sob esta ótica, o conjunto

desenho-texto é analisado não como soma de elementos díspares, mas como unidade semântica integrada, onde o verbal restringe e orienta a polissemia do visual.

Para o croqui urbano, estes critérios instrumentam a análise dos processos de seleção e enquadramento, decodificando a transformação da complexidade visual da cidade em composição ordenada.

Figura 20: Matriz de Goldsmith (1980): interseção entre níveis semióticos e fatores visuais, com ênfase na ancoragem pelos Paralelos Textuais.

	NÍVEIS SEMIÓTICOS (Dimensões de Significação)		
	SINTÁTICO (Estrutura Formal)	SEMÂNTICO (Conteúdo/Referente)	PRAGMÁTICO (Contexto/Intenção)
UNIDADE (Coesão dos elementos)	Consistência Estilística Ex: Uniformidade do traço, paleta de cores limitada. 1	Coerência Temática Ex: Elementos pertencem à mesma cena (ex: praça). 2	Identidade do Autor Ex: Estilo "assinatura" reconhecível do artista. 3
LOCALIZAÇÃO (Relações Espaciais)	Composição na Página Ex: Regra dos terços, diagramação na folha dupla. 4	Lógica Espacial Ex: Perspectiva correta, profundidade e escala. 5	Contexto de Uso Ex: Espaço deixado para carimbo ou data. 6
ÊNFASE (Hierarquia Visual)	Contraste Visual Ex: Peso da linha, cor saturada no foco. 7	Foco Narrativo Ex: Destaque no edifício principal vs. entorno. 8	Intenção Comunicativa Ex: O que o desenhista quis valorizar na memória. 9
PARALELOS TEXTUAIS (Relação Imagem-Texto)	Tipografia / Layout Ex: Estilo da caligrafia, balões de fala. 10	Ancoragem (Barthes) Ex: Legenda explicando o local desenhado. 11	Registro Sensorial Ex: Notas sobre cheiros, clima ou sentimentos. 12

Fonte: Elaborado pelo autor (2025), baseado em Goldsmith (1980).

A relevância de Goldsmith (1980) para este estudo transcende a taxonomia visual: a autora fornece a validação epistemológica para a hibridização metodológica. Ao sugerir explicitamente que seu modelo cognitivo-comunicacional deve ser "integrado às propostas de Ashwin", a autora legitima a arquitetura do instrumento de análise na versão 2. Nesta estrutura, a matriz semiótica atua como o esqueleto (níveis de significação) que organiza as variáveis morfológicas e estilísticas de Dondis e Ashwin, fundamentando o **Arcabouço Integrador** detalhado na seção 2.3.

2.2.7. Distinções e convergências conceituais entre os modelos

A integração de matrizes teóricas heterogêneas - como a estilística de Ashwin (1979), a semiótica de Joly (1996), o formalismo de Dondis (1997) e a pragmática de Twyman (1979) - exige rigorosa compatibilização terminológica. Embora a literatura corrobore o desenvolvimento de "métodos híbridos" para enfrentar a complexidade da cultura visual digital (Lócio e Waechter, 2019; Dugnani et al., 2017), a simples justaposição de variáveis gera dissonância epistemológica. O vocabulário similar frequentemente mascara definições

operacionais distintas, impondo a necessidade de desambiguação conceitual prévia à construção instrumental.

A primeira distinção crítica reside na tensão entre a lógica da cena e a mimese da forma. O conceito de **Naturalismo** em Clive Ashwin (1979) refere-se estritamente à **verossimilhança lógica**, avaliando se o evento representado obedece às leis físicas e causais do mundo real, independentemente do grau de abstração do traço. Em contraste, a semiótica de Martine Joly (1996) ancora o **Realismo** (ou Iconicidade) na **fidelidade formal**, mensurando a acurácia visual entre o signo e seu referente. Portanto, enquanto Ashwin (1979) analisa a coerência interna da narrativa, Joly (1996) escrutina a precisão morfológica da representação.

No que tange à Organização Espacial, a convergência entre o "Posicionamento" (Ashwin) e o "Equilíbrio" (Dondis/Joly) exigiu a integração de perspectivas complementares sobre a estabilidade visual. Enquanto Ashwin (1979) trata a simetria como uma categoria estilística de arranjo - polarizada entre a ordenação rígida e a casualidade espontânea -, Dondis (1997) define o equilíbrio como um imperativo físico-psicológico da percepção, onde a simetria atua como técnica para o estado estático e a assimetria para o dinâmico.

Paralelamente, a análise da Carga Informacional conciliou a "Gama" de Ashwin (1979) com a polaridade "Simplicidade/Complexidade" de Dondis (1997), resolvendo a dicotomia entre técnica e percepção. A distinção reside no *locus* da análise: o modelo de Ashwin (1979) foca no meio, definindo a Gama como a extensão do vocabulário gráfico (repertório de tons e texturas), ao passo que Dondis (1997) foca no resultado, mensurando a Complexidade pelo esforço cognitivo exigido na decodificação de unidades visuais.

Por fim, a análise da Estrutura da Forma demandou a dissociação operatória entre a "Morfologia" de Dondis (1997) e a "Mensagem Plástica" de Joly (1996), incidindo sobre a função atribuída aos elementos visuais básicos. Enquanto Dondis (1997) concebe a morfologia como "blocos de construção" de uma gramática estrutural voltada à clareza técnica e comunicativa, Joly (1996) postula que a Mensagem Plástica opera no nível do significante, gerando sentido intrínseco e atmosférico anterior à própria identificação icônica.

2.3. Um Arcabouço Integrador: Sintaxe, Semântica e Pragmática

A complexidade do croqui urbano exige uma estrutura capaz de orquestrar variáveis heterogêneas num sistema coerente. Adota-se a tridimensionalidade semiótica de Morris (1985) como eixo estruturante, validada metodologicamente para o Design da Informação

pela matriz de Goldsmith (1980), conforme detalhado na Subseção 2.2.6. Esta arquitetura reorganiza os modelos gráficos isolados em três níveis hierárquicos de interdependência.

2.3.1. A Dimensão Sintática: a gramática da forma

Este nível funde a morfologia estrutural de Dondis (1997) com as métricas de execução de Ashwin (1979). A integração teórica articula as categorias de manipulação das forças composicionais (equilíbrio, tensão, aguçamento) à qualificação da consistência técnica e complexidade do traço. O foco incide estritamente sobre a sintaxe visual, estabelecendo critérios para avaliar se a construção gráfica obedece a uma estrutura controlada ou gestual, independentemente de sua função representacional.

2.3.2. A Dimensão Semântica: a representação e a referencialidade

Este nível fundamenta-se na dialética imagem-linguagem de Joly (1996), tratando o conjunto gráfico-textual como unidade indissociável de significação. A abordagem transcende a análise isolada da ilustração para integrar elementos verbais - datas, geolocalização e legendas - como âncoras documentais redutoras da polissemia visual. Teoricamente, postula-se que o texto não apenas complementa, mas ancora o sentido da imagem, validando o estatuto do croqui como registro de memória e documento situacional.

2.3.3. A Dimensão Pragmática: estratégia e funcionalidade

O eixo pragmático mobiliza as categorias de configuração de Twyman (1979) para diagnosticar a interface entre o artefato e o usuário. A estruturação teórica distingue a intencionalidade estratégica entre Função Persuasiva (impacto retórico) e Função Informativa (precisão de dados). Simultaneamente, aplica-se o conceito de Estratégia de Configuração para determinar se o acesso à informação ocorre de modo Sinótico (global) ou Sequencial (dirigido), definindo a lógica de gerenciamento da rota de leitura e hierarquia da informação.

2.4. Revisão de literatura

A revisão da literatura especializada no campo do Design priorizou a identificação de modelos analíticos voltados à sistematização da leitura de artefatos visuais, visando superar o empirismo intuitivo em favor de processos de decodificação taxonômica. O cenário brasileiro evidencia a consolidação de instrumentos estruturados de coleta de dados ("fichas de análise") que viabilizam a quantificação de variáveis qualitativas e a comparabilidade de acervos. Neste

contexto, a padronização instrumental proposta por Moreira e Fonseca (2017) e a modelagem de catalogação de Coutinho e Lima (2015) estabelecem o precedente metodológico para o tratamento de grandes volumes de informação visual, corroborando a premissa de que a especificidade do suporte exige a adaptação rigorosa da ferramenta de coleta.

No âmbito específico da representação gráfica manual, a literatura demanda instrumentos aptos a capturar a dualidade entre estrutura formal e expressividade. A apropriação de modelos teóricos clássicos demonstra eficácia operacional para este fim: enquanto Oliveira e Coutinho (2018) validam as categorias estilísticas de Clive Ashwin - como naturalismo e complexidade - para a dissecação morfológica de ilustrações, Silva e Coutinho (2022) expandem essa fronteira ao propor a hibridização com a semiótica de Martine Joly. Essa progressão teórica evidencia que a densidade interpretativa da imagem desenhada não é satisfeita por análises isoladas, exigindo a articulação robusta entre a sintaxe do traço e a semântica da representação.

Complementarmente à dimensão estilística, o desenho configura-se como ferramenta cognitiva de apreensão espacial. Tata (2023) e Pereira (2018) convergem ao refutar o croqui urbano como registro passivo, redefinindo-o como método ativo de investigação histórica e fenomenológica. Sob esta ótica, a grafia constitui o índice da experiência corpórea do sujeito no território, o que impõe a necessidade de um protocolo analítico capaz de transcender a métrica técnica para incorporar a subjetividade inerente à vivência urbana registrada no papel.

2.4.1. A sistematização através de instrumentos de análise híbridos

No âmbito do Design da Informação, o enfrentamento da complexidade visual é operacionalizado através de matrizes estruturadas de coleta de dados. A literatura valida a estratégia de hibridização teórica como resposta à insuficiência de autores isolados, sendo o estudo de Lócio e Waechter (2019) paradigmático neste sentido. Ao sistematizarem a fusão de parâmetros estilísticos (Ashwin), semânticos (Joly) e formais, os autores legitimam metodologicamente o protocolo de "reconstrução instrumental" adotado nesta pesquisa. Adicionalmente, a aplicação bem-sucedida desses modelos a objetos impressos heterogêneos - como rótulos (Coutinho e Lima, 2015) e capas de discos (Moretto e Farias, 2021) - comprova a transferibilidade da lógica estrutural, fundamentando a conversão da linguagem visual em dados categorizáveis passíveis de tratamento taxonômico e comparativo.

Entretanto, a incidência desses métodos sobre o objeto "croqui urbano" revela uma assimetria na produção científica contemporânea. A Revisão Sistemática da Literatura (RSL)

diagnosticou que o corpus existente privilegia dimensões sociológicas, educacionais e fenomenológicas em detrimento da análise gráfica sistemática. Enquanto Valgas (2018; 2019) explora a sociabilidade do movimento *USk* e Silva e Nogueira (2020) investigam seu potencial na educação patrimonial, Tata (2023) e Pereira (2018) concentram-se na leitura espacial e na subjetividade do registro. Embora fundamentais para a compreensão do fenômeno, estes trabalhos negligenciam a morfologia do traço como dado científico, sublinhando a urgência de um instrumento capaz de decodificar a sintaxe visual e a estratégia pragmática do desenho para além de suas implicações sociais.

O croqui permanece tratado predominantemente como meio de observação ou subproduto de interação social, ratificando o diagnóstico de Dugnani et al. (2017) sobre o descompasso entre a expansão da circulação imagética digital e a estagnação dos métodos analíticos. A dissertação intervém nesta assimetria ao adaptar o rigor taxonômico das matrizes de design à especificidade expressiva do desenho manual.

Conforme sistematizado na **figura 21**, a operacionalização da Ficha de Análise v2.0 transcende a justaposição autoral para configurar um sistema semiótico integrado. A tríade de Morris (1985) articula a morfologia de Dondis (1997) e Ashwin (1979) (Sintaxe), a referencialidade de Joly (1996) e Goldsmith (1980) (Semântica) e a estratégia de Twyman (1979) (Pragmática), através de uma taxonomia própria para o artefato híbrido, distinta dos modelos existentes para impressos e ilustrações editoriais.

Figura 21- Matriz de Integração Teórica: da Semiótica ao instrumento de análise.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Caracterização da pesquisa

A investigação adota uma **abordagem qualitativa**, justificada pela natureza do objeto de estudo - a linguagem visual do croqui urbano, mediado pela fotografia. Sua análise exige interpretação hermenêutica e semiótica, não quantificação. Segundo Gil (2002), esta abordagem é ideal para compreender significados, focando na interpretação profunda de variáveis gráficas, em vez de generalizações estatísticas.

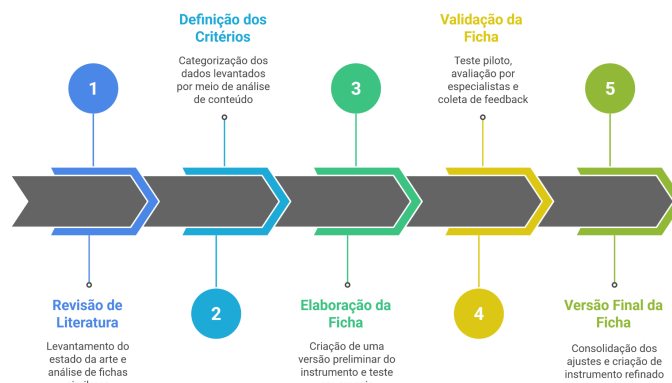
A pesquisa é de natureza **aplicada**, pois, em vez de apenas gerar conhecimento teórico, visa a solução do problema prático da falta de instrumentação para análise de croquis digitais. Conforme Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa aplicada foca em soluções específicas, concretizadas aqui no desenvolvimento do instrumento metodológico.

Em relação aos objetivos, a pesquisa assume caráter **exploratório e descritivo** (Gil, 2002). É **exploratória** pois investiga um fenômeno pouco sistematizado - a representação do croqui urbano em redes sociais -, construindo hipóteses onde há escassa teorização prévia. Simultaneamente, é **descritiva**, pois registra e correlaciona as características do *corpus* sem manipulá-las, descrevendo as características de determinada população ou fenômeno (Gil, 2002).

Quanto aos procedimentos técnicos, a investigação adota a estratégia da **Design Science Research (DSR)** (Dresch; Lacerda; Antunes Júnior, 2015). Diferente do estudo de caso tradicional, que se volta primariamente à observação de um fenômeno, a DSR orienta-se para o projeto e criação de um **artefato** - neste trabalho, a Ficha de Análise - destinado a resolver um problema de classe (a análise gráfica de imagens) (Hevner et al., 2004). A aplicação do instrumento junto ao grupo *USk-SLZ* constitui, portanto, a etapa de validação do artefato proposto, cumprindo o ciclo de construção de conhecimento projetual preconizado por Dresch, Lacerda e Antunes Júnior (2015).

O fluxo procedimental (Figura 36) estrutura-se em cinco etapas de desenvolvimento incremental. A **fase de concepção** integrou a revisão bibliográfica à análise de conteúdo para a modelagem do instrumento-protótipo (v1.0). A **fase de verificação** submeteu o modelo ao teste-piloto e à validação por um Painel de Especialistas (n=9). A **fase de consolidação** processou o refinamento das variáveis para a definição da Versão 2.0, fundamentando a ferramenta na calibração empírica e na revisão por pares.

Figura 22: Etapas metodológicas na construção da ficha de análise



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

3.2. O Corpus Analítico

O *corpus* constitui-se por amostragem intencional não probabilística, totalizando dez representações fotográficas de autoria de cinco integrantes do núcleo USk-SLZ. A seleção priorizou a representatividade qualitativa sobre a exaustividade estatística, objetivando estritamente a verificação de aplicabilidade do instrumento perante singularidades expressivas. O recorte amostral, limitado a dois exemplares por autor, balanceia a diversidade estilística necessária à validação com a economia processual exigida nesta fase de calibragem metodológica.

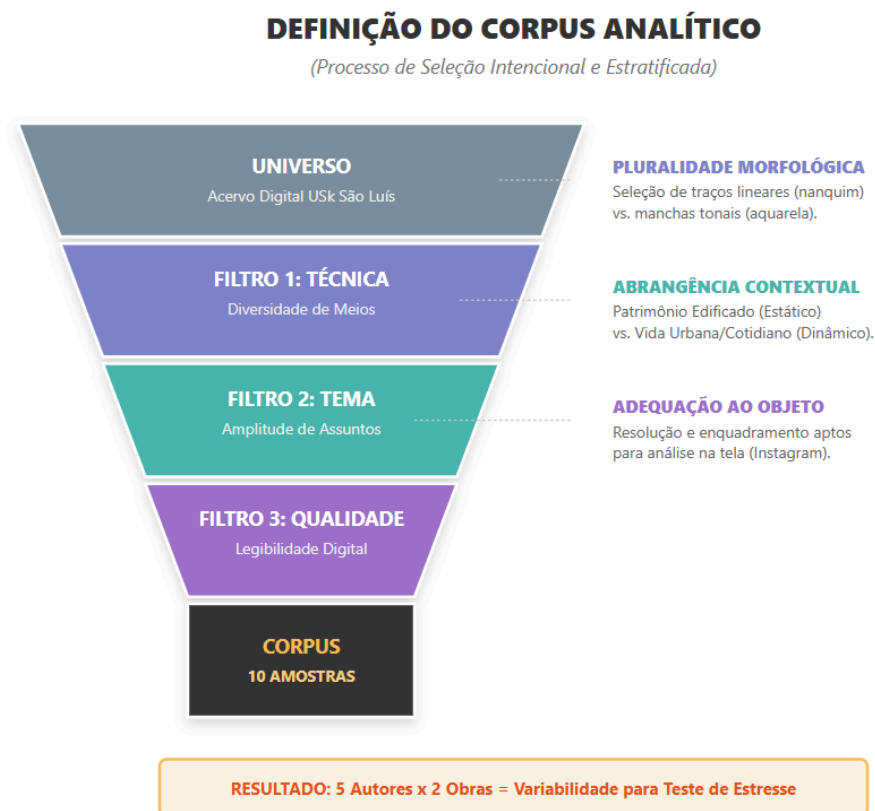
A coleta operou-se diretamente no repositório digital (Instagram), assumindo a imagem disseminada como o artefato primário de memória em circulação. Não obstante as camadas de mediação impostas pela interface (filtros, compressão, enquadramento), o exame analítico isola a linguagem gráfica do croqui representado, abstraindo deliberadamente as dinâmicas de interação, engajamento ou ciberestética da plataforma.

A constituição do *corpus* obedeceu a critérios de inclusão, desenhados para verificar a elasticidade do instrumento analítico frente a heterogeneidade da produção gráfica. A **diversidade técnica** e a **amplitude temática** foram mobilizadas para confrontar vocabulários distintos: a amostra justapõe o rigor linear do nanquim (Taty de Medeiros) à mancha expressiva da aquarela (Alex Soares, Regina Borba), e contrapõe o registro monumental e arquitetônico (Tarsis Aires) à crônica dinâmica do cotidiano (Roseane). Essa variação intencional submete a ficha a um teste de abrangência, validando sua aptidão para decodificar morfologias e semânticas divergentes.

Simultaneamente, a **qualidade da representação digital** atuou como filtro de pré-requisito. Selecionaram-se exclusivamente imagens com resolução e enquadramento compatíveis com a leitura de detalhes gráficos, reiterando a premissa de que a análise incide

sobre a fotografia do croqui em caderno ou folha avulsa e não sobre o suporte físico original. O cruzamento destes vetores (sintetizado na **figura 23**) resultou na definição do grupo amostral final, garantindo a densidade necessária para a etapa de validação metodológica.

Figura 23: Funil de filtragem amostral: aplicação dos critérios de inclusão técnica, temática e de qualidade digital.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

3.2.1. Diversidade temática e enquadramento

A seleção do *corpus* pauta-se pela abrangência de escalas e enquadramentos, variando da monumentalidade arquitetônica ao recorte intimista. As amostras de Tarsis Aires (figura 24) e Roseane Bastos (figura 25) foram integradas por representarem polos distintos da documentação patrimonial: a fachada neoclássica de grande porte e a micro-paisagem dos detalhes construtivos (esquadrias e estatuária).

Figura 24: A monumentalidade arquitetônica e a escala urbana no traço de Tarsis Aires.



Fonte: Instagram 2025

Figura 25: Registro da micro-paisagem: o detalhe construtivo e a estatuária na obra de Roseane Bastos.



Fonte: Instagram 2025

Para a validação da análise de fluxos e dinâmicas sociais no espaço público, incluíram-se os registros de Alex Soares e Regina Borba (figura 26 e 27). Estes exemplares servem como unidades de teste para a capacidade do instrumento em processar a relação entre a estática arquitetônica e a cinética dos transeuntes, bem como a atmosfera imaterial das relações de trabalho informal.

Figura 26: Dinâmica social: a relação entre a estática arquitetônica e o fluxo de transeuntes de Alex Soares.



Fonte: Instagram 2025

Figura 27: Atmosfera imaterial: o registro do comércio informal e da apropriação do espaço (Regina Borba).

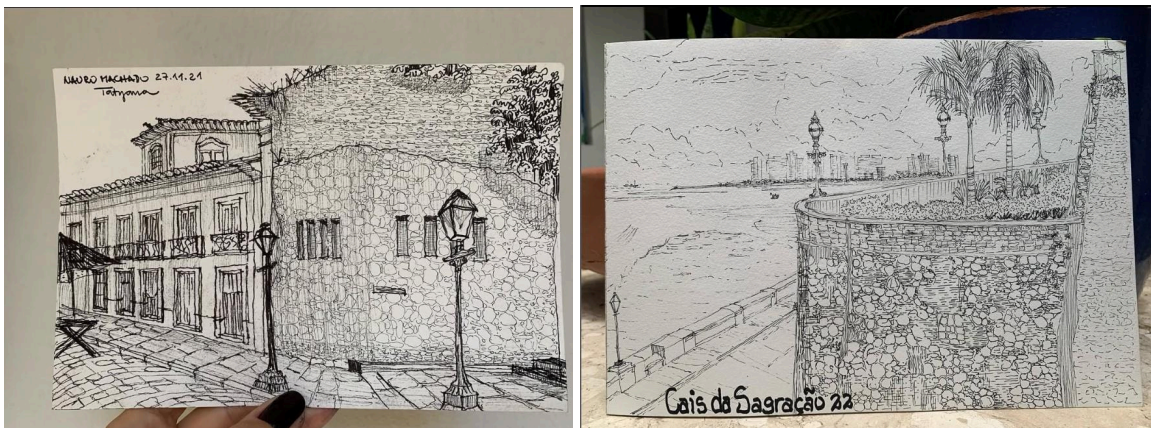


Fonte: Instagram 2025

3.2.2. Pluralidade técnica e morfológica

A heterogeneidade técnica das amostras é requisito para testar a robustez e a universalidade da ficha analítica. A composição das amostras asseguram o contraste entre gramáticas visuais distintas: a precisão do traço linear e das texturas hachuradas em nanquim (Taty de Medeiros, figura 28) frente à expansão da mancha e da saturação cromática da aquarela (Regina Borba, figura 29). Este gradiente morfológico é indispensável para calibrar os descritores de 'traço' e 'mancha' dentro do instrumento de coleta de dados.

Figura 28: Morfologia linear: a precisão do traço e a textura hachurada em nanquim (Taty Medeiros).



Fonte: Instagram 2025

Figura 29: Morfologia pictórica: a expansão da mancha e a saturação cromática da aquarela (Regina Borba).



Fonte: Instagram 2025

3.2.3. Questões éticas

Por fim, reitera-se que o delineamento da pesquisa, ao focar na análise de documentos visuais públicos, não envolve a coleta de dados sensíveis ou intervenção direta sobre seres humanos. Em conformidade com a Lei nº 14.874, os desenhistas urbanos cujas obras compõem o *corpus* não são caracterizados como participantes de pesquisa clínica ou sociológica, mas sim como autores dos registros gráficos que constituem o objeto material desta investigação metodológica.

3.3. Desenvolvimento do instrumento-protótipo

A construção do instrumento-protótipo obedeceu a um ciclo iterativo de refinamento operacional, visando a adaptação de metodologias consolidadas à complexidade do croqui urbano. A evolução do suporte de coleta - transitando de tabelas estáticas para planilhas eletrônicas com vocabulário controlado (Google Planilhas) - respondeu à necessidade de garantir a padronização taxonômica e a agilidade na comparação sistemática dos dados.

A arquitetura teórica da **Versão 1.0** fundamentou-se na integração de três eixos: a estilística (Ashwin), a semântica (Joly) e a configuração (Twyman). A pertinência desta hibridização foi corroborada por um exercício analítico preliminar (detalhado no **Apêndice 01**), onde a aplicação isolada dos modelos evidenciou suas limitações intrínsecas - a cegueira contextual da sintaxe pura e a falta de granularidade técnica da semiótica geral -, validando a exigência de uma matriz integradora. Nesta etapa experimental, o modelo de Twyman foi hipoteticamente expandido para abarcar categorias de análise morfológica (traço, textura,

cor), uma construção teórica submetida ao teste de consistência pelo painel de especialistas (cujos desdobramentos de revisão conceitual serão abordados no Capítulo 4).


No que tange ao sistema de mensuração, para o protótipo, inicialmente adotou-se uma **escala de valores contínua** (gradiente de -4 a +4). A expansão dos polos binários originais de Ashwin (1979) para níveis intermediários alinha-se às diretrizes de Lócio e Waechter (2019) e Moreira e Fonseca (2017), assegurando a precisão na captura de nuances estilísticas e superando a rigidez de categorias dicotômicas.

3.3.1. Seção 01 - Informações gerais

A estrutura inicial do instrumento foi desenhada para assegurar a rastreabilidade e a catalogação sistêmica do croqui na base de dados. Transcendendo a função de cabeçalho, esta etapa coleta os metadados essenciais que fundamentam a análise comparativa: a **Autoria**, a **Data de Produção** (chave para a análise diacrônica da paisagem) e a **Localização** (referência topológica do objeto representado). Complementarmente, mapeia-se o contexto social de produção através das variáveis **Grupo** e **Evento**, permitindo correlacionar influências estilísticas derivadas de coletivos ou de dinâmicas de encontros *in loco*.

Para garantir a integridade e a recuperação do acervo digital, estabeleceu-se um protocolo rígido de **Nomenclatura de Arquivo** - adotando o padrão taxonômico **SIGLA_ANO_MÊS_LOCAL_CATEGORIA_AUTOR** - associado ao registro da **Fonte de Coleta** (Link/Plataforma), assegurando a perenidade do vínculo com a origem da imagem (figura 30).

Figura 30: Recorte da seção 1 da ficha de análise da fotografia croqui de Raro de Oliveira (2025)

Ficha de análise gráfica de urban sketching nº 01					
					
1. Informações gerais					
Autor:	Raro de Oliveira	Data de produção:	11 de maio de 2024	Localização:	Largo da Ordem, Curitiba, Paraná, Brasil
Grupo:	Não informado	Evento:	Não informado	Nome do arquivo:	CUR_2024_05_LargoDaOrdem_Fachadas_RaroOliveira_01
Fonte da coleta:	Instagram (@rarodeoliveira)	Link:	https://www.instagram.com/rarodeoliveira/	Ficha nº	1

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

3.3.2. Seção 02 - Materiais utilizados

A segunda etapa do instrumento mapeia a dimensão plástica do objeto. Considerando a mediação fotográfica do *corpus*, a coleta de dados opera por **inferência morfológica** dos vestígios visuais, estruturando-se em uma categorização tripartida. A variável **Instrumentos** identifica as ferramentas de inscrição, deduzidas tanto pelas qualidades do traço quanto pela sua "presença cênica" na composição da fotografia (ex: canetas e estojos incluídos no enquadramento). Simultaneamente, o campo **Suporte** distingue a natureza do substrato - classificando-o entre cadernos (diários gráficos), blocos ou folhas soltas - através da leitura de elementos físicos como lombadas, espirais e gramaturas. Por fim, a **Técnica** buscou classificar o procedimento gráfico predominante (linear, aguada ou mista), permitindo correlacionar a escolha material à intencionalidade expressiva do registro.

Figura 31: Aplicação da Seção 2: Decomposição da morfologia técnica e material.

2. Materiais utilizados					
Com o que se desenha		Sobre o que se desenha		Técnica	
Ferramentas secas		Cadernos de desenho (Sketchbooks)	Cadernos artesan... Papel texturizado	Técnicas de desenho e pintura	Linha expressiva Aguada de aq...
Canetas e marcadores	Bico de pena	Papéis avulsos			
Tintas	Tinta nanquim	Materiais alternativos			

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

3.3.3. Seção 03 - Contexto da produção

O terceiro eixo estrutural situa o croqui na malha sociocultural, categorizando os vetores de seleção e interpretação da paisagem. A taxonomia proposta articula-se em cinco dimensões operacionais que transgridem a simples catalogação física. No espectro da morfologia, distinguem-se a **Arquitetura e Patrimônio Edificado** - focada na morfologia histórica e nos detalhes construtivos (de fachadas a ruínas) - e os **Espaços Públicos**, que documentam o "recipiente" urbano (praças, vias e mobiliário) e seus modos de ocupação.

Na camada imaterial e dinâmica, o instrumento mapeia a **Cultura e Identidade Local** através de expressões vernaculares e simbólicas (monumentos, festividades), em paridade com a **Interação Humana**, categoria que desloca o protagonismo da estrutura estática para a antropologia do cotidiano e a força de trabalho. Por fim, a dimensão cronológica é isolada na categoria **Memória e Transformação Urbana**, destinada a registros que evidenciam a dialética temporal, capturando processos de restauro e as fricções visuais entre o antigo e o contemporâneo (conforme ilustrado na interface da figura 32).

Figura 32: Recorte da seção 3 da ficha de análise

3. Contexto da produção		
Arquitetura e patrimônio edificado		
<i>Edificações históricas</i>	<i>Fachadas e ornamentação</i>	<i>Ruínas e restauros</i>
Igrejas e construções religiosas Palácios, sobrados e casarões	Portas, janelas e sacadas	
Espaços públicos e vida urbana		
<i>Praças e logradouros</i>	<i>Ruas e vielas</i>	<i>Mercados e feiras tradicionais</i>
	Dinâmica dos pedestres e ciclistas	
Cultura e identidade Local		
<i>Arte e expressão visual</i>	<i>Festas e eventos</i>	<i>Símbolos e elementos culturais</i>
		Elementos vernaculares e símb...
Interação humana e vida cotidiana		
<i>Habitantes e passantes</i>	<i>Dinâmicas urbanas</i>	<i>Atividades e usos do espaço</i>
Turistas e visitantes		
Memória e transformação urbana		
<i>Camadas do tempo</i>	<i>Conflitos e desafios</i>	<i>Representações visuais da memória</i>
Superposição de períodos arquitetôni...		

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

3.3.4. Seção 4 - Análise Gráfica e Composicional

A quarta etapa do instrumento operacionaliza a dissecação morfológica do croqui, apropriando-se dos "ingredientes de estilo" de Clive Ashwin (1979). A adaptação metodológica transgride a polarização binária original do autor ao aplicar a escala de valores contínua (-4 a +4) previamente justificada, permitindo mensurar o gradiente entre o rigor do controle técnico (polos negativos) e a expressividade gestual (polos positivos).

Figura 33: Recorte da seção 4 da ficha de análise

4. Análise gráfica e composicional (Escala Ashwin)			
Consistência	Homogênea	3 ▼	Heterogênea
Gama	Restrita	3 ▼	Expandido
Enquadramento	Disjuntivo	2 ▼	Conjuntivo
Posicionamento	Simétrico	1 ▼	Casual
Proximidade	Perto	2 ▼	Distante
Cinética	Estático	3 ▼	Dinâmico
Naturalismo	Naturalista	1 ▼	Não Naturalista

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

3.3.5. Seção 5 - Significado da Imagem

O quinto módulo operacionaliza a semiologia de Martine Joly (1996), decompondo a significação do croqui nas instâncias icônica, plástica e linguística. A **Mensagem Icônica** disseca a relação referencial com o contexto urbano através de quatro vetores: o **Realismo** mensura a acuidade mimética (proporção e fidelidade *versus* abstração subjetiva); a **Narrativa** calibra o viés do registro (descrição objetiva *versus* interpretação emocional); a **Simbologia Cultural** avalia a carga semântica de identidade local (representação neutra *versus* carregada de ícones); e a **Perspectiva** determina a posição do observador (visão convencional *versus* ângulos pessoais inusitados).

Simultaneamente, a **Mensagem Plástica** avaliam-se a **Organização Espacial** (estruturação lógica *versus* caos espontâneo), o **Equilíbrio Composicional** (simetria rigorosa *versus* assimetria dinâmica) e a **Expressividade Visual**, que distingue a frieza analítica da gestualidade emocional. A intensidade atmosférica é aferida pelo **Contraste e Textura**, opondo a suavidade tonal à marcação gráfica incisiva.

Por fim, a **Mensagem Linguística** quantifica a **Presença de Texto** (da ausência à predominância na mancha gráfica) e qualifica o **Tipo de Informação** (dado descritivo objetivo *versus* reflexão interpretativa). Verifica-se ainda a **Relação Texto-Imagem** (legenda secundária *versus* integração gráfica simbiótica) e a morfologia da **Tipografia**, oscilando entre a caligrafia organizada e a escrita gestual espontânea. A síntese dos polos e definições encontra-se nos quadros 05, 06 e 07, com a interface ilustrada na figura 34.

Quadro 05: Resumo da seção ficha baseado na mensagem icônica de Joly

Categoria	Escala	Aplicação em <i>croqui urbano</i>
-----------	--------	-----------------------------------

Realismo da Representação	Abstrato ↔ Realista	Abstrato: Formas simplificadas, estilizadas. Realista: Fiel às proporções e detalhes do local.
Narrativa e Contexto	Subjetivo ↔ Objetivo	Subjetivo: Expressa emoções e interpretação pessoal. Objetivo: Registro fiel da cena, sem interpretação emocional.
Simbologia Cultural	Neutra ↔ Carregada	Neutra: Representação sem elementos simbólicos evidentes. Carregada: Uso de ícones culturais marcantes, como igrejas, grafites e bandeiras.
Perspectiva e Ponto de Vista	Pessoal ↔ Neutro	Pessoal: Enquadramento que enfatiza um olhar único do <i>sketcher</i> . Neutro: Representação mais convencional, sem interpretações estilísticas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Quadro 06: Resumo da seção ficha baseado na mensagem plástica de Joly

Categoria	Escala	Aplicação em <i>croqui urbano</i>
Organização espacial	Caótica ↔ Estruturada	Caótica: Elementos dispersos, composição irregular. Estruturada: Composição equilibrada, respeitando proporções.
Contraste e textura	Suave ↔ Marcante	Suave: Poucas variações tonais e texturais. Marcante: Uso forte de contraste, hachuras ou efeitos gráficos.
Equilíbrio composicional	Assimétrico ↔ Simétrico	Assimétrico: Distribuição irregular dos elementos. Simétrico: Organização equilibrada da cena.
Expressividade visual	Fria ↔ Emocional	Fria: Uso racional dos elementos gráficos. Emocional: Linhas soltas e dinâmicas, evidenciando gestualidade.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Quadro 07: Resumo da seção ficha baseado na mensagem linguística de Joly

Categoria	Escala	Aplicação em <i>croqui urbano</i>
Presença de texto	Ausente ↔ Predominante	Ausente: Croqui puramente visual. Predominante: Textos e anotações ocupam parte significativa da composição.
Tipo de informação	Descritiva ↔ Interpretativa	Descritiva: Informa dados objetivos (nome do local, data, temperatura). Interpretativa: Adiciona reflexões, emoções e impressões pessoais.
Relação texto-imagem	Secundária ↔ Integrada	Secundária: O texto é um complemento menor. Integrada: O texto interage ativamente com o croqui, moldando sua leitura.
Tipografia e escrita	Organizada ↔ Espontânea	Organizada: Letras bem definidas, padrão caligráfico. Espontânea: Escrita manual livre, rabiscada.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Figura 34: Recorte da seção 5 da ficha

5. Significado da imagem (baseado em Joly)			
Mensagem icônica (Significação contextual)			
Realismo da representação	Abstrato	 2 ▼	Realista
Narrativa e contexto	Subjetivo	 -3 ▼	Objetivo
Simbologia cultural	Carregada	 -2 ▼	Neutra
Perspectiva e ponto de vista	Pessoal	 -3 ▼	Neutra
Mensagem plástica (Sintaxe visual)			
Organização espacial	Caótica	 2 ▼	Estruturado
Contraste e textura	Marcante	 -3 ▼	Suave
Equilíbrio composicional	Assimétrico	 -2 ▼	Simétrico
Expressividade visual	Emocional	 -3 ▼	Fria
Mensagem linguística (Uso de texto e anotações)			
Presença de texto	Ausente	 2 ▼	Presente
Tipo de informação	Interpretativa	 -2 ▼	Descritiva
Relação texto-imagem	Integrada	 -2 ▼	Secundária
Tipografia e escrita	Espontânea	 -1 ▼	Organizada

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

3.3.6. Seção 6: Linguagem Visual (proposta de adaptação baseada em Twyman)

O sexto módulo do instrumento-protótipo (v1.0) ensaiou uma operacionalização da morfologia visual através da transposição teórica do esquema de Michael Twyman (1979). Esta construção experimental - mantida nesta descrição para preservar a fidelidade histórica ao desenho submetido à avaliação - buscou aplicar categorias de configuração (pragmática) à análise de elementos intrínsecos (sintaxe).

Sob esta arquitetura provisória, a dimensão dos **Aspectos Intrínsecos** avaliou a constituição interna da imagem. A análise mensurou a **Composição** (da fluidez expansiva ao enquadramento rígido), o **Traço e Técnica** (da gestualidade espontânea ao rigor controlado) e o **Detalhamento** (da síntese essencialista à densidade informacional). Complementarmente, a morfologia foi aferida pelo **Uso da Cor** (monocromia *versus* policromia) e pela **Textura**, oscilando entre a superfície chapada e a volumetria hachurada.

Na vertente dos **Aspectos Extrínsecos**, a análise alinhou-se à vocação original de Twyman, investigando a ancoragem pragmática do croqui. A **Função** comunicativa foi

polarizada entre a interpretação expressiva e o registro documental, enquanto a **Interação com o Lugar** mediu o grau de isolamento ou integração do objeto com o entorno. Por fim, calibraram-se o **Ponto de Vista** (subjetividade pessoal *versus* neutralidade objetiva) e o **Impacto no Observador**, distinguindo a transmissão de atmosferas impressionistas da clareza descritiva diagramática. A síntese operacional desta etapa consta nos quadros 08 e 09, ilustrada na figura 35.

Quadro 08: Sistematização dos Aspectos Intrínsecos: variáveis internas da composição gráfica.

Categoria	Escala	Descrição e aplicação em <i>croqui urbano</i>
Composição	Aberta ↔ Fechada	Aberta: cena ampla, perspectiva solta. Fechada: composição focada, enquadramento definido.
Traço e técnica	Espontâneo ↔ Controlado	Espontâneo: linhas soltas, esboço rápido. Controlado: traços refinados, precisão técnica.
Uso de cor	Monocromático ↔ Policromático	Monocromático: apenas um tom ou poucos contrastes. Policromático: paleta variada, riqueza cromática.
Textura e sombreamento	Liso ↔ Texturizado	Liso: superfícies chapadas, pouco contraste. Texturizado: uso expressivo de hachuras, aquarela ou nanquim.
Detalhamento	Simplificado ↔ Complexo	Simplificado: formas básicas, mínimo de detalhes. Complexo: alta quantidade de informações visuais.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Quadro 09 Sistematização dos Aspectos Extrínsecos: contexto de produção e circulação.

Categoria	Escala	Descrição e aplicação em <i>croqui urbano</i>
Função do croqui	Expressivo ↔ Documental	Expressivo: mais subjetivo, foco na emoção. Documental: fiel ao real, registro preciso.
Interação com o lugar	Descontextualizado ↔ Contextualizado	Descontextualizado: destaca um elemento isolado. Contextualizado: insere o objeto em seu ambiente.
Ponto de vista	Pessoal ↔ Neutro	Pessoal: enfatiza interpretação subjetiva do local. Neutro: representação fiel, sem interpretação emocional.
Impacto no observador	Impressionista ↔ Descritivo	Impressionista: foca em atmosfera, luz e movimento. Descritivo: registra detalhes estruturais e informativos (setas, gráficos, mapas e diagramas).

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Figura 35: Recorte da seção 6 da ficha

6. Linguagem visual (baseado em Twyman)			
Aspectos intrínsecos (Características internas do croqui)			
Composição	Aberta	-2	Fechada
Traço e técnica	Espontâneo	-3	Controlado
Uso de cor	Monocromático	2	Policromático
Textura e sombreamento	Liso	2	Texturizado
Detalhamento	Simplificado	2	Complexo
Aspectos extrínsecos (Interação do croqui com seu contexto)			
Função do croqui	Expressivo	-3	Documental
Interação com o lugar	Descontextualizado	3	Contextualizado
Ponto de vista	Pessoal	-2	Neutro
Impacto no observador	Impressionista	-3	Descritivo

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

3.4. Metodologia de avaliação e aplicação

Para a validação da "Ficha de análise para croquis urbanos", utilizou-se o método de Painel de Especialistas, estruturado sob a lógica da **Técnica Delphi Modificada**. Segundo Marques e Freitas (2018), o método Delphi caracteriza-se como uma técnica de busca de consenso entre especialistas em torno de um tema complexo, operada por meio de consultas estruturadas. Nesta pesquisa, adotou-se a variação modificada do método, a qual, conforme sustenta Pasquali (2011), é voltada especificamente para a validação de conteúdo de instrumentos de medida, permitindo que o pesquisador refine os itens do instrumento com base no julgamento técnico de peritos na área.

Alinhado a esse entendimento, Alexandre e Coluci (2011) asseveram que a validação de conteúdo por especialistas é uma etapa primordial para assegurar que o instrumento represente adequadamente o universo conceitual que se pretende medir. Dessa forma, as sugestões e críticas qualitativas colhidas durante este processo não foram meras correções pontuais; elas atuaram como insumos empíricos que fundamentaram a reestruturação do instrumento, culminando na Versão 2.0.

3.4.1. Seleção do Painel de Avaliadores

A constituição do painel obedeceu a um protocolo de amostragem intencional, priorizando a competência epistêmica dos participantes em detrimento da aleatoriedade estatística. O mapeamento prospectou pesquisadores vinculados a Programas de Pós-Graduação com linhas ativas em Memória Gráfica e História do Design, filtrados por critérios de inclusão que exigiam a convergência de três vetores: sólida formação acadêmica (titulação *stricto sensu* em Design, Arquitetura ou Semiótica), produção intelectual comprovada na análise de artefatos gráficos e heterogeneidade institucional. Este último requisito visou neutralizar vieses regionais ou endogenias de escolas de pensamento isoladas, assegurando a pluralidade da crítica.

O processo seletivo, conduzido entre junho e agosto de 2025, resultou na adesão de nove especialistas (de um universo de 32 convites expedidos), configurando um corpo de juízes de alta densidade acadêmica. O grupo consolidado reflete um espectro geográfico e institucional abrangente - com representantes da USP, UFPE, UFMA, PUCRS e IFF -, garantindo que a avaliação do instrumento fosse realizado por pares com autoridade técnica para legitimar tanto a arquitetura teórica quanto a aplicabilidade pragmática da ferramenta (conforme detalhado no perfil dos avaliadores no quadro 12, Seção de Resultados).

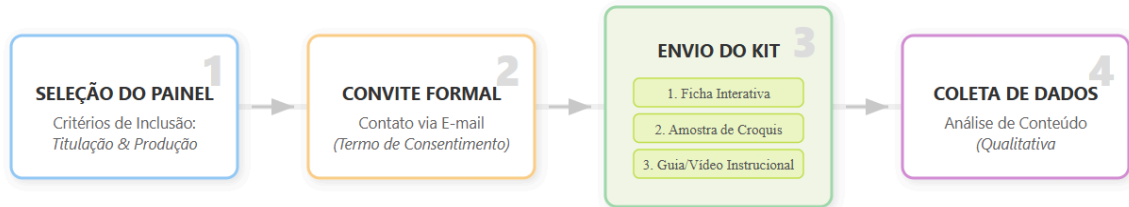
3.4.2. Instrumento e protocolo de coleta

A submissão do instrumento a avaliação de especialistas transcende a formalidade acadêmica, constituindo imperativo metodológico para assegurar a **validade de conteúdo** e a confiabilidade do construto (Marconi e Lakatos, 2017). Consoante Bento e Fonseca (2019), esta etapa de pré-teste atua como mecanismo crítico de controle de qualidade, revelando inconsistências teóricas, ambiguidades semânticas e particularidades operacionais não observadas durante a formulação inicial. O processo, portanto, não visa apenas a correção de falhas, mas o refinamento colaborativo da eficácia analítica da ferramenta.

A operacionalização da coleta obedeceu a um rito sequencial rigoroso, iniciado com a formalização dos convites e consolidado mediante a adesão dos avaliadores. A etapa substantiva consistiu no envio de um **pacote instrucional de validação** (Anexo 02), contendo a Ficha de Análise (v1.0), uma amostragem de croquis para teste prático e um manual de diretrizes de preenchimento. O retorno dos dados foi sistematizado através de um **Questionário de Avaliação** estruturado (Anexo 03), dispositivo projetado para capturar tanto

a crítica qualitativa sobre a fundamentação teórica quanto sugestões pragmáticas para a reestruturação dos campos e variáveis.

Figura 36: Condução da avaliação da ficha



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

O protocolo de avaliação materializou-se na aplicação de um **questionário semiestruturado**, formato que concilia a sistematicidade comparativa com a profundidade qualitativa necessária à captura de *nuances* perceptivas (Flick, 2009). A arquitetura do formulário obedeceu a uma lógica escalonada de verificação, desenhada para dissecar o instrumento em camadas distintas. Inicialmente, a qualificação do perfil do especialista (Seção 'Dados') ratificou a autoridade técnica do *feedback*, enquanto a avaliação da **Interface** objetivou isolar a ergonomia da ferramenta de sua eficácia analítica. Esta distinção tática visou garantir que eventuais erros na navegação (menus, abas) não contaminasse a avaliação do conteúdo substantivo, permitindo separar "atritos de usabilidade" de "falhas metodológicas".

O cerne da avaliação concentrou-se no módulo de **Conteúdo e Estrutura Analítica**. As questões foram projetadas para instigar o exame crítico sobre a transposição dos modelos teóricos para a especificidade do croqui urbano, verificando a clareza conceitual, a operabilidade das categorias e a incidência de redundâncias. O escrutínio incidiu, portanto, sobre a própria validade do construto, testando se a hibridização dos autores-base resultou em uma taxonomia coerente ou em uma justaposição artificial passível de revisão.

Por fim, o eixo de **Aplicabilidade e Potencial Metodológico** dimensionou a contribuição heurística do croqui para o campo da Memória Gráfica. As questões tiveram como foco investigar a escalabilidade do método (adaptabilidade a outros contextos) e sua inserção no rigor acadêmico, culminando em uma avaliação global que capturou a percepção sintética dos juízes. O retorno qualificado deste protocolo transcendeu a mera validação funcional: as críticas impulsionaram um refinamento dialético da ferramenta, resolvendo

tensões entre a rigidez taxonômica da catalogação e a fluidez interpretativa da prática expressiva.

No que tange aos **Aspectos Éticos**, a investigação alinha-se integralmente aos preceitos da Lei nº 14.874/2024. A participação voluntária do painel foi formalizada mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assegurando a ciência dos procedimentos e direitos. Em observância ao Art. 19 da referida legislação, adotou-se um protocolo rígido de anonimização: as identidades civis foram substituídas por codificação alfanumérica ("Avaliador 01", "Avaliador 02"...), garantindo a confidencialidade dos dados, conforme sistematizado no quadro 10.

Quadro 10: Painel de avaliadores da ficha de análise

Pesquisador	Formação Acadêmica	Instituição Vinculada
Avaliador 1	Mestre em Design pela Universidade Federal de Pernambuco	UFPE
Avaliador 2	Arquiteto e urbanista, mestre e doutorando em design	PUCRS
Avaliador 3	Mestre em Design. Doutorado em andamento em Design	UFPE
Avaliador 4	Doutor em Design	UFPE
Avaliador 5	Doutorado e mestrado em Comunicação e Semiótica, Bacharelado em Design	USP
Avaliador 6	Mestra em Design	UFMA
Avaliador 7	Mestra em Arquitetura e Urbanismo. Graduada em Arquitetura e Urbanismo e em Design	UFPE
Avaliador 8	Doutor em design ESDI/UERJ	UFPE
Avaliador 9	Doutor em Design	Instituto Federal Fluminense (IFF)

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Essa composição multidisciplinar - que articula o olhar estruturante do arquiteto à pragmática comunicacional do designer - legitima a visão integral sobre a representação do espaço, conforme sintetizado na figura 37. Desta forma, o protocolo de validação estabelece-se não como epílogo, mas como o alicerce empírico que baliza o refinamento

taxonômico do instrumento, habilitando a transição da versão prototípica para a consolidação da Ficha v2.0.

Figura 37: Distribuição de titulação e áreas de expertise dos avaliadores.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Resultados da aplicação-piloto: panorama técnico e temático

Este capítulo apresenta os resultados da fase empírica da pesquisa, estruturada para validar e refinar o instrumento de análise proposto. A estratégia metodológica submeteu a **versão preliminar (ficha v1.0)** a dois níveis de teste de estresse:

- **Validação de aplicabilidade:** Aplicação da Ficha v1.0 em um corpus real (croquis de São Luís) para verificar sua fluidez operacional e capacidade de extração de dados;
- **Validação conceitual:** Avaliação por especialistas qualificados para verificar a consistência epistemológica das categorias.

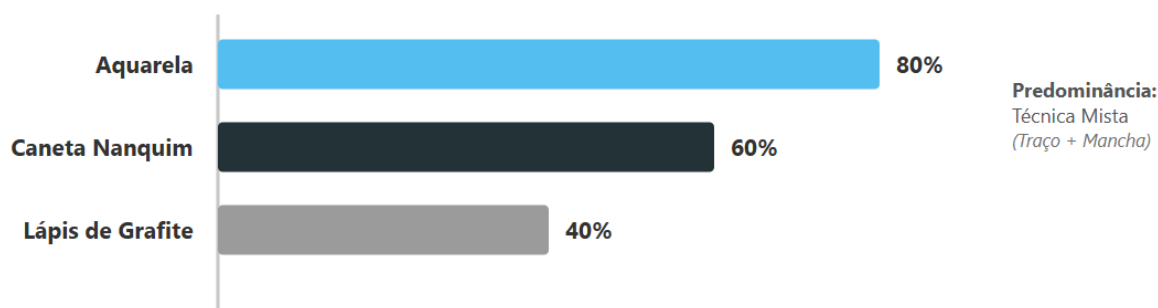
Os dados a seguir, portanto, cumprem uma dupla função: caracterizam o objeto de estudo (os croquis) e, simultaneamente, diagnosticam as limitações do instrumento de análise, fundamentando as correções implementadas na Versão Final (v2.0).

A aplicação-piloto revelou tendências morfológicas da representação do croqui urbano em São Luís, transcendendo a estatística descritiva para interpretar como as escolhas

instrumentais condicionam a documentação da paisagem. No espectro dos **Meios e Suportes**, a inspeção atesta a predominância do **hibridismo técnico**: a aquarela consolida-se como o recurso cromático hegemônico, identificada em 80% da amostra (8/10), frequentemente articulada à estrutura linear da caneta nanquim (60%) ou à grafia do lápis de grafite (40%).

Esta sintaxe de "mancha sobre traço", depositada invariavelmente sobre cadernos, corrobora a adesão pragmática aos princípios do *Urban Sketching*. A escolha pelo suporte encadernado, em detrimento de folhas soltas, ratifica a vocação logística da portabilidade e a intencionalidade de construir uma narrativa sequencial (diário gráfico), essenciais ao registro imersivo e ágil *in situ*.

Figura 38 - Prevalência da técnica mista (aquarela e traço) no corpus.



Nota: Soma >100% devido ao uso combinado de materiais.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

No âmbito temático, a análise dos dados revela a centralidade do registro patrimonial. A categoria "Arquitetura e Patrimônio Edificado" (80%) institui-se como o eixo gravitacional da prática, corroborada pela prevalência massiva de subcategorias voltadas à morfologia das fachadas (90%) e aos detalhes construtivos de esquadrias e ornamentos (60%). Esta incidência denota uma postura documental focada nos aspectos físicos representados do tecido histórico. Entretanto, tal registro não opera no vácuo contextual: a alta recorrência de "Espaços Públicos" (80%) e a significativa presença da "Interação Humana" (50%) indicam que o desenhista rejeita o isolamento asséptico do monumento, preferindo capturá-lo como **cenário vivo**, onde a estrutura edificada dialoga indissociavelmente com o fluxo social.

Em contrapartida, a marginalidade dos índices ligados à "Cultura e Identidade" (10%) e à "Memória e Transformação" (30%) permite inferir que a evocação memorial, nesta amostra, é mediada primordialmente pela **permanência física** e estabilidade do ambiente construído, em detrimento do registro de eventos efêmeros ou processos de transição. Configura-se, portanto, uma hierarquia narrativa clara: o patrimônio arquitetônico atua como

o suporte **perene** e protagonista, sobre o qual se inscrevem - como camada secundária - as dinâmicas transitórias da ocupação humana.

Figura 39 - Prevalência temática: a centralidade do patrimônio edificado sobre a memória imaterial.

1. O PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO (FOCO PRINCIPAL)

Fachadas e Ornamentação



Arquitetura / Patrimônio Geral



Portas, Janelas e Sacadas

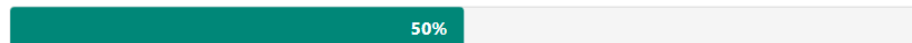


2. O CONTEXTO URBANO VIVIDO

Espaços Públicos / Vida Urbana

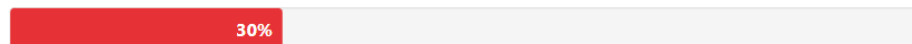


Interação Humana e Cotidiano

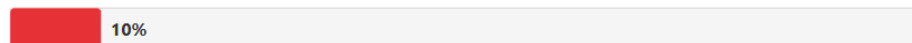


3. MEMÓRIA E IDENTIDADE (O INTANGÍVEL)

Memória e Transformação



Cultura e Identidade Local



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Figura 40: Consolidado das fichas de análise - possíveis materiais utilizados e contexto de produção

		Croquis selecionados										
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Materiais utilizados	Com o que se desenha	Ferramentas secas	Canetas na ...	Canetas nanquim	Lápis de gra...	Canetas nan...	Canetas nanquim	Lápis de grafite	Lápis de grafite	Canetas nan...	Canetas na ...	
		Canetas na ...	Aquarela	Tinta nanquim	Aquarela	Aquarela	Aquarela	Aquarela	Aquarela	Aquarela	Aquarela	
	Sobre o que se desenha	Cadernos de desenho (sketchbooks)	Papel para ...	Papel para aquar...	Papel para aquar...	Papel para aquar...	Papel para aquar...	Papel para aquar...	Papel para aquar...	Papel para aquar...	Papel para aquar...	
	Técnica	Técnicas de desenho e pintura	Aguada de ...	Linhas contínuas	Linhas contínuas	Linhas contínuas	Linhas contínuas	Linhas contínuas	Linhas contínuas	Linhas contínuas	Linhas contínuas	
Contexto de produção	Arquitetura e patrimônio edificado	Edificações históricas	Palácios, sobrad...	Palácios, sobrad...	Palácios, sobrad...	Palácios, sobrad...	Palácios, sobrad...	Palácios, sobrad...	Palácios, sobrad...	Fortificações...	Palácios, s...	
		Fachadas e ornamentação		Portas, janelas e s...	Portas, jane...	Portas, jane...	Portas, jane...	Portas, jane...	Portas, jane...	Portas, jane...	Portas, jan...	Portas, jan...
		Ruínas e restauros										
	Espaços públicos e vida urbana	Praças e logradouros										
		Ruas e vielas										
		Mercados e feiras tradicionais										
	Cultura e identidade local	Arte e expressão visual										
		Festas e eventos										
		Símbolos e elementos culturais										
		Interação humana e vida cotidiana										
Memória e transformação urbana	Camadas do tempo											
	Conflitos e desafios											
	Representações visuais da memória											

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

4.1.1. Análise Gráfica e Composicional (Modelo de Ashwin com adaptação de escala)

Conforme consolidado visualmente nas figuras 41 e 42, o consenso mais robusto do corpus reside no polo **Estático** (média de -3,50), índice que atua como correlato direto da

hegemonia da arquitetura: a prática local privilegia a captura da monumentalidade perene e o instante de contemplação, em detrimento da ação cinética. Paradoxalmente, esta estática não implica simplicidade; a variável **Gama** (1,90) tende ao polo Expandido, evidenciando que os autores compensam a ausência de movimento com uma elevada densidade gráfica, explorando a riqueza de texturas e o detalhamento formal para conferir vibração à "natureza morta" urbana.

No regime representacional, o índice de **Naturalismo** (1,20) desloca o grupo para o campo da subjetividade interpretativa (Não-Naturalista). À luz de Ashwin (1979), isso indica que, embora figurativos, os registros subordinam a verossimilhança física estrita à expressão estilística do autor. Especialmente, a tendência ao **Enquadramento Conjuntivo** (1,00) sugere uma vontade de continuidade atmosférica: a composição insinua que o tecido urbano se estende para além das margens físicas do suporte, recusando o isolamento do objeto.

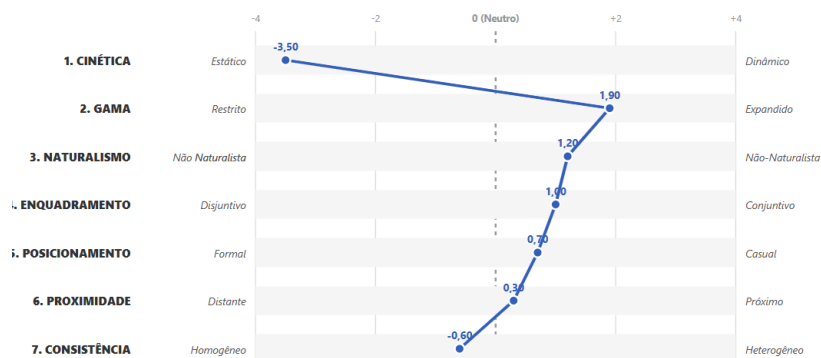
Por fim, as demais variáveis oscilam no espectro da neutralidade estatística, denotando a **heterogeneidade** do coletivo. O **Posicionamento** (0,70) e a **Proximidade** (0,30) revelam um equilíbrio técnico onde a assimetria casual da observação *in situ* convive com a ausência de viés por panoramas ou *close-ups*. Da mesma forma, a **Consistência** (-0,60) reflete a incompatibilidade interna do acervo, que abrange desde o rigor monocromático até a entropia da técnica mista. Em síntese, o perfil médio do *corpus* materializa uma prática paradoxal: cinematicamente estática, porém visualmente complexa e contextualmente expandida.

Figura 41: Consolidado das fichas referente a análise gráfica e composicional

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		Média	
4. Análise gráfica e composicional (Escala Ashwin)													
Consistência	-4	4	-4	-4	3	3	2	2	-4	-4	Homôgenea	-0,60	Heterôgenea
Gama	3	2	4	4	1	1	-1	-2	4	3	Restrita	1,90	Expandido
Enquadramento	-2	-3	-2	3	4	4	-3	4	1	4	Disjuntivo	1,00	Conjuntivo
Posicionamento	-3	4	4	2	-3	4	-4	-3	3	3	Simétrico	0,70	Casual
Proximidade	2	3	-3	3	4	-1	1	-3	-1	-2	Perto	0,30	Distante
Cinética	-4	-4	-4	-4	-4	-1	-4	-4	-2	-4	Estático	-3,50	Dinâmico
Naturalismo	3	3	-4	-4	4	4	3	3	4	-4	Naturalista	1,20	Não Naturalista

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Figura 42 - Perfil de diferencial semântico das variáveis composicionais.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

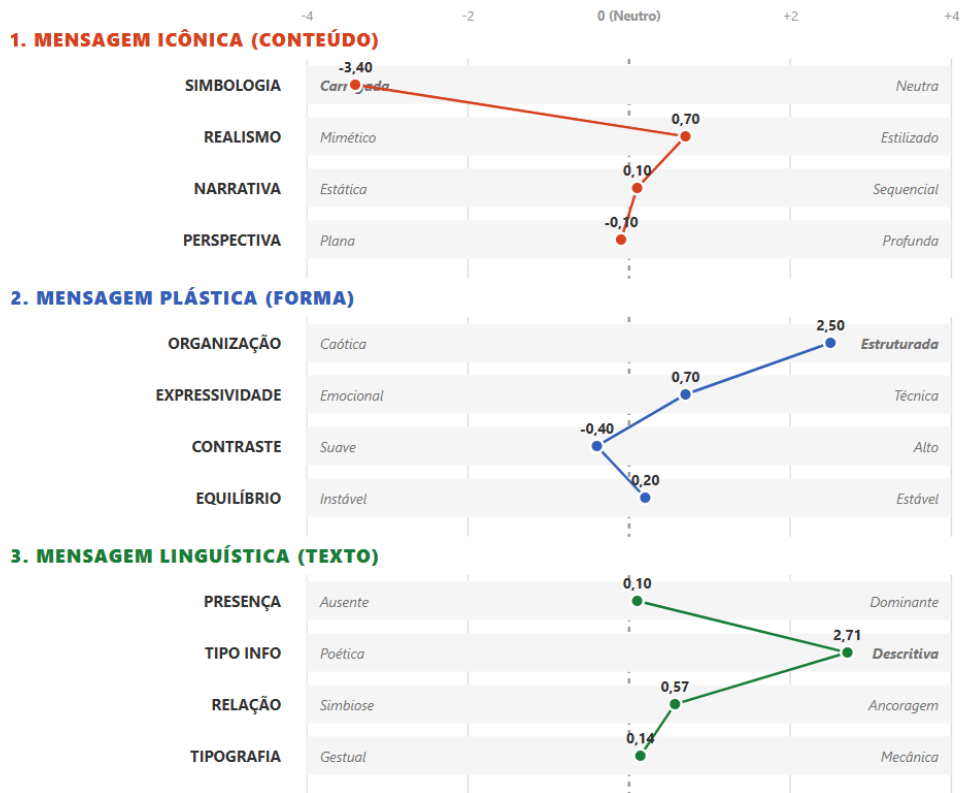
4.1.2. Análise da Significação (baseado no modelo de Joly)

No âmbito da **Mensagem Icônica**, o critério de **Simbologia Cultural** (-3,40) atua como o vórtice de convergência do grupo, apresentando forte saturação no polo "Carregada". Este dado ratifica a hipótese do croqui como veículo de memória patrimonial, onde a representação de monumentos e ícones identitários é a norma coletiva. Em contrapartida, as variáveis de execução - **Realismo** (0,70), **Narrativa** (0,10) e **Perspectiva** (-0,10) - flutuam na zona de neutralidade, evidenciando que a fidelidade mimética e o ponto de vista são domínios da liberdade autoral, oscilando livremente entre o rigor fotográfico e a síntese abstrata sem impor um cânone estético rígido.

Simultaneamente, a **Mensagem Plástica** denota uma preferência pela inteligibilidade. A média de 2,50 em **Organização Espacial** (polo Estruturado) sugere que, independentemente do estilo, os autores priorizam a clareza e a legibilidade na hierarquização dos elementos visuais. Esta busca pela ordem é reforçada pela leve inclinação da **Expressividade Visual** (0,70) ao polo "Frio", indicando que a função documental tende a moderar a gestualidade emocional excessiva, favorecendo uma abordagem técnica mais controlada. As demais variáveis plásticas (Contraste e Equilíbrio) permanecem neutras, corroborando a variedade de soluções formais que orbitam essa estrutura central organizada.

Por fim, a **Mensagem Linguística** desempenha um papel cirúrgico de documentação. Embora a frequência de anotações seja variável (**Presença de Texto** 0,10), sua função é invariavelmente pragmática: o índice de 2,71 no **Tipo de Informação** (polo Descritiva) confirma o uso da escrita como mecanismo de *ancoragem* (Barthes, 1990). O texto não compete plasticamente com a imagem nem propõe derivas poéticas; ele opera para estabilizar a polissemia visual, fixando coordenadas factuais (datas, topônimos) que transformam o desenho em registro histórico situado.

Figura 43- Perfil analítico consolidado



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Figura 44: Consolidado das fichas referente a significado da imagem

5. Significado da imagem (baseado em Joly)													
<i>Mensagem icônica (Significação contextual)</i>													
Realismo da representação	3	-3	4	4	-3	-2	-1	-2	4	3	Abstrato	0,70	Realista
Narrativa e contexto	2	-3	4	3	-4	-3	-2	-3	4	3	Subjetivo	0,10	Objetivo
Simbologia cultural	-3	-4	-3	-3	-3	-3	-4	-4	-4	-3	Carregada	-3,40	Neutra
Perspectiva e ponto de vista	3	-3	3	3	-4	-3	-2	-3	2	3	Pessoal	-0,10	Neutra
<i>Mensagem plástica (Sintaxe visual)</i>													
Organização espacial	2	-3	3	4	4	3	3	2	4	3	Caótica	2,50	Estruturado
Contraste e textura	3	-2	-3	-3	-3	-2	2	3	-3	4	Marcante	-0,40	Suave
Equilíbrio composicional	3	-4	3	-3	3	-3	4	4	-2	-3	Assimétrico	0,20	Simétrico
Expressividade visual	3	-3	3	3	2	-3	-2	-3	4	3	Emocional	0,70	Fria
<i>Mensagem linguística (Uso de texto e anotações)</i>													
Presença de texto	-4	3	1	1	2	2	-4	-4	2	2	Ausente	0,10	Presente
Tipo de informação		-1	4	3	3	4			3	3	Interpretativa	2,71	Descritiva
Relação texto-imagem		-4	2	4	-2	3			-2	3	Integrada	0,57	Secundária
Tipografia e escrita		-4	3	2	-3	-2			3	2	Espontânea	0,14	Organizada

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

4.1.3. Análise da Linguagem Visual

Importa registrar que a transposição deste modelo configuracional para a leitura dos **Aspectos Intrínsecos** revelou fricções epistemológicas e limitações operacionais na qualificação do traço (diagnóstico posteriormente ratificado pelo painel de especialistas). Não obstante as restrições teóricas, a aplicação permitiu identificar tendências morfológicas tangíveis: a média de 1,90 em **Composição** (polo Fechada) denota a preferência por

enquadramentos autocontidos e delimitados, enquanto a inclinação ao polo Texturizado (1,70) evidencia a valorização de qualidades táteis (hachuras e granulações) em detrimento da linha pura, equilibrando o rigor técnico e a espontaneidade gestual (médias moderadas em Traço e Detalhamento).

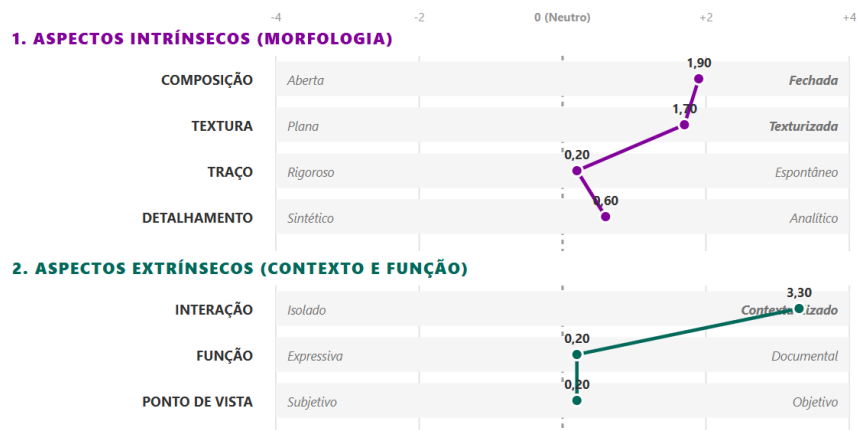
Em contrapartida, a análise dos **Aspectos Extrínsecos** - dimensão que nesta pesquisa dialoga com a abordagem funcionalista de Twyman (1979) - demonstrou aderência ao objeto, revelando a característica mais coesa da amostra: a indissociabilidade do contexto. O índice de 3,30 em **Interação com o Lugar** (polo Contextualizado) confirma o *Urban Sketching* local como uma prática fundamentalmente situada, avessa ao isolamento do objeto. Paradoxalmente, essa firmeza locacional contrasta com a ambivalência intencional: as médias próximas à neutralidade em **Função** e **Ponto de Vista** (ambas com 0,20) sugerem um hibridismo funcional. Sob essa ótica, a prática transita fluidamente entre a impressão subjetiva (expressão artística) e o registro objetivo (documento de memória), sem se fixar rigidamente em nenhum dos polos.

Figura 45: Consolidado das fichas referente a análise mensagem icônica

Mensagem icônica (Significação contextual)													
Aspectos intrínsecos (Características internas do croqui)													
Composição	4	-4	4	4	4	-3	4	-2	4	4	Aberta	1,90	Fechada
Traço e técnica	3	-3	3	4	-2	-2	-3	-4	3	3	Espontâneo	0,20	Controlado
Uso de cor	2	4	-4	-4	2	2	3	2	4	-4	Monocromático	0,70	Policromático
Textura e sombreamento	3	2	4	4	1	-1	-1	-2	3	4	Liso	1,70	Texturizado
Detalhamento	3	-3	4	4	-2	-2	-3	-3	4	4	Simplificado	0,60	Complexo
Aspectos extrínsecos (Interação do croqui com seu contexto)													
Função do croqui	3	-3	4	4	-4	-3	-3	-3	3	4	Expressivo	0,20	Expressivo
Interação com o lugar	3	3	4	3	3	4	3	4	3	3	Descontextualiz	3,30	Descontextualizado
Ponto de vista	3	-3	3	4	-2	-3	-3	-4	3	4	Pessoal	0,20	Pessoal
Impacto no observador	3	-3	3	3	-1	-3	-3	-3	4	4	Impressionista	0,40	Impressionista

Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 46 - Perfil analítico segundo o modelo



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A consolidação sinóptica dos dados delineia um **idioma gráfico ludovicense** marcado pela interseção entre a rigidez morfológica e a deferência patrimonial. A práxis local, ao privilegiar a interpretação estilística sobre a mimese estrita (perfil Estático e Não-Naturalista), transforma o registro urbano em um ato de ressignificação simbólica, onde a **Simbologia Cultural** saturada e a **ancoragem textual** descritiva operam conjuntamente para fixar a memória da paisagem.

A Ficha de Análise cumpriu sua função heurística inicial: para além de sistematizar uma produção plural unificada pelo *sensu de lugar*, ela revelou as próprias limitações teóricas que, uma vez superadas, permitirão compreender como o *sketcher* não apenas documenta, mas institui camadas de sentido sobre a cidade.

4.1.4. Diagnóstico preliminar: limitações identificadas na versão 1.0

A aplicação do instrumento-protótipo ao *corpus* transcendeu a coleta de dados, operando fundamentalmente como um "teste de estresse" da arquitetura teórica. A aplicação analítica revelou fissuras estruturais, sendo a primeira delas a **redundância taxonômica** derivada da organização "por autor". A justaposição dos modelos de Ashwin, Joly e Twyman gerou erro semântico, onde fenômenos visuais idênticos - como a organização espacial - eram avaliados em duplicidade sob rótulos distintos ("Posicionamento" *versus* "Equilíbrio").

Concomitantemente, detectou-se uma **dissonância epistemológica** na morfologia visual. A transposição experimental das categorias de Michael Twyman (1979) para a qualificação do traço e da textura mostrou-se insuficiente, carecendo da granularidade necessária para capturar a expressividade da sintaxe gráfica. Essa inadequação categorial sugeriu a hipótese - posteriormente corroborada pela banca examinadora - de que a fundamentação morfológica deveria ser reorientada para a gramática visual clássica de Donis A. Dondis.

Por fim, a **calibragem métrica** evidenciou desafios na mensuração de variáveis subjetivas. A aplicação da escala contínua (-4 a +4) a atributos hermenêuticos (como "Narrativa") gerou fricções interpretativas, demandando descritores mais rígidos para reduzir a discricionariedade do analista. Este diagnóstico preliminar concluiu que o instrumento, embora funcional para a exploração, exigia **refinamento ontológico** antes de sua consolidação, preparando o terreno dialético para a análise do painel de especialistas.

4.2. Resultado da avaliação dos especialistas

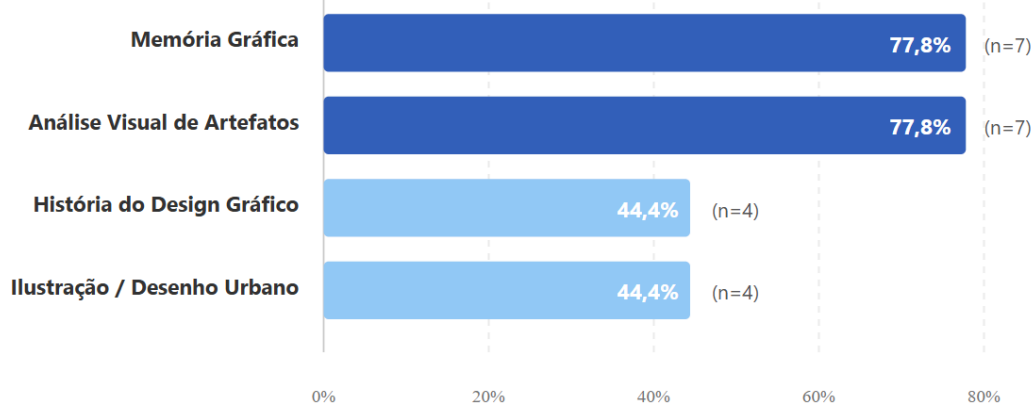
A submissão do instrumento ao Painel de Especialistas operou como instância decisiva de **auditoria epistêmica**, confrontando o diagnóstico preliminar com a avaliação de pares qualificados. Embora a receptividade global tenha ratificado a funcionalidade da interface e a relevância do construto para a Memória Gráfica, a contribuição nevrálgica do grupo residiu na identificação de dissonâncias teóricas estruturais. As críticas profundas - que transcenderam ajustes cosméticos de usabilidade para apontar ambiguidades conceituais na fundamentação da morfologia visual - corroboraram a hipótese de incompatibilidade na adaptação dos autores-base, legitimando a necessidade de revisão.

A sistematização destes achados articula-se na dialética entre a **mensuração objetiva** (análise de frequência da concordância dos juízes) e a **dissecação qualitativa** (análise de conteúdo das respostas abertas). É nesta segunda dimensão, onde repousam as observações substantivas sobre a ontologia da ferramenta, que se extraiu o insumo crítico para a reestruturação teórica. A convergência entre a autocrítica da aplicação-piloto e o veredito do painel constituiu, portanto, o motor metodológico da transição para a **Versão 2.0**, assegurando ao produto final a robustez conceitual exigida pela disciplina.

4.2.1. Análise de frequência das respostas

A autoridade dos resultados ancora-se na densidade técnica do painel, cuja predominância de competências em "Memória Gráfica" e "Análise Visual" (77,8%, conforme figura 59) assegura o alinhamento crítico com o objeto de estudo. No que tange à **ergonomia da interface**, os dados revelam uma dicotomia entre a eficácia da estrutura lógica e a fluidez da navegação. A estratégia de padronização taxonômica via **menus suspensos** obteve validação unânime (100%), confirmando o vocabulário controlado como solução ideal para a agilidade do registro.

Figura 47: Competências dos avaliadores

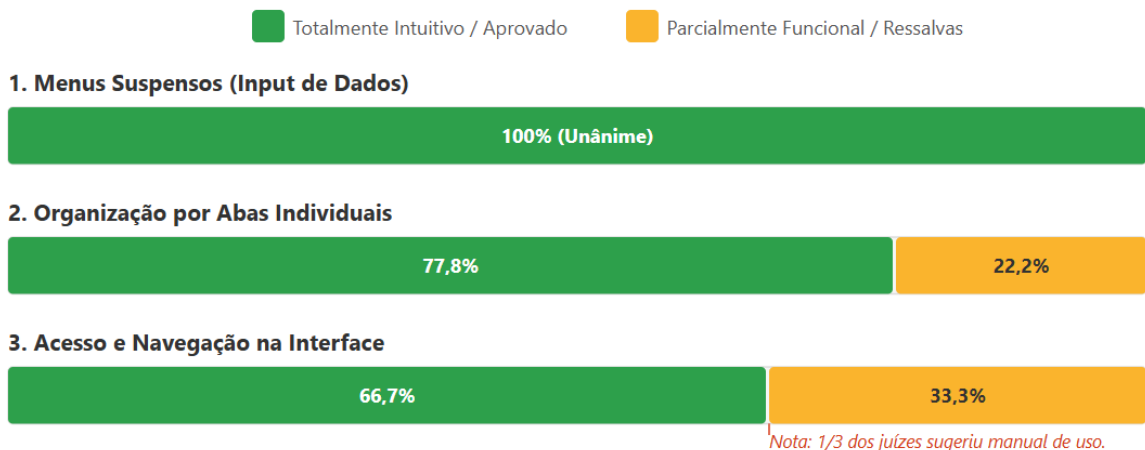


Nota: Percentuais somam >100% devido a múltiplas áreas de atuação.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Entretanto, a experiência do usuário expôs fricções operacionais: embora a organização por abas individuais tenha sido aprovada por maioria dos juízes, a navegabilidade global dividiu opiniões. Enquanto 66,7% consideraram o fluxo intuitivo, uma minoria qualificada (33,3%) apontou restrições de usabilidade ("Parcialmente" funcional), indicando que a interface do *Google Planilhas* cobra seu preço na curva de aprendizado da ferramenta, conforme detalhado na figura 48.

Figura 48: Avaliação da estrutura funcional



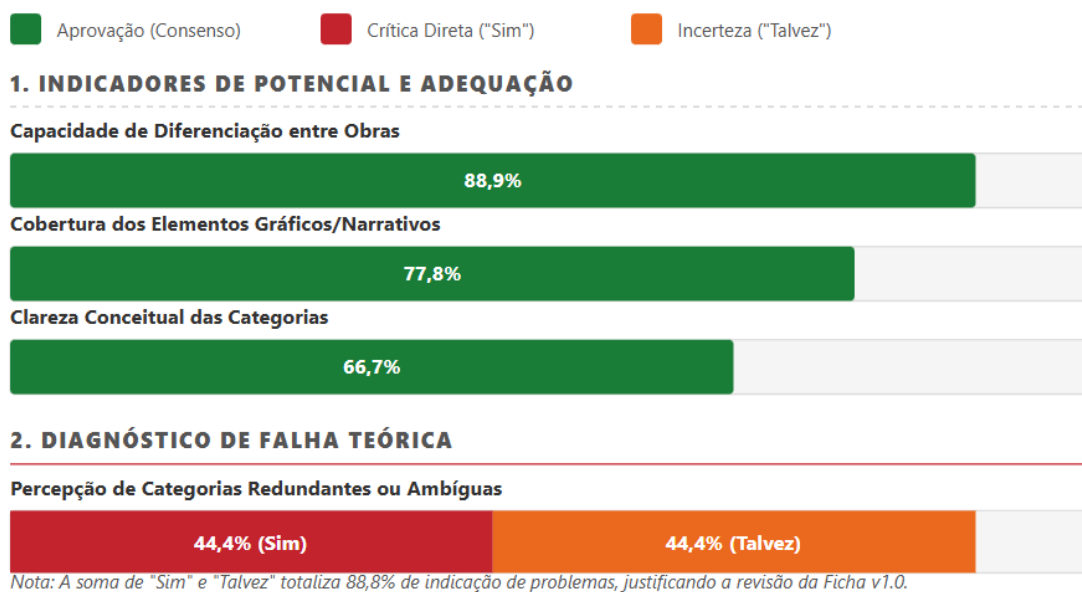
Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A análise do conteúdo e da estrutura analítica revelou um cenário de **eficácia heurística** tensionada por **sobreposições taxonômicas**. A validação da abrangência da ferramenta foi expressiva: 66,7% dos juízes atestaram a clareza conceitual e 77,8% confirmaram a adequação na cobertura dos elementos gráficos e narrativos. Mais contundente

ainda foi a capacidade de **discriminação comparativa**: 88,9% do painel reconheceu a aptidão da ficha para diferenciar nuances entre obras distintas, validando sua utilidade para a análise de *corpus*.

O indicador mais agudo da avaliação incidiu sobre a precisão ontológica. A soma das percepções sobre a existência de categorias redundantes ou ambíguas (44,4% "Sim" e 44,4% "Talvez") consolidou um índice de alerta de quase 90%. Este dado fornece o lastro estatístico irrefutável que corrobora a hipótese de inconsistência levantada no diagnóstico preliminar (vide Seção 4.1.4). A convergência massiva dos especialistas sobre a necessidade de revisão comprova que a hibridização teórica inicial gerou sobreposições que, embora não inviabilizem a análise, comprometem a elegância metodológica do instrumento, conforme sintetizado na figura 49.

Figura 49: Avaliação do conteúdo e da estrutura analítica

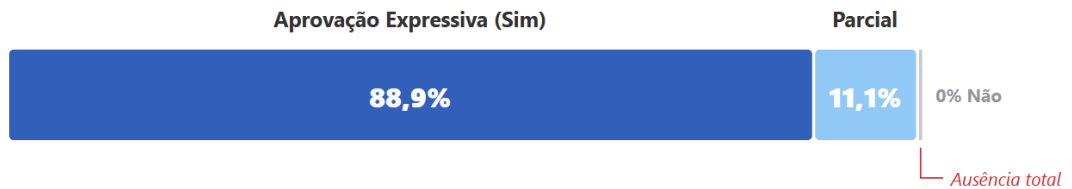


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

No vértice da aplicabilidade, a capacidade do instrumento de promover a **análise comparativa** consolidou-se como o indicador de maior robustez da avaliação. A eficácia da ficha em atuar como matriz de diferenciação entre autores, estilos e contextos obteve aprovação expressiva de 88,9% do painel, com o resíduo de 11,1% situando-se na concordância parcial. A inexistência de refutações neste quesito atesta que, a despeito das fricções teóricas anteriormente diagnosticadas, a "engenharia" das variáveis possui a acuidade necessária para contrastar particularidades idiolectais e mapear padrões coletivos. Ratifica-se,

assim, o cumprimento da função metodológica primária da ferramenta: operar não apenas como formulário de inventário, mas como motor de inteligibilidade comparada (vide figura 50).

Figura 50: Avaliação da capacidade da ficha de promover análise comparativa

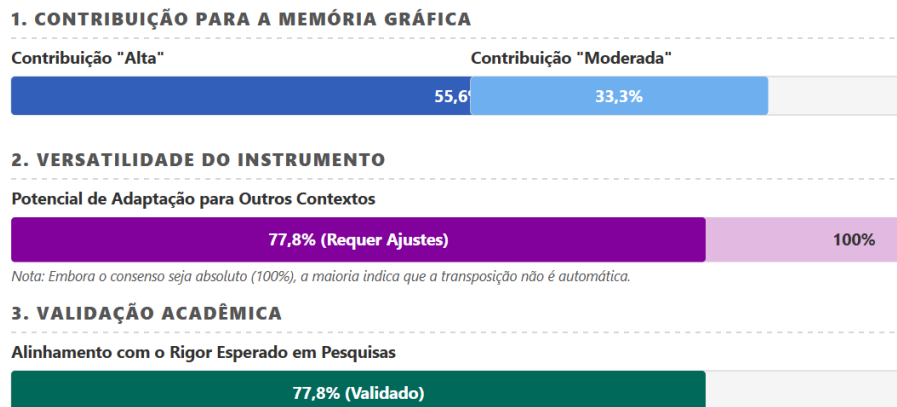


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

No horizonte da aplicabilidade, os resultados sancionaram o **valor heurístico** da ferramenta para o campo da Memória Gráfica. A contribuição para a sistematização da análise foi classificada como relevante pela quase totalidade do painel (somando 55,6% de impacto "Alto" e 33,3% "Moderado"), atestando o preenchimento de uma escassez de estudos na área. Paralelamente, a **escalabilidade** emergiu como consenso absoluto: 100% dos avaliadores vislumbraram a adaptabilidade da matriz para outros artefatos visuais.

A ressalva de 77,8% quanto à necessidade de "ajustes" para tais transposições não diminui o mérito do modelo; pelo contrário, indica que o instrumento possui um "núcleo duro" metodológico transferível, exigindo apenas a devida calibração contextual para operar em novos objetos. Por fim, a validação do alinhamento com o **rigor acadêmico** (77,8%) legitima a ferramenta como dispositivo aplicável para a investigação científica, consolidando o panorama positivo ilustrado na figura 51.

Figura 51: Avaliação da aplicabilidade e do potencial metodológico

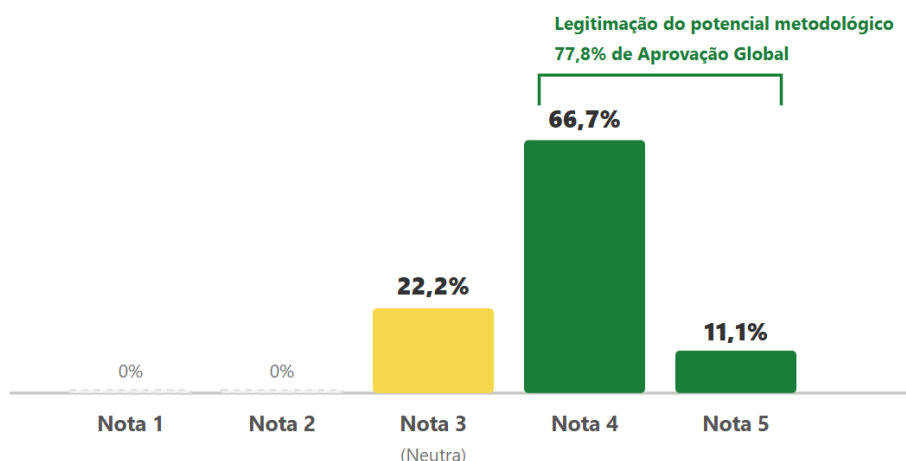


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A apreciação global do instrumento cristaliza a recepção positiva da proposta, conferindo-lhe legitimidade estatística. A métrica final aponta para um cancelamento expressivo pelos pares: **77,8%** do painel situou a ferramenta nos estratos superiores de avaliação (notas 4 e 5), sendo o percentual restante (22,2%) alocado na zona de neutralidade, sem qualquer registro de refutação (notas 1 ou 2).

Esta distribuição não deve ser lida apenas como aprovação, mas como um diagnóstico estratégico: a ausência de rejeição confirma a solidez do alicerce metodológico, enquanto a persistência da neutralidade reitera o mandato para o refinamento taxonômico. Os dados confirmam, portanto, que a ferramenta possui alto potencial heurístico para as pesquisas em Design e Memória Gráfica, condicionando sua versão final à resolução das ambiguidades detectadas. Este panorama, ilustrado na figura 52, serve de preâmbulo para a análise substantiva detalhada no quadro 11, onde se dissecam as críticas qualitativas que orientaram a reestruturação da Versão 2.0.

Figura 52: Avaliação global da ferramenta



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Quadro 11: Síntese da auditoria qualitativa: diagnóstico de falhas e inconsistências do protótipo.

Dimensão Avaliada	Síntese da Análise Crítica e Diagnóstico
Perfil dos Avaliadores	<ul style="list-style-type: none"> • Alta Densidade Epistêmica: O painel demonstrou forte aderência ao tema, com 77,8% de atuação direta em Memória Gráfica e Análise Visual. • Pluralidade: A heterogeneidade institucional (USP, UFPE, UFMA, PUCRS, IFF) mitigou vieses locais, assegurando a diversidade de escolas de pensamento.

Interface e Usabilidade	<ul style="list-style-type: none"> • Validação Taxonômica: Aprovação unânime (100%) do uso de menus suspensos e listas controladas como solução para padronização. • incompatibilidade Ergonômica: Embora a lógica tenha sido aprovada, a navegação gerou ruído. Diagnosticou-se a necessidade de <i>split screen</i> (tela dividida) para manter a imagem visível durante a rolagem, reduzindo a carga cognitiva.
Conteúdo e Estrutura Analítica	<ul style="list-style-type: none"> • Potência Comparativa: A capacidade da ficha de diferenciar obras foi amplamente validada (88,9%). • Ruído Conceitual: Ponto crítico da avaliação (quase 90% de alerta). Identificou-se redundância na sobreposição de autores (ex: Realismo vs. Naturalismo) e inadequação na aplicação de Twyman à morfologia. • Mandato: Necessidade imperativa de migrar da organização "por autor" para uma organização "por eixos semióticos".
Aplicabilidade e Potencial	<ul style="list-style-type: none"> • Valor Heurístico: Reconhecimento da contribuição "Alta" ou "Moderada" para a sistematização do campo (88,9%). • Escalabilidade: Consenso absoluto (100%) sobre a adaptabilidade do modelo para outros objetos gráficos, condicionada a calibrações contextuais. • Rigor: Validação da estratégia de triangulação teórica como diferencial acadêmico.
Avaliação Global	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimação: Chancelamento expressivo (77,8% nos estratos de excelência/ótimo) e ausência total de refutação. • Veredito: O instrumento foi validado como funcional e promissor, mas a consolidação da versão final (v2.0) está condicionada à resolução das ambiguidades teóricas apontadas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

4.2.2. Análise das observações qualitativas

A dissecação das contribuições discursivas transcende a mera validação métrica, constituindo o subsídio nevrálgico para o refinamento ontológico da pesquisa. A Análise de Conteúdo das respostas abertas permitiu converter percepções subjetivas em diretrizes de engenharia teórica, que balizaram a reestruturação da ferramenta.

4.2.2.1. Coerência conceitual e operacional

Uma crítica transversal contundente incidiu sobre a definição da finalidade primordial do instrumento. Especialistas (notadamente os Avaliadores 5 e 8) apontaram uma indefinição na identidade da ficha: ela se destinava à **catalogação taxonômica** (registro objetivo de atributos) ou à **construção hermenêutica** (interpretação de sentidos)? A falta dessa delimitação gerou incertezas na aplicação dos critérios, exigindo que a Versão 2.0

abandonasse a pretensão de "arquivo geral" para se assumir explicitamente como um dispositivo de **análise interpretativa fundamentada**.

No plano da fundamentação, a análise qualitativa confirmou o diagnóstico de "colisão terminológica" entre os autores-base. O Avaliador 4 evidenciou a redundância sistêmica na avaliação de variáveis como a "simetria" (tratada duplicadamente por Ashwin e Joly), enquanto o Avaliador 8 expôs a incompatibilidade epistemológica entre os conceitos de "Realismo" (semiótico) e "Naturalismo" (estilístico). Ainda mais crucial foi a desconstrução da dicotomia funcional proposta por Twyman. O Avaliador 6 alertou para a impossibilidade de enquadrar o croqui urbano em polos opostos ("Documental" *versus* "Expressivo"), visto que a natureza dos croquis é intrinsecamente híbrida. Este *feedback* foi determinante para separar, na versão final, a análise da **forma** (estratégias expressivas) da análise da **função** (intenção documental), dissolvendo a rigidez binária.

No aspecto pragmático, a crítica recorrente sobre a ausência da opção "Não se aplica" (Avaliadores 2 e 7) revelou uma falha na integridade da coleta de dados. A obrigatoriedade de resposta em campos inaplicáveis (como a análise de texto em croquis puramente visuais) gerava ruído informacional e marcações imprecisas. O acolhimento desta diretriz na versão final visou conferir **elasticidade operacional** ao instrumento, reconhecendo que a diversidade da prática do croqui urbano nem sempre se conforma à totalidade da matriz teórica preestabelecida.

4.2.2.2. *Abrangência e detalhamento*

A avaliação da abrangência revelou a tensão estrutural mais delicada do projeto: o equilíbrio instável entre a exaustividade fenomenológica (capturar a riqueza total do objeto) e a viabilidade operacional (manter a agilidade da aplicação). O Avaliador 5 diagnosticou oportunidades de expansão na análise da morfologia, sugerindo a inclusão de variáveis como a **textura do suporte** e a morfologia dos **letreiramentos**. Tais vetores são preciosos para a Memória Gráfica, onde a tipografia vernacular atua como marcador identitário e a tutilidade do papel (agora amparada na sintaxe de Dondis na v2.0) compõe a experiência estética da obra.

Simultaneamente, contudo, o mesmo especialista alertou para o risco da **sobrecarga cognitiva**. A advertência de que "as categorias podem tornar-se excessivas" tocou no ponto importante da economia do instrumento: um dispositivo analítico não pode converter-se em um labirinto burocrático. A síntese desta tensão não resultou na adição indiscriminada de

campos obrigatórios, mas na adoção de uma **arquitetura modular**. Na versão final, o dilema foi resolvido pela flexibilidade: conferiu-se ao pesquisador a autonomia para "ativar" ou "desativar" camadas de profundidade (módulos específicos de tipografia ou suporte) conforme a demanda da pergunta de pesquisa, garantindo o rigor descritivo sem sacrificar a fluidez operacional.

Embora a arquitetura lógica da ficha tenha sido legitimada, a avaliação qualitativa diagnosticou a necessidade de refinar a **experiência do usuário (UX)**, deslocando o foco da funcionalidade bruta para a eficiência da mediação visual. O consenso crítico apontou que a precisão da análise depende da clareza do suporte: o Avaliador 3 notou que a estrutura, embora correta, carecia de **hierarquização tipográfica** (uso de títulos numerados e espaçamentos) para segmentar o fluxo de leitura. Corroborando esta visão, o Avaliador 7 propôs uma estratégia de **sinalização cromática** para distinguir campos obrigatórios de informativos, sugerindo ainda a limpeza de ruídos visuais (células vazias). Tais apontamentos indicaram que a Versão 1.0 exigia um tratamento gráfico capaz de guiar o olhar do pesquisador, reduzindo a entropia visual.

No plano da **ergonomia operacional**, identificou-se uma incompatibilidade mecânica crítica: a necessidade de rolagem constante da página (*scrolling*) para alternar entre a imagem do croqui e os campos de preenchimento (Avaliador 3). Essa ruptura na continuidade visual elevava a carga cognitiva e a fadiga do analista. A solução implementada na versão final - a **imobilização do referencial** através do congelamento de painéis (*split screen*) - visou sanar este problema, permitindo a consulta simultânea da obra e da matriz de dados.

Por fim, o diagnóstico detectou barreiras técnicas de entrada. A dificuldade relatada pelo Avaliador 5 em compreender o protocolo de edição (necessidade de "criar uma cópia" no Google Sheets) evidenciou uma lacuna instrucional. A resposta a esta falha materializou-se na criação de um módulo de *onboarding* explícito na aba inicial, garantindo que a acessibilidade da ferramenta não fosse comprometida por desconhecimento da plataforma. Em síntese, o refinamento da interface na Versão 2.0 não foi estético, mas metodológico: buscou-se uma ferramenta visualmente limpa e ergonomicamente fluida, onde o *design* atua para minimizar o erro e maximizar o foco analítico.

4.2.2.3. *Rigor metodológico e adaptação*

A dimensão do rigor metodológico revelou-se o pilar estruturante da evolução da ferramenta, evidenciando desafios de **calibragem psicométrica** e integração epistemológica.

Um debate concentrou-se na modulação das escalas: o Avaliador 3 problematizou a granularidade excessiva do intervalo original (-4 a +4) e a ambiguidade do "ponto zero", argumentando que, em *Design*, a neutralidade absoluta é uma falácia teórica; o zero deve representar apenas a ausência de atributo. Corroborando esta visão, o Avaliador 4 defendeu a compressão dos campos de intensidade. O argumento central foi o de que escalas muito extensas aumentam a **dispersão subjetiva** (onde um analista marca +3 e outro +4 para o mesmo fenômeno). A decisão de revisar as escalas para intervalos mais curtos (-3 a +3) na versão final priorizou, portanto, a **reprodutibilidade dos dados** em detrimento de uma micro-graduação pouco operável.

Entretanto, a intervenção de maior impacto estrutural incidiu sobre a necessidade de **autonomia taxonômica**. O Avaliador 8 desferiu uma crítica epistemológica aguda ao identificar a incompatibilidade na convivência forçada entre o "Realismo" (da semiótica de Joly) e o "Naturalismo" (da estilística de Ashwin). O diagnóstico apontou que a justaposição acrítica de "sistemas generalistas" gerava ruído conceitual, tratando como homólogos termos com raízes teóricas distintas. Esta provocação foi o catalisador para a maturidade da pesquisa: instado a superar o ecletismo e "criar uma taxonomia própria", o instrumento abandonou a tentativa de conciliar terminologias conflitantes.

4.2.2.4. *Contexto de produção*

A análise deste eixo expôs a incompatibilidade entre a rigidez do modelo e a fluidez da prática *in situ*. O Avaliador 2 diagnosticou uma falha crítica na lógica de exclusividade das categorias, apontando a dificuldade operacional em classificar croquis multidimensionais que "remetem a mais de um aspecto" simultaneamente. A estrutura original de seleção unívoca forçava o analista a realizar escolhas arbitrárias, mutilando a natureza híbrida do registro. A correção desta distorção na Versão 2.0 exigiu a migração para um sistema de **múltipla incidência**, reconhecendo que, no desenho urbano, contextos funcionais e temáticos frequentemente se sobrepõem e coexistem.

Simultaneamente, o enriquecimento da granularidade documental foi impulsionado pela contribuição do Avaliador 9, que reivindicou a inclusão de **marcadores temporais explícitos** (amanhecer, diurno, entardecer, noturno). Esta variável transcende o dado informativo; no *Urban Sketching*, a luz atua como agente modelador do espaço e determinante da sintaxe cromática. A ausência desse registro na versão original impedia a correlação entre as condições ambientais e as decisões técnicas de sombreamento.

4.2.2.5. *Representação técnica*

A avaliação deste eixo confrontou a pesquisa com o desafio da **opacidade fenomenológica** inerente à análise de artefatos físicos mediados por reproduções digitais. O Avaliador 9 desconstruiu a terminologia original, sugerindo a substituição da rubrica genérica "Caderno de desenho" pela categoria técnica **Suporte**, desdobrando-a em tipologias específicas (caderno espiral, lâmina avulsa, papel texturizado, telas digitais). Essa recalibragem taxonômica reconhece a pluralidade de superfícies do croqui urbano contemporâneo, permitindo futuras correlações entre a escolha do substrato e a técnica empregada.

Concomitantemente, a crítica incidiu sobre os limites da verificação visual. O especialista alertou para a complexidade de distinguir materiais (como a nuance entre lápis e grafite ou a tonalidade real do papel) em imagens sujeitas a edição digital, filtros de contraste e balanço de branco automatizado, processos que frequentemente mascaram a morfologia da obra. Diante dessa barreira, a contribuição mais crítica para a robustez dos dados foi a institucionalização da incerteza: a inclusão da categoria "**Não Identificável**" ou "**Indefinido**". A implementação desta **salvaguarda metodológica** na versão final garante a integridade da análise, assumindo que, na pesquisa baseada em acervos digitais, a honestidade intelectual reside em admitir que nem todos os aspectos físicos são passíveis de inferência visual segura.

4.2.2.6. *Mensagem Linguística*

A categoria referente aos elementos verbais foi objeto de uma revisão taxonômica cirúrgica, impulsionada pela necessidade de distinguir duas naturezas semióticas distintas. O Avaliador 9 problematizou a generalidade do item original, recomendando a tipificação explícita entre o **texto como metadado** (assinatura, data, título), que valida a autoria, e o **texto como componente da paisagem** (letreiros, pichações, sinalização), que documenta a cultura visual urbana. Esta distinção é crucial para a Memória Gráfica: enquanto a primeira situa o documento no tempo, a segunda registra a camada vernacular da cidade desenhada.

Complementarmente, o Avaliador 3 apontou uma inconsistência lógica na mensuração deste atributo, criticando a aplicação de uma escala gradativa para um fenômeno de existência binária. O argumento de que a "ausência" não comporta intensidades (o texto existe ou não existe) motivou a simplificação da variável para um sistema **booleano (Presente/Ausente)**. Essa correção de *design* da informação elimina a subjetividade na constatação de um dado

objetivo, sanando a ambiguidade que levava os avaliadores a atribuir valores neutros equivocados.

As revisões propostas pelo Painel de Especialistas transcenderam a correção de erros funcionais, atuando como um mecanismo decisivo de **qualificação epistemológica**. O exame qualitativo permitiu sanar as fragilidades diagnosticadas na fase preliminar através de três vetores de aprimoramento que definem a identidade da Versão 2.0: a **precisão teórica**, alcançada pela resolução das incompatibilidades entre autores (notadamente a dissociação entre a morfologia de Dondis e a pragmática de Twyman); a **integridade operacional**, assegurada pela introdução de escalas binárias e categorias de "incerteza" (Não Identificável); e a **elasticidade contextual**, que adaptou a ficha para capturar a complexidade situacional da produção *in situ*. Dessa forma, a consolidação dessas múltiplas perspectivas elevou o rigor metodológico da ferramenta, transformando-a de um protótipo em um instrumento experimental, apto a sistematizar a análise da Memória Gráfica Urbana com a densidade analítica exigida pelo campo acadêmico.

Quadro 12: Consolidação dos dados da análise descritiva e frequência de respostas.

Categoria da Sugestão	Diretriz de Aprimoramento e Justificativa	Avaliador(es)
Coerência Conceitual	<ul style="list-style-type: none"> • Definição Teleológica: Clarificar a vocação do instrumento. Migrar da ambiguidade "catalográfica" para a definição explícita de dispositivo de análise hermenêutica. • Unificação Epistemológica: Resolver conflitos taxonômicos entre autores (ex: Realismo vs. Naturalismo). Abandonar o "mosaico de citações" em favor de uma taxonomia autoral integrada (Ficha v2.0). • Integridade de Dados: Implementar a opção "Não se aplica" para evitar o preenchimento arbitrário em campos condicionais, garantindo a precisão estatística. 	5, 8, 9 4, 6, 8 2, 7
Abrangência e Detalhe	<ul style="list-style-type: none"> • Arquitetura Modular: Superar o dilema "exaustividade vs. viabilidade" através da modularidade. Permitir que camadas extras (textura, tipografia) sejam ativadas conforme a pergunta de pesquisa. 	5
Usabilidade e Interface	<ul style="list-style-type: none"> • Redução de Entropia Visual: Refinar o <i>design</i> da informação (espaçamento, hierarquia tipográfica). Utilizar sinalização cromática para distinguir funções (obrigatório vs. informativo). • Imobilização do Referencial: Implementar <i>Split Screen</i> (tela dividida) para manter a imagem visível durante o preenchimento, reduzindo a carga cognitiva e a fadiga. • Redução de incompatibilidade de Entrada: Incluir módulo de <i>onboarding</i> com instruções técnicas explícitas (ex: "criar cópia") para facilitar o acesso inicial. 	3, 7 3 5

Rigor Metodológico	<ul style="list-style-type: none"> • Calibragem Psicométrica: Comprimir as escalas (de -4/+4 para -3/+3) para reduzir a dispersão subjetiva e aumentar a reprodutibilidade. Ressignificar o "zero" como ausência de atributo, não neutralidade. • Autonomia Taxonômica: Consolidar a "Fidelidade Representacional" como categoria síntese, superando as dissonâncias dos sistemas generalistas de origem. 	3, 4 8
Contexto e Produção	<ul style="list-style-type: none"> • Lógica de Coexistência: Substituir seleção única (<i>radio button</i>) por múltipla (<i>checkbox</i>) para capturar a sobreposição de contextos. • Fenomenologia Situada: Incluir marcador temporal (período do dia) para correlacionar a luz atmosférica com as escolhas cromáticas. 	2, 9
Meios e morfologia	<ul style="list-style-type: none"> • Gestão da Opacidade: Substituir termos genéricos por especificações técnicas ("Suporte"). Instituir a categoria "Não Identificável" como salvaguarda de rigor para limitações de inferência em imagens digitais. 	9
Mensagem Linguística	<ul style="list-style-type: none"> • Refinamento Semiótico: Distinguir texto extradiagético (metadado: data, assinatura) de texto diagético (paisagem: letreiros). • Lógica Binária: Adotar sistema <i>Boolean</i> (Presente/Ausente) para eliminar subjetividade na constatação de existência. 	3, 9

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

4.3. Discussão dos resultados

A consolidação da **Versão 2.0** materializa a resposta dialética aos diagnósticos levantados na etapa de avaliação. A triangulação entre a métrica da aplicação-piloto e o exame qualitativo do painel de especialistas não apenas apontou falhas operacionais, mas impôs um **giro epistemológico** na fundamentação do instrumento. O ponto de inflexão reside na revisão da morfologia visual: o consenso crítico - corroborado pela banca examinadora - confirmou que a tentativa experimental de instrumentalizar Michael Twyman para a análise de atributos táteis e gestuais (como 'traço' e 'textura') resultou em insuficiência conceitual, visto que a matriz original do autor privilegia a macro-configuração da informação em detrimento da micro-sintaxe expressiva. O reconhecimento da natureza híbrida do *corpus* - formalmente estruturado mas pragmaticamente versátil - expôs a imperatividade de revisão do modelo de análise. A incompatibilidade teórica detectada no eixo da linguagem visual evidenciou a necessidade de uma dissociação mais cirúrgica entre a dimensão sintática (forma) e a pragmática (uso), diagnóstico que baliza o refinamento conceitual da próxima etapa.

Diante desta evidência, a discussão fundamenta a **cisão teórica** que reestrutura o novo instrumento: opera-se a substituição do modelo de Twyman no eixo morfológico pela **Sintaxe Visual de Donis A. Dondis (1997)**, devolvendo a Twyman a sua competência original - a análise dos aspectos funcionais e esquemáticos (Pragmática). Esta reorientação, que desloca o foco da "forma do esquema" para a "anatomia da imagem", constitui o alicerce teórico da

Versão 2.0, apresentada a seguir como um sistema híbrido e afinado com as especificidades da Memória Gráfica.

Essa versão busca sanar limitações estruturais da versão anterior ao integrar a sintaxe visual de Dondis (1997) e a matriz analítica de Goldsmith (1984). Enquanto Dondis instrumentaliza a análise técnica dos elementos compositivos (linha, tom, equilíbrio), Goldsmith - fundamentado na tríade de Morris (1938) - sistematiza as dimensões sintática, semântica e pragmática, operacionalizando a leitura do artefato sem perder o diálogo contextual com os autores pregressos.

4.3.1. Coerência conceitual e operacional aprimorada

A Versão 2.0 materializa a resolução das ambiguidades diagnosticadas, estabelecendo uma nova arquitetura lógica que confere solidez ao construto.

A reformulação clarificou a identidade híbrida do instrumento, formalizando seu propósito duplo: operar simultaneamente como dispositivo de **inventário sistemático** (catalogação de atributos) e de **construção hermenêutica** (interpretação de sentidos). Esta definição responde à provocação dos Avaliadores 5 e 8, superando a dicotomia "arquivo versus compreensão". A inovação central neste aspecto foi a criação do **Eixo 5: Síntese Analítica e Interpretativa**, um campo discursivo que obriga o pesquisador a transcender a fragmentação dos dados brutos para formular um argumento coeso sobre a obra, preenchendo a ausência de inteligibilidade identificada na fase piloto.

A reestruturação abandonou a organização por autores em favor de uma lógica sistêmica baseada nas dimensões semióticas, permitindo fusões estratégicas que eliminaram redundâncias:

- **Sintaxe Unificada:** A fusão de "Posicionamento" (Ashwin) e "Equilíbrio Composicional" (Joly) resultou no critério integrado de **Equilíbrio (Eixo 2)**, otimizando a avaliação da distribuição de pesos visuais. Da mesma forma, as variáveis de "Gama" e "Textura" foram absorvidas pelas categorias de **Complexidade Gráfica** e **Estrutura Composicional**, fortalecendo a análise morfológica.
- **Autonomia da Fidelidade:** A criação da categoria **Fidelidade Representacional (Eixo 3)** constitui a solução definitiva para o conflito teórico apontado pelo Avaliador 8. Ao unificar os conceitos de "naturalismo" e "realismo" sob uma única métrica de aderência ao referente, o instrumento superou a incompatibilidade dos sistemas generalistas, estabelecendo uma taxonomia nativa para o croqui urbano.

No plano operacional, a introdução explícita da opção "**Não se aplica**" (N/A) nos critérios analíticos atuou como salvaguarda da precisão dos dados. Acolhendo as diretrizes dos Avaliadores 2 e 7, essa medida eliminou a obrigatoriedade de preenchimento arbitrário em campos condicionais (como a análise textual em croquis puramente pictóricos), garantindo que a base de dados reflita apenas fenômenos efetivamente observados.

4.3.2. Rigor metodológico e adaptação específica

A evolução para a Versão 2.0 operou uma **recalibragem psicométrica** decisiva nas seções de modulação de variáveis. O novo instrumento adota um intervalo escalar comprimido (**de -3 a +3**), abandonando definitivamente o ponto "0" (zero) como valor de neutralidade. Esta alteração estrutural transcende a simplificação numérica; ela implementa uma lógica de **escolha forçada**, desenhada para mitigar o viés da tendência central.

Acolhendo a argumentação ontológica dos Avaliadores 3 e 4, a ferramenta assume a premissa de que a **neutralidade é uma impossibilidade** no ato do Design: todo traço carrega uma intencionalidade, seja ela afirmativa ou negativa em relação a um atributo. Ao compelir o analista a posicionar-se em um dos polos (ainda que em grau mínimo, +1 ou -1), o instrumento reduz a **dispersão subjetiva** e aumenta a consistência dos dados. Embora sacrifique micro-nuances de indecisão, ganha-se em robustez analítica, assegurando que a avaliação reflita o propósito comunicativo inerente ao croqui urbano.

4.3.3. Abrangência e detalhamento adaptável

A arquitetura da ficha foi reconfigurada para incorporar a **plasticidade** necessária à descrição de fenômenos complexos, superando a rigidez das categorias estanques. A readequação do **Contexto de Produção (Eixo 1)** rompeu com a lógica excludente anterior. Ao substituir o sistema de escolha única pela **seleção de múltipla incidência** no campo "Tema Principal", o instrumento passou a reconhecer a natureza híbrida da crônica urbana. Essa evolução responde à incompatibilidade diagnosticada pelo Avaliador 2, permitindo que o registro capture a **coexistência de narrativas** (ex: um croqui que é, simultaneamente, arquitetônico e etnográfico), garantindo que a taxonomia reflita a sobreposição real observada na prática.

No espectro da morfologia, operou-se um **desdobramento taxonômico** no Eixo 1. A categoria genérica anterior foi dissecada em variáveis técnicas específicas - **Instrumentos**, **Suporte** e **Técnica Gráfica** - atendendo à demanda do Avaliador 9 por maior precisão na

identificação dos substratos (distinguindo, por exemplo, lâminas avulsas de cadernos encadernados). Embora a ferramenta tenha evitado a exaustividade excessiva (como a especificação de marcas de papel), ela compensou essa limitação através de uma **arquitetura aberta**: a inserção estratégica do campo "Outro: _____" em múltiplas variáveis confere flexibilidade ao sistema, permitindo o registro de inovações materiais ou suportes atípicos sem a necessidade de reestruturar a matriz analítica.

4.3.4. Mensagem linguística clarificada

A seção referente à mensagem linguística transcendeu a mera simplificação para alcançar um **refinamento taxonômico**. O Eixo 3 foi reestruturado através de uma bipartição estratégica em duas dimensões complementares: "**a) Presença e Integração**" e "**b) Natureza da Informação**".

Esta nova arquitetura resolve a ambiguidade ontológica diagnosticada pelos Avaliadores 3 e 9. Enquanto a primeira dimensão mensura a carga quantitativa e a integração espacial do elemento verbal, a segunda qualifica sua função, estabelecendo fronteiras claras entre o texto como **metadado de validação** (assinatura, data, título) e o texto como **componente gráfico** da paisagem (letreros, pichações). Adicionalmente, a métrica de "ausência" foi normalizada: abandonou-se a gradação subjetiva em favor de um estado de inexistência absoluta, conferindo rigor lógico à constatação do fenômeno.

4.3.5. Melhorias na usabilidade e interface (implícitas na estrutura)

Por fim, as melhorias na usabilidade não foram tratadas como adendos cosméticos, mas como elementos estruturantes da ergonomia cognitiva do instrumento. A reorganização dos critérios em eixos analíticos lógicos (Sintaxe, Semântica, Pragmática) transcendeu a mera arrumação teórica para atuar diretamente na fluidez operacional: ao agrupar categorias afins e eliminar redundâncias, a nova arquitetura reduz a carga mental do analista, promovendo uma navegação intuitiva.

Esta reestruturação materializa as diretrizes dos Avaliadores 3 e 7, que reivindicaram maior clareza na hierarquia visual e no espaçamento dos blocos. Mais do que isso, a Versão 2.0 implementou soluções técnicas decisivas para a experiência do usuário: a adoção de painéis congelados assegura a visualização contínua do croqui durante todo o processo de preenchimento, eliminando a fadiga da rolagem, enquanto a introdução de um módulo de

instruções iniciais remove as barreiras técnicas de acesso à planilha. A interface, portanto, deixou de ser um obstáculo para se tornar um facilitador silencioso do rigor metodológico.

4.4. Proposta refinada - o instrumento de análise

A Ficha de Análise Gráfica v2.0 consolida-se como a síntese operativa da pesquisa, materializando a fusão entre o arcabouço teórico (Capítulo 2) e as diretrizes de aprimoramento emanadas da validação por especialistas (Seção 4.3). Este instrumento definitivo foi desenhado para transcender a fragmentação da fase piloto, integrando os modelos de Donis A. Dondis (1997), Clive Ashwin (1979), Martine Joly (1996), Michael Twyman (1979) e Evelyn Goldsmith (1980) em uma arquitetura coesa, fundamentada na **Triade Semiótica** de Morris (1985).

Enquanto a Versão 1.0 do instrumento foi submetida a um teste de estresse em um corpus ampliado para fins diagnósticos, a aplicação da Versão 2.0 (refinada) assume, nesta etapa da pesquisa, um caráter **demonstrativo de exequibilidade**. O objetivo desta aplicação final não é gerar dados estatísticos sobre o acervo, mas comprovar a resolução das inconsistências teóricas apontadas pelo Painel de Especialistas e demonstrar correções e melhorias da nova arquitetura taxonômica proposta.

O instrumento proposto opera sob uma lógica funcional dual, integrando **catalogação documental e decomposição analítica**.

- **Módulo de Catalogação (Contexto):** Visa assegurar a rastreabilidade do artefato digital, registrando metadados invariáveis (autoria, geolocalização, datação e plataforma de origem) para constituir um repositório organizado da memória gráfica urbana.
- **Módulo de Análise (Linguagem):** Visa desconstruir a sintaxe visual e a narrativa da imagem através das variáveis teóricas refinadas, permitindo a mensuração qualitativa dos atributos gráficos.

Operacionalmente, a ferramenta materializa-se em uma planilha digital interativa, estruturada sob a lógica de vocabulários controlados e escalas de diferencial semântico para assegurar a padronização da coleta. A arquitetura do sistema organiza-se em cinco eixos estruturantes, que obedecem a uma lógica processual de decomposição e reconstrução do objeto.

A seguir, detalham-se os critérios técnicos e as categorias operacionais definidas para cada um destes eixos.

4.4.1. Estrutura Operacional do Instrumento (Versão 2.0)

A Versão 2.0, síntese metodológica desta investigação, foi concebida não como um mero formulário de preenchimento, mas como um **itinerário hermenêutico** progressivo. Sua arquitetura guia o pesquisador desde a identificação documental primária até a construção de sentido interpretativo, conforme fundamentado na seção 2.2.5, para dissecar a complexidade do croqui urbano. Superando as redundâncias da fase piloto, o instrumento organiza-se em **cinco eixos estruturantes** que dialogam dialeticamente. É imperativo notar que esta estrutura foi calibrada para a especificidade do objeto de estudo: a **representação digital do artefato analógico**. Esta adaptação impõe um rigor fenomenológico singular, reconhecendo que a análise incide sobre a imagem mediada pela tela, o que exige cautela inferencial ("suspensão do juízo") quanto a aspectos materiais não verificáveis visualmente.

A interconexão dos eixos estabelece um fluxo lógico: inicia-se pela **Inventariança Contextual (Eixo 1)**, avança para a dissecação profunda das dimensões **Sintática (Eixo 2)**, **Semântica (Eixo 3)** e **Pragmática (Eixo 4)**, e culmina necessariamente na **Síntese Interpretativa (Eixo 5)**, onde os dados se convertem em argumento. A seguir, detalham-se os critérios refinados que compõem cada um desses vetores analíticos.

O quadro 13 detalha essa matriz de amarração, evidenciando como os conceitos basilares (Coluna 2) foram operacionalizados em critérios de mensuração (Coluna 3) e alocados nos eixos definitivos do instrumento (Coluna 4).

Quadro 13:Arquitetura da Versão 2.0 - alinhamento entre eixos semióticos e variáveis operacionais.

Dimensão Semiótica (Estrutura: Morris / Goldsmith)	Autores de Referência (Fundamentação Específica)	Conceitos-Chave Mobilizados	Aplicação na Ficha de Análise v2.0 (Eixos Operacionais)
---	---	------------------------------------	--

<p>SINTAXE (<i>A Gramática da Forma</i>) Estudo das relações formais dos signos entre si.</p>	<p>Donis A. Dondis (Sintaxe da Linguagem Visual) Clive Ashwin (Estilo na Ilustração)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Morfologia (Dondis): Elementos básicos e técnicas visuais (Regularidade, Textura, Equilíbrio/Instabilidade). • Estilo (Ashwin): Modo de execução, consistência material e complexidade do vocabulário gráfico. 	<p>Eixo 2: Análise Formal-Sintática</p> <ul style="list-style-type: none"> • 2.1. Consistência Técnica • 2.2. Complexidade Gráfica (Gama) • 2.3. Natureza do Traço • 2.4. Textura Visual • 2.5. Estrutura Composicional • 2.6. Relação Figura-Suporte • 2.7. Proximidade • 2.8. Intensidade Cromática (Saturação)
<p>SEMÂNTICA (<i>A Construção do Sentido</i>) Estudo das relações dos signos com os objetos.</p>	<p>Martine Joly (Análise da Imagem) Evelyn Goldsmith (Compreensibilidade)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mensagem Icônica: A construção da analogia (mimese) e a conotação cultural. • Mensagem Linguística: Funções de Ancoragem (nomear) e Relé (narrar). • Paralelos Textuais: A integração entre palavra e imagem. 	<p>Eixo 3: Análise de Conteúdo e Significado</p> <ul style="list-style-type: none"> • 3.1. Fidelidade Representacional • 3.2. Simbologia Cultural • 3.3. Mensagem Linguística (Integração e Natureza)
<p>PRAGMÁTICA (<i>A Estratégia de Comunicação</i>) Estudo da relação dos signos com os intérpretes.</p>	<p>Michael Twyman (Linguagem Gráfica) Contexto de Produção (Estratégia Fotográfica)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Propósito (Twyman): A intenção de Informar (<i>To Inform</i>) ou Persuadir (<i>To Persuade</i>). • Configuração (Twyman): Modos de acesso à informação (Sinótico vs. Sequencial). • Autenticação: Estratégias de legitimação do registro (Corporeidade e Indício). 	<p>Eixo 4: Dimensão Pragmática</p> <ul style="list-style-type: none"> • 4.1. Propósito Comunicativo • 4.2. Estratégia de Configuração • 4.3. Tática de Autenticação (Corpórea) • 4.4. Tática de Autenticação (Referencial)

Fonte: Elaborado pelo autor

4.4.1.1. Eixo 1: Identificação e contextualização (a base documental)

Este eixo constitui o alicerce da infraestrutura analítica, operando a conversão do croqui de mero artefato visual em documento científico rastreável. Focado na coleta de metadados, ele garante a **contextualização espaço-temporal** e a caracterização técnica indispensável para estudos longitudinais comparativos da memória gráfica.

- **Rastreabilidade e Indexação:** Implementou-se um protocolo rigoroso de taxonomia de arquivamento, padronizando a identidade digital dos ficheiros através da estrutura lógica **SIGLALOCAL_ANO_MÊS_LOCAL_CATEGORIA_SKETCHER_Nº**. Paralelamente, o registro da localização geográfica foi ampliado para assegurar a **ancoragem territorial**, exigindo a especificação de cidade, bairro e ponto de referência, além da autoria e do *link* persistente da fonte primária.
- **Fenomenologia Situacional:** Atendendo à premissa de que a luz é um agente modelador da forma, o campo "Data" foi expandido para incorporar **marcadores temporais atmosféricos** (amanhecer, diurno, entardecer, noturno). Este dado é vital para correlacionar as escolhas cromáticas do desenhista com as condições de visibilidade do instante registrado. A categorização do "Evento" (encontros oficiais *versus* produção espontânea) também foi refinada para mapear a motivação pragmática do registro.
- **Polifonia Temática:** Para superar a ambiguidade diagnosticada na fase piloto - onde a complexidade da urbe não cabia em categorias estanques -, adotou-se o **sistema de múltipla incidência** (*checkbox*). Categorias como "Arquitetura e Patrimônio", "Espaços Públicos" e "Cotidiano Urbano" passaram a ser cumulativas, permitindo que a ficha capture a **sobreposição semântica** real da paisagem desenhada.
- **Dissecção da morfologia:** Substituindo a antiga categoria genérica, este item promoveu o desmembramento técnico dos meios. Analisa-se separadamente o **Instrumento de Inscrição** (grafite, nanquim, aquarela) e o **Substrato de Suporte** (caderno espiral, papel texturizado, tela digital). Crucialmente, a opção "**Não Identificável**" foi institucionalizada para casos de opacidade na imagem digital, respeitando os limites da inferência visual honesta.

Quadro 14: Eixo 01 - Protocolo de Identificação e Rastreabilidade Documental.

Campo	Descrição	Opções / Formato de Preenchimento
1.1. Nome do Arquivo	Código padronizado para organização digital e rastreabilidade, seguindo a taxonomia de arquivamento definida na pesquisa.	Texto livre. <i>Padrão sugerido:</i> SIGLALOCAL_ANO_MÊS_LOCAL_CATEGORIA_SKETCHER_Nº
1.2. Autoria	Identificação do responsável pelo registro gráfico (individual ou coletivo).	Texto livre.

1.3. Data e Marcador Temporal	Data da produção e identificação do período do dia, visando a correlação com aspectos de iluminação e atmosfera.	Data (DD/MM/AAAA) ou Texto aproximado. Período: Amanhecer / Diurno / Entardecer / Noturno.
1.4. Localização	Ancoragem geográfica do desenho. Deve especificar a malha urbana (cidade/bairro) e o objeto (endereço/ponto de referência).	Texto livre.
1.5. Grupo / Coletivo	Vínculo institucional ou comunitário do autor, permitindo associar o desenho a uma comunidade de prática específica.	Texto livre ou N/A (Não se aplica).
1.6. Evento	Contexto social da produção (se ocorreu em encontro oficial, <i>workshop</i> ou prática espontânea).	Texto livre ou Produção Espontânea.
1.7. Fonte da Coleta	Origem do arquivo digital (coleta direta, acervo <i>online</i> , redes sociais). Essencial para a rastreabilidade da fonte primária.	Texto livre.
1.8. Link de Acesso	Endereço eletrônico persistente para visualização ou verificação da imagem original.	URL ou N/A.
1.9. Tema Principal	Categorização temática central. Permite seleção múltipla para abarcar a complexidade de cenas que sobrepõem patrimônio e vida cotidiana.	Seleção Múltipla (Checkbox): <input checked="" type="checkbox"/> Arquitetura e patrimônio edificado <input checked="" type="checkbox"/> Espaços públicos e vida urbana <input checked="" type="checkbox"/> Cultura e identidade local <input checked="" type="checkbox"/> Interação humana e cotidiano <input checked="" type="checkbox"/> Memória e transformação urbana <input checked="" type="checkbox"/> Outro: _____
1.10. Meios e Suportes	Caracterização técnica dos recursos físicos ou digitais empregados, sujeita aos limites da identificação visual na fotografia.	-
- <i>Instrumentos</i>	Ferramentas de traço e mancha utilizadas na composição.	Seleção Múltipla: <input checked="" type="checkbox"/> Lápis/Grafite <input checked="" type="checkbox"/> Caneta/Nanquim/Marcador <input checked="" type="checkbox"/> Aquarela <input checked="" type="checkbox"/> Lápis de cor/Pastel <input checked="" type="checkbox"/> Tablet/Mesa Digitalizadora <input checked="" type="checkbox"/> Não Identificável / Inconclusivo

- <i>Suporte</i>	Superfície de inscrição. A tipologia influencia na mobilidade e na técnica.	Seleção Única: <ul style="list-style-type: none"> ○ Caderno/Diário (Costurado/Espiral) ○ Folha Avulsa (Lisa/Texturizada) ○ Bloco de Esboço ○ Nativo Digital ○ Não Identificável (Limitação da imagem)
------------------	---	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

4.4.1.2. Eixo 2: Dimensão Sintática (Morfologia e Estilo)

A Versão 2.0 consolida a dimensão sintática em categorias operacionais de polaridade forçada (escala de -3 a +3), acrescidas do indexador "N/A" para neutralização de indefinições visuais. A estrutura abandona a revisão conceitual em favor da funcionalidade diagnóstica, organizando-se em dois vetores de análise:

1. Parâmetros de Micro-Sintaxe (morfologia interna)

- **Natureza do Traço (Ductus):** Mensuração do gradiente entre o rigor técnico-racional (linha controlada/planejada, -3) e a expressividade gestual orgânica (linha trêmula/espontânea, +3).
- **Textura Visual:** Escala de tatilidade que varia da superfície bidimensional plana (-3) à densidade háptica texturizada (hachuras densas e granulações, +3).
- **Estrutura Composicional:** Vetor de estabilidade variando do equilíbrio simétrico/estático (-3) à tensão por assimetria e descentramento (+3).
- **Intensidade Cromática (Saturação):** Avaliação da pureza do matiz que oscila da neutralidade acromática ou baixa saturação (tons de cinza, nanquim puro e pastéis, -3) à vibração cromática máxima (cores puras, brilhantes e alto contraste de matiz, +3).

2. Parâmetros de Macro-Estilística (recursos e espacialidade)

- **Consistência Técnica:** Avaliação do regime material, do purismo técnico (unidade de meio, -3) ao hibridismo/técnica mista (+3).
- **Complexidade Gráfica (Entropia):** Nível de saturação informativa, da economia sintética/minimalista (-3) à expansão detalhista/barroca (+3).

- **Relação Figura-Suporte:** Grau de integração com a página, da autonomia iconográfica (desenho isolado/ícone, -3) à imersão por sangria (continuidade espacial, +3).
- **Regime Escópico (Proximidade):** Escala de abrangência visual, da perspectiva panorâmica/urbana (-3) ao recorte fragmentário/close-up (+3).

Quadro 15: Eixo 02 - Critérios da Dimensão Sintática (morfologia e estilo)

Critério	Fundamentação Teórica	Escala de Avaliação
2.1. Consistência Técnica	Ashwin (1979) <i>(Ingredientes de Estilo)</i>	Homogênea (-3) ↔ (+3) Heterogênea (Negativo: Técnica única/uniforme; Positivo: Mix de mídias/colagem).
2.2. Complexidade Gráfica (Gama)	Ashwin (1979) <i>(Ingredientes de Estilo)</i>	Restrita (-3) ↔ (+3) Expandida (Negativo: Simplificação/Economia; Positivo: Riqueza/Detailhamento).
2.3. Natureza do Traço	Dondis (1997) <i>(Sintaxe Visual: Regularidade)</i>	Controlado (-3) ↔ (+3) Gestual (Negativo: Linha precisa/técnica; Positivo: Linha livre/trêmula).
2.4. Textura visual	Dondis (1997) <i>(Sintaxe Visual: Textura)</i>	Plana (-3) ↔ (+3) Texturizada (Negativo: Cor chapada/Lisa; Positivo: Hachuras/Granulação).
2.5. Estrutura composicional	Dondis (1997) <i>(Sintaxe Visual: Equilíbrio)</i>	Equilibrada (-3) ↔ (+3) Instável (Negativo: Simetria/Repouso; Positivo: Assimetria/Tensão).
2.6. Relação Figura-Suporte	Ashwin (1979) <i>(Enquadramento)</i>	Disjuntiva (-3) ↔ (+3) Conjuntiva (Negativo: Elemento isolado/flutuante; Positivo: Sangria/Continuidade).
2.7. Proximidade	Ashwin (1979) <i>(Proximidade)</i>	Distante (-3) ↔ (+3) Próximo (Negativo: Panorama/Geral; Positivo: Detalhe/Close-up).
2.8. Intensidade Cromática (Saturação)	Dondis (1997) <i>(Sintaxe da Cor)</i>	Dessaturada (-3) ↔ (+3) Saturada (Negativo: Acromática/Neutras/P&B; Positivo: Vivida/Pura/Brilhante)

4.4.1.3. Eixo 3: Dimensão Semântica (conteúdo e significado)

Este eixo operacionaliza a decodificação do sentido e a relação entre o signo gráfico e o referente real. A análise é processada por meio de vetores que mensuram a analogia icônica e a interferência do código verbal, utilizando a escala de polaridade forçada (-3 a +3) e o indexador "N/A" para ausência de elementos linguísticos.

1. Parâmetros de Mensagem Icônica (significação)

- **Fidelidade Representacional:** Mensuração do grau de mimese em relação ao objeto. O polo **Figurativo Estilizado (-3)** identifica a predominância da expressão plástica e da distorção subjetiva sobre a precisão ótica. O polo **Figurativo Naturalista (+3)** indica o compromisso com a verossimilhança, respeitando proporções métricas e rigor documental.
- **Simbologia Cultural (Carga Conotativa):** Avaliação da presença de marcadores identitários. O polo **Neutra/Genérica (-3)** classifica a representação de espaços sem indicadores de localidade (não-lugares). O polo **Carregada/Identitária (+3)** atesta o uso de ícones culturais e vernaculares que vinculam o desenho ao *Genius Loci* de um território específico.

2. Parâmetros de Mensagem Linguística (texto verbal)

- **Integração Visual:** Avaliação da fusão material entre os códigos verbal e visual. O polo **Fragmentado (-3)** indica a separação clara entre texto e imagem. O polo **Integrado/Híbrido (+3)** identifica o texto operando como elemento gráfico (títulos desenhados, tipografia integrada à mancha ou balões), tornando a união indissociável.
- **Natureza da Informação (Função Semântica):** Distinção do papel do texto na construção do sentido. A **Função de Ancoragem (-3)** limita-se à descrição de dados objetivos (nomes, datas, localizações) para fixar o sentido denotativo. A **Função de Relé (+3)** adiciona camadas interpretativas, narrativas ou críticas que complementam a imagem, estabelecendo uma relação de expansão de significado.

Quadro 16: Eixo 03 - Critérios da Dimensão Semântica (Referencialidade e Conteúdo).

Critério	Fundamentação	Escala de Avaliação
----------	---------------	---------------------

3.1. Fidelidade Representacional	C. Ashwin (1979) <i>(Naturalismo)</i> M. Joly (1996) <i>(Iconicidade)</i>	Estilizado (-3) ↔ (+3) Naturalista (Negativo: Interpretação/Distorção; Positivo: Verossimilhança/Proporção).
3.2. Simbologia Cultural	M. Joly (1996) <i>(Conotação)</i>	Neutra (-3) ↔ (+3) Carregada (Negativo: Espaço genérico; Positivo: Ícones identitários evidentes).
3.3. Mensagem Linguística (Texto)	M. Joly (1996) <i>(Ancoragem/Relé)</i> E. Goldsmith (1980) <i>(Paralelos Textuais)</i>	Integração: Ausente (0) ↔ Integrada (+3) Função: Descritiva (-3) ↔ Interpretativa (+3) <i>(Dados/Data/Local vs. Narração/Opinião)</i>

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

4.4.1.4. Eixo 4: Dimensão Pragmática (estratégia, função e configuração)

Este eixo mensura o propósito comunicativo e o gerenciamento da relação entre a representação gráfica e o usuário. A análise foca nas estratégias de *design* utilizadas para governar o acesso à informação e na retórica de legitimação do registro no ambiente digital, operando em escala de polaridade forçada (-3 a +3).

1. Parâmetros de Função e Modo de Acesso (configuração)

- **Função Comunicativa (propósito):** Identificação da intencionalidade primordial do registro. O polo **Informativa/Documental (-3)** caracteriza o croqui como ferramenta de inventário, priorizando a notação de dados objetivos e recursos explicativos. O polo **Persuasiva/Expressiva (+3)** define o croqui como veículo de subjetividade, onde a retórica visual e a atmosfera se sobrepõem ao rigor descritivo.
- **Estratégia de Configuração (modo de acesso):** Mensuração da espacialização temporal e condução do olhar. O polo **Sinótica (-3)** identifica a visualização simultânea e não-linear, sugerindo estabilidade e permanência. O polo **Sequencial (+3)** indica uma visualização dirigida e linear (narrativa), utilizando vetores de movimento para enfatizar a transitoriedade urbana.

2. Parâmetros de Autenticação (mediação digital) Analisa o uso deliberado do contexto fotográfico como ferramenta de legitimação da prática *in loco*:

- **Estratégia de Autenticação Corpórea (dêixis performativa):** Avaliação da legitimação pelo ato. O polo **Artefato Autônomo (-3)** isola o desenho de seu contexto de produção (corte fechado/digitalização). O polo **Artefato Situado (+3)** inclui elementos da performance (mão do artista ou materiais), atestando a execução presencial.
- **Estratégia de Autenticação Referencial (verificação):** Avaliação da legitimação pelo indício. O polo **Referente Oculto (-3)** nega o acesso visual ao objeto real, centrando-se na mimese autônoma. O polo **Referente Explícito (+3)** utiliza a sobreposição fotográfica entre desenho e objeto real (edifício/paisagem), estabelecendo uma prova testemunhal da veracidade do registro.

Quadro 17: 04 - Critérios da Dimensão Pragmática (estratégia e função).

Critério	Fundamentação	Escala de Avaliação
4.1. Propósito Comunicativo	Twyman (1979) <i>(Intencionalidade)</i>	Informativa (-3) ↔ (+3) Persuasiva <input type="checkbox"/> N/A <i>(Negativo: Foco na precisão/dados; Positivo: Foco na poética/retórica).</i>
4.2. Estratégia de Configuração	Twyman (1979) <i>(Método de Configuração)</i>	Sinótica (-3) ↔ (+3) Sequencial <input type="checkbox"/> N/A <i>(Negativo: Visão global/Estática; Positivo: Visão de fluxo/Dinâmica).</i>
4.3. Tática de Autenticação (Corpórea)	Estratégia Fotográfica <i>(Autoria/Pesquisa)</i>	Artefato Autônomo (-3) ↔ (+3) Artefato Situado <input type="checkbox"/> N/A <i>(Negativo: Apenas o papel digitalizado; Positivo: Presença da mão/materiais).</i>
4.4. Tática de Autenticação (Referencial)	Estratégia Fotográfica <i>(Autoria/Pesquisa)</i>	Referente Oculto (-3) ↔ (+3) Referente Explícito <input type="checkbox"/> N/A <i>(Negativo: Foco exclusivo na mimese; Positivo: Comparação Desenho vs. Realidade).</i>

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

4.4.1.5. Eixo 5: Síntese Analítica e Interpretativa

Constitui a etapa de triangulação dialética, transcendendo a otimização paramétrica (escalas e *checkboxes*) para converter dados taxonômicos em inteligibilidade hermenêutica. O pesquisador abandona a classificação estanque para operar a integração sistêmica entre Sintaxe (Forma), Semântica (Significado) e Pragmática (Função).

O roteiro de análise discursiva estrutura-se em quatro vetores de tensão teórica:

1. **A Forma como Função (Sintaxe ↔ Pragmática):** Correlação entre a morfologia visual (traço, textura e equilíbrio via **Dondis**) e a intencionalidade estratégica (propósito informativo ou persuasivo via **Twyman**). Analisa-se se a gramática visual sustenta ou contradiz a função comunicativa.
2. **Ancoragem Territorial (Semântica):** Exame da simbologia cultural e dos signos icônicos (via **Joly**) na conversão do espaço genérico em *Genius Loci*. Verifica-se como os elementos denotativos e conotativos fixam a identidade do lugar.
3. **Retórica da Veracidade (Validação Performativa):** Análise das táticas de autenticação (corpórea ou referencial) na fotografia do artefato. Avalia-se como a encenação do registro valida a experiência *in loco* e a "prova de presença" do autor.
4. **Cristalização Mnemônica (Síntese):** Definição do estatuto do croqui como artefato de memória, interpretando a camada temporal e afetiva preservada na representação da paisagem urbana.

Quadro 18: Eixo 05 - Roteiro para síntese analítica e interpretação crítica.

Componente / Campo	Fundamentação Teórica	Descrição e Orientações Metodológicas	Formato de Preenchimento / Roteiro Guia
5.1. Síntese Hermenêutica (Análise Discursiva)	<p>Triangulação Semiótica (<i>Sintaxe + Semântica + Pragmática</i>)</p> <p>Farias e Braga (2018) (<i>Memória Gráfica</i>)</p>	<p>A partir da triangulação dos dados levantados nos Eixos 1 a 4, este campo exige a elaboração de um texto analítico-interpretativo.</p> <p>O pesquisador deve sintetizar as observações fragmentadas, conectando as escolhas formais (Sintaxe) e o propósito comunicativo (Pragmática) aos significados culturais (Semântica).</p> <p>É o momento de articular como os diferentes aspectos da imagem interagem para produzir sentido e memória.</p>	<p>Texto Dissertativo-Argumentativo (Livre).</p> <p><i>Sugestão de Roteiro para Estruturação:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Estilo (Eixo 2): Quais são os traços morfológicos predominantes (Dondis) e como eles definem o estilo (Ashwin)? • Articulação: Como a forma sustenta a intenção do autor? (Ex: O traço gestual reforça a urgência da cena urbana?) • Autenticação (Eixo 4): Como a estratégia fotográfica (presença do corpo ou do referente)

			<p>valida o desenho como experiência vivida <i>in loco</i>?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Memória: De que maneira este croqui atua como um "portador concreto de energia mnemônica" (Farias e Braga, 2018)? • Identidade (Eixo 3): O que o registro revela sobre a identidade cultural ou as transformações do espaço?
--	--	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A apresentação da **Versão 2.0** encerra o ciclo de desenvolvimento instrumental desta pesquisa. O percurso, iniciado com a adaptação exploratória de modelos teóricos (Versão 1.0) e submetido a avaliação por especialistas, culminou em uma ferramenta teórica e operacionalmente madura. Ao integrar a sintaxe de Dondis, a pragmática de Twyman e a semiologia de Joly em uma estrutura de cinco eixos interconectados, o instrumento superou as dissonâncias iniciais. Ele se apresenta agora não apenas como uma ficha de catalogação, mas como um dispositivo hermenêutico capaz de capturar a complexidade multidimensional do croqui urbano.

Figura 53: Teste piloto da ficha de análise v02 em fotografia do croqui urbano de Regina Borba (2025)



Ficha de análise gráfica de urban sketching nº 01

Responsável pela análise: Jailton B. Nogueira

Eixo 1 - Identificação e contextualização do artefato

Informações gerais

Nome do arquivo:	CSL_2025_02_Deodoro	Autoria:	Regina Borba	Data de produção:	15 de janeiro de 2019
Localização:	Praça Deodoro, Centro HI	Grupo/coletivo:	USK São Luis	Evento:	Encontro USK SLZ
Fonte da coleta:	Instagram (@usk_slz)	Link:	https://www.instagram.com/regborba	Tema principal:	Arquitetura e patrimônio edificado, Espaços públicos e vida urbana

Meios e suportes

Instrumentos	Suporte
Caneta/marcador, Aquarela	Bloco de desenho
Outro:	Outro:

Eixo 2 - Análise formal - sintática

Característica	Valor	Categoria	Descrição
Consistência técnica	Homogênea	3	Heterogênea <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam uniformidade de traço e técnica; valores positivos apontam para uma mistura de estilos e materiais).
Complexidade gráfica	Restrita	3	Expandida <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam simplificação e poucos elementos visuais; valores positivos indicam riqueza de detalhes e complexidade gráfica).
Natureza do traço	Controlado	1	Gestual <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam traços precisos, uniformes e com intenção técnica evidente; valores positivos apontam para traços livres, espontâneos e que revelam o movimento da mão do sketcher).
Textura visual	Plana	2	Texturizada <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam uma composição balanceada e ordenada; valores positivos indicam uma distribuição irregular e espontânea).
Estrutura composicional	Equilibrada	2	Instável <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam uma composição fragmentada e dispersa; valores positivos indicam uma certa com planejamento gráfico evidente e coeso).
Relação figura-suporte	Disjuntiva	3	Conjuntiva <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam elementos isolados e destacados do fundo; valores positivos indicam uma cena integrada que sugere continuidade espacial).
Proximidade	Distante	2	Próximo <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam uma visão geral e distanciado; valores positivos indicam um foco em detalhes e uma perspectiva próxima).
Intensidade cromática	Dessaturada	3	Saturada <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam predominância de tons neutros, cinzas ou preto e branco; valores positivos indicam predominância de cores puras, vibrantes e alto contraste).

Eixo 3 - Análise de conteúdo e significado

Característica	Valor	Categoria	Descrição
Fidelidade representacional	Estilizado	-1	Naturalista <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam uma interpretação subjetiva, com distorções e estilização. Valores positivos indicam uma representação que busca fidelidade visual e proporções precisas).
Simbologia cultural	Neutra	3	Carregada <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam uma representação sem elementos simbólicos evidentes. Valores positivos indicam o uso explícito de ícones representativos da identidade local).
Abordagem representacional	Objetiva	2	Subjetiva <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam uma busca pela fidelidade ao real, com foco no registro documental da cena; valores positivos indicam uma interpretação pessoal que enfatiza as emoções e a visão particular do artista).
Presença e integração de texto	Ausente	-3	Predominante/integrado <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam ausência de texto. Valores positivos indicam que o texto ocupa parte significativa e interage ativamente com o croqui).
Natureza da informação (função)	Interpretativa	Não se aplica	Descritiva <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam textos com impressões e emoções pessoais. Valores positivos indicam textos com dados objetivos como nomes de locais, datas, etc.).

Eixo 4 - Análise de intenção e efeito

Característica	Valor	Categoria	Descrição
Propósito comunicativo	Expressiva/subjetiva	-2	Documental/objetiva <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam uma abordagem que enfatiza a interpretação pessoal e as emoções. Valores positivos indicam um foco na precisão do registro, com uma abordagem mais descritiva e técnica).
Estratégia de configuração	Dinâmica	3	Estática <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam a sugestão de movimento, ação e fluidez. Valores positivos indicam uma sensação de estabilidade, imobilidade e permanência na cena representada).
Estratégia de Autenticação Corpórea	Artefato autonomo	2	Artefato situado <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam a digitalização estrita da superfície gráfica, isolando a representação bidimensional de seu contexto físico imediato. Valores positivos indicam a composição de uma meta-imagem que integra elementos performáticos - como a mão do autor ou instrumentos de desenho -, evidenciando a materialidade e a situação espacial da produção).
Estratégia de Autenticação Referencial	Referente oculto	-2	Referente explícito <input type="checkbox"/> N/A (Valores negativos indicam a exclusão do referente físico do campo visual, restringindo a imagem à mimese gráfica autossuficiente. Valores positivos indicam a justaposição explícita entre a representação e o modelo real na mesma composição, estabelecendo uma dialética de verificação comparativa entre o traço e o objeto).

Eixo 5 - Eixo 5: Síntese analítica e interpretativa

Análise Discursiva	<p>Espaço destinado à triangulação hermenêutica. Não deve descrever os eixos anteriores, mas articular a Sintaxe (morfologia do traço), a Semântica (significados culturais) e a Pragmática (intencionalidade do autor) em um argumento unificado sobre a eficácia comunicativa e documental do artefato.</p>	<p>Questões Orientadoras: Coerência Morfo-Pragmática: A sintaxe visual aplicada (estilo, técnica, composição) corrobora ou tensiona a função comunicativa declarada (informativa vs. expressiva)? Constrição do Genus Loci: Como a seleção dos elementos semânticos converte a representação de um espaço genérico em um lugar identitário específico? Estabuto de Veracidade: De que modo o registro valida a experiência in loco (índices de realidade) ou denota idealização pictórica (filtros de exclusão)? Potência Memórica: Em que medida o croqui transcende o registro visual para operar como "portador concreto de energia mnemônica", cristalizando uma camada temporal da paisagem?</p>
---------------------------	---	---

O croqui de Regina Borba se destaca por sua abordagem expressiva e estilizada de um cenário culturalmente simbólico. A análise formal revela uma obra heterogênea e graficamente complexa, com uma composição assimétrica e um enquadramento conjuntivo que a integra ao seu entorno. Semanticamente, o desenho se afasta do naturalismo para oferecer uma interpretação subjetiva, mas que é fortemente carregada de simbologia cultural ao retratar os icônicos casarões de São Luis. A ausência total de texto reforça o protagonismo da imagem. A intencionalidade é predominantemente expressiva, priorizando a emoção em detrimento de um registro puramente objetivo, resultando em uma atmosfera estática, focada na permanência do patrimônio. O croqui contribui para a memória gráfica não como um documento fiel, mas como um registro afetivo que revela a identidade cultural do local através do olhar sensível da sketcher.

Fonte: Acervo do autor (2025)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O epílogo desta investigação sintetiza a trajetória percorrida, consolidando a comprovação das hipóteses e delineando a contribuição efetiva dos resultados para o campo do *Design*. A pesquisa respondeu afirmativamente à questão central, demonstrando que a análise sistemática de representações fotográficas de croquis urbanos pode - e deve - ser instrumentalizada para decodificar a complexa linguagem visual destes artefatos. Esta instrumentalização não se deu por um ato isolado, mas através de um ciclo rigoroso de desenvolvimento, aplicação empírica e refinamento iterativo do método proposto.

O **Objetivo Geral** da pesquisa - desenvolver um instrumento metodológico focado na sistematização da análise gráfica - foi materializado. A ficha de análise foi além da condição de protótipo estático para se apresentar como uma **ferramenta digital interativa**, capaz de integrar a coleta de dados visuais e a interpretação contextual. Sua aplicação ao *corpus* experimental (representações do Centro Histórico de São Luís) provou-se eficaz em caracterizar as dimensões morfológicas, temáticas e sintáticas das obras, revelando padrões de linguagem visual que, sem o auxílio do instrumento, permaneceriam dispersos ou invisíveis.

Crucial para este êxito foi a etapa de **Avaliação por especialistas** que atuou como o fiel da balança para atestar a funcionalidade e o rigor epistemológico da proposta. Os índices alcançados - **88,9% de aprovação** na capacidade de diferenciação estilística - confirmaram a robustez da ferramenta. Mais do que validar, a crítica especializada impulsionou a evolução do projeto: as diretrizes do painel foram o substrato para a gênese da **Versão 2.0**, um instrumento agora teoricamente mais coeso, operacionalmente maduro e especificamente calibrado para as nuances da representação fotográfica do desenho urbano.

No que tange ao desdobramento operacional, o percurso investigativo assegurou o cumprimento integral dos **Objetivos Específicos**, conforme o detalhamento a seguir:

- **Definição do arcabouço teórico da Análise da Linguagem Visual**

A consolidação teórica integrou os modelos analíticos de Ashwin (Estilística), Joly (Significado) e Twyman (Configuração). A incorporação da Matriz Analítica de Goldsmith (1980) e da Sintaxe Visual de Dondis (1997) complementou a base epistemológica, estruturando a análise formal e superando limitações morfológicas iniciais.

- **Estruturação do instrumento-protótipo (Ficha v1.0)**

A tradução de conceitos teóricos em categorias operacionais materializou-se em planilhas eletrônicas, viabilizando a coleta sistemática de dados. Esta etapa testou a viabilidade da transposição teórica para a análise de representações fotográficas.

- **Avaliação por painel de especialistas**

A avaliação qualitativa junto a nove especialistas submeteu a ferramenta a um teste de estresse funcional. O processo diagnosticou lacunas operacionais e inconsistências teóricas na categorização morfológica (tensão Twyman/Dondis), fundamentando o refinamento subsequente.

- **Proposição do instrumento metodológico revisado (Ficha v2.0)**

A reestruturação do instrumento adotou a arquitetura epistemológica da Tríade Semiótica de Morris (1985) (Sintaxe, Semântica, Pragmática). A substituição da organização autoral pela estruturação semiótica solucionou redundâncias e conflitos taxonômicos, conferindo coesão metodológica à proposta.

- **Aplicação prática no corpus de representações fotográficas**

A aplicação do método a dez representações de croquis do Centro Histórico de São Luís validou a eficácia do instrumento na sistematização da decodificação visual. A análise revelou padrões estilísticos e temáticos, confirmando a viabilidade da investigação do croqui urbano através de sua mediação fotográfica digital.

A pesquisa instrumentalizou a análise de representações fotográficas de croquis urbanos, convertendo registros subjetivos em objetos de investigação sistemática. O método desenvolvido oferece ao campo do Design uma ferramenta analítica para investigar a identidade visual de espaços históricos, integrando a visão autoral à memória coletiva e permitindo a comparabilidade de dados visuais.

5.1. Limitações da Pesquisa

As restrições metodológicas deste estudo exploratório delimitam a aplicabilidade dos resultados em quatro dimensões críticas. A limitação central reside na natureza do objeto: a análise de **representações fotográficas digitais** em detrimento das representações físicas. A mediação tecnológica (iluminação, filtros, resolução) torna inferencial a avaliação da

morfologia, condicionando os dados da dimensão tátil e técnica à "imagem do desenho" e não à sua facticidade.

A **subjetividade na mensuração escalar** persiste como restrição intrínseca. Embora a redução da granularidade na Versão 2.0 atue como balizador, a avaliação de critérios semânticos e pragmáticos permanece dependente do repertório cultural do analista. O uso de vocabulários controlados mitiga a dispersão, mas não elimina a variância interpretativa na classificação de atributos qualitativos.

No âmbito amostral, a **especificidade do corpus** (*USk-SLZ*) induziu um viés taxonômico voltado ao patrimônio edificado no Eixo 1, exigindo recalibragem categorial para aplicações em temáticas distintas (e.g., paisagem natural). Concomitantemente, a dimensão reduzida da amostra restringe os achados à profundidade qualitativa da prática situada, vetando a generalização dos dados.

Por fim, a **tensão epistemológica** gerada pela integração de modelos teóricos divergentes impõe limites à fluidez instrumental. O hibridismo da ferramenta exige mediação analítica constante para evitar que a operacionalização tabular de conceitos densos resulte em reducionismo conceitual.

5.2. Contribuições Metodológicas

A principal contribuição desta dissertação reside na concepção e no desenvolvimento iterativo do **Instrumento de Análise Gráfica (Versão 2.0)** voltado para representações fotográficas de croquis urbanos. A ferramenta final supera a abordagem de compilação de autores da versão preliminar ao propor uma arquitetura epistemológica integrada: fundamentada na **Matriz Analítica de Evelyn Goldsmith** e na **Tríade Semiótica de Charles Morris**, a ficha articula coerentemente os modelos de **Ashwin** (estilo), **Joly** (significado) e **Twyman** (função e organização), incorporando a **Sintaxe de Donis A. Dondis** para garantir o rigor na análise morfológica.

Adicionalmente, a pesquisa contribui para o campo do Design ao instrumentalizar o croqui urbano como fonte de dados sistemática para a Memória Gráfica. Ao preencher uma lacuna na literatura, o estudo propõe um método capaz de decodificar a linguagem visual destes artefatos, transformando impressões subjetivas em categorias analíticas observáveis (sintáticas, semânticas e pragmáticas).

Por fim, no âmbito operacional, a proposta oferece um modelo de **sistematização digital**. A estruturação do instrumento em planilhas interativas com vocabulários controlados

viabiliza a criação de bancos de dados comparáveis, facilitando a identificação de padrões em grandes *corpus* visuais. Este aspecto fornece à comunidade acadêmica um recurso replicável para futuras investigações sobre a identidade visual das cidades.

A pesquisa expande as fronteiras epistemológicas da Memória Gráfica ao legitimar as representações de croquis urbanos como objeto de estudo. A categorização destes desenhos como "artefatos gráficos híbridos" - operando na intersecção entre documento histórico e expressão autoral - fornece o quadro conceitual necessário para integrar a dinâmica da paisagem urbana aos estudos de patrimônio visual.

A adaptação da Tríade Semiótica de Morris (1985) instrumentaliza a leitura do registro *in loco*, reconfigurando-o de ato puramente artístico para processo de codificação visual. Esta teorização consolida o croqui urbano como um sistema complexo que articula a percepção individual à memória coletiva da cidade.

No âmbito pragmático, a pesquisa entrega ao campo do Design, um dispositivo instrumental avaliado que converte a apreciação estética subjetiva em dado científico estruturado. A ferramenta operacionaliza a coleta sistemática de informações visuais, capacitando pesquisadores e docentes na gestão de grandes acervos digitais e atuando como recurso didático para o ensino da Sintaxe Visual e da Semiótica.

Socialmente, o estudo legitima o croqui urbano como vetor de **Educação e Preservação Patrimonial**. A metodologia consolida o croqui como documento de salvaguarda da memória urbana, validando o registro do cidadão-desenhista como testemunho histórico da paisagem. A decodificação sistemática desses registros fortalece o sentido de pertencimento e instrumentaliza a tutela do patrimônio, transformando a narrativa visual individual em ativo de memória coletiva acessível e catalogável.

5.3. Desdobramentos e aplicações futuras

A **Ficha de Análise v2.0** como instrumento heurístico para a leitura de croquis urbanos em ambientes digitais não encerra as possibilidades investigativas; pelo contrário, descortina novas avenidas de pesquisa para o campo do Design da Informação e da Memória Gráfica.

A presente investigação aponta vetores de continuidade visando o aprofundamento do rigor metodológico e a expansão da aplicabilidade instrumental em cinco eixos prioritários:

1. Análise Comparativa: materialidade *versus* representação digital

Recomenda-se uma investigação que confronte diretamente a aplicação da Ficha v2.0 sobre os artefatos físicos originais (o caderno de croquis) *versus* suas representações digitais (o *post* na rede social). Esta aferição comparativa é necessária para quantificar o ruído informacional gerado pela mediação tecnológica. Busca-se investigar como a perda das variáveis táteis e de alta resolução da Sintaxe Visual (textura do papel, pressão do traço, granulação do pigmento) altera a percepção semântica do observador. Tal estudo validaria em definitivo os limites da análise inferencial em ambientes remotos, estabelecendo um "coeficiente de perda" aceitável para pesquisas em acervos digitais.

2. Instrumentalização digital

Dada a natureza estruturada dos dados obtidos pela Ficha v2.0, vislumbra-se a transposição do instrumento analógico para um ambiente de *software* dedicado. A substituição do preenchimento manual por interfaces dinâmicas otimizará a integridade dos dados e reduzirá a carga cognitiva do pesquisador - um problema identificado na aplicação da Matriz de Goldsmith completa. Futuramente, a integração com algoritmos de Visão Computacional e *Deep Learning* permitirá a pré-classificação automática de critérios sintáticos quantitativos (densidade linear, paleta cromática, regra dos terços), liberando o pesquisador para focar na interpretação hermenêutica das dimensões Semânticas e Pragmáticas.

3. Validação transcultural

A aplicação do instrumento em acervos de croquis urbanos geograficamente e culturalmente diversificados é imperativa. O atual *corpus*, focado no contexto ludovicense, serviu como prova de conceito. Um "teste de estresse" do modelo frente a diferentes culturas visuais (e.g., *Urban Sketchers* na Ásia ou Europa) verificará a resiliência das categorias analíticas propostas. O objetivo é refinar as distinções funcionais baseadas em Twyman e as categorias morfológicas baseadas em Dondis, assegurando que o instrumento seja universalmente aplicável, independentemente do referencial arquitetônico representado.

4. Aplicação didática no alfabetismo visual

O instrumento detém potencial pedagógico imediato para o ensino superior de Design. Alinhado ao objetivo de Donis A. Dondis (1997) de promover o alfabetismo visual, a ferramenta sistematiza o treinamento do olhar analítico discente. Ela opera a transição necessária da apreciação estética subjetiva ("gosto/não gosto") para a decomposição estrutural

rigorosa. Propõe-se o desenvolvimento de cadernos de exercícios baseados na Ficha v2.0, fundamentados na integração dos modelos de estilo (Ashwin) configuração (Twyman), significação (Joly) e morfologia (Dondis), auxiliando estudantes na compreensão da sintaxe da imagem estática.

5. A Camada Afetiva e a Memória Gráfica

Conforme apontado nas limitações deste estudo, a análise puramente gráfica por vezes tangencia, mas não esgota, a camada narrativa e afetiva do croqui (o *storytelling* e a memória). Pesquisas futuras podem acoplar à Ficha v2.0 métodos de análise de discurso verbal para examinar as legendas e comentários das postagens. O objetivo seria correlacionar os atributos gráficos (imagem) com os atributos textuais (legenda), investigando como o desenho atua não apenas como registro documental, mas como "diário gráfico" e suporte de memória afetiva da cidade.

6. REFERÊNCIAS

(A)RISCAR O PATRIMÓNIO. **(a)Riscar o Património**. [S. l.], [2024]. Disponível em: <https://ariscaropatrimonio.wordpress.com/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

AIRES, Tarsis. **Tarsis Aires**. Instagram: @tarsisaires. Disponível em: <https://www.instagram.com/tarsisaires/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

ALEXANDRE, Neusa Maria Costa; COLUCI, Marina Zambon Orpinelli. Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3061-3068, jul. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000800006>. Acesso em: 11 nov. 2025.

ASHWIN, Clive. The ingredients of style in contemporary illustration: a case study. **Information Design Journal**, Amsterdam, v. 1, n. 1, p. 51-67, 1979. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/idj.1.1.07ash>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BANKS, Raphaela. **Revista Projeto: análise gráfica de capas de 1977 a 1993**. Anais do 11º Congresso Internacional de Design da Informação | CIDI 2023. Caruaru: Sociedade Brasileira de Design da Informação - SBDI, 2023. p. 793-809.

BARTHES, Roland. A retórica da imagem. *In*: BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 27-43. Publicação original 1964.

BENTO, Amanda Ardisson; FONSECA, Letícia Pedruzzi. Análise das imagens das capas da revista Vida Capichaba. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN DA INFORMAÇÃO, 9., 2019, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: SBDI, 2019. p. 2187-2200.

BORBA, Regina. **Regina Borba**. Instagram: @regborba. Disponível em: <https://www.instagram.com/regborba/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

BOWER, Stephanie. **The World of croqui urbano: Celebrating the Evolution of Drawing e Painting on Location Around the Globe**. 2022, Ebook

CAMPANARIO, Gabriel. **The Art of croqui urbano: Drawing on Location Around the World**. Beverly: Quarry Books, 2011.

CAVALCANTE, Eunádia Silva; NASCIMENTO, José Clewton do. Desenho, patrimônio e cotidiano: a experiência do projeto de extensão natal desenhada (UFRN, Brasil). **Cadernos de Sociomuseologia**, [Lisboa], v. 64, n. 20, p. 95-121, 2022.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Teresa Castro. Lisboa Edições 70, 2008. 287 p. (Arte e comunicação; 71).

COSTA, Elizabelle Pereira. **A cultura visual paralela: o design do Livro Infantil Paradidático**. 2010. Dissertação (Mestrado em Design) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

COSTA, Hugo Barros; MOLINA-SILES, Pedro. Dibujos que immortalizan la ciudad: la arquitectura latente y perseguida del barrio de El Cabanyal. **EGA Expresión Gráfica Arquitectónica**, Valencia, n. 40, p. 192-203, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4995/ega.2020.14375>. Acesso em: 11 jan. 2024.

COUTINHO, L. G.; LIMA, G. C. Uma proposta de catalogação e análise dos rótulos de cerveja das microcervejarias do estado do Rio de Janeiro. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN DA INFORMAÇÃO, 7., 2015, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Blucher, 2015. p. 931-938.

DAMAZIO, Vera. Design e emoção: alguns pensamentos sobre artefatos de memória. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 7., 2006, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: AEnD-BR, 2006.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DRESCH, Aline; LACERDA, Daniel Pacheco; ANTUNES JÚNIOR, José Antonio Valle. **Design science research: método de pesquisa para avanço da ciência e tecnologia**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

DUGNANI, Patricio *et al.* **Métodos de análise de imagem para o desenvolvimento do ensino de linguagem visual**: revisão integrada. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

FARIAS, Priscila Lena; BRAGA, Marcos da Costa (orgs.). **Dez ensaios sobre memória gráfica**. São Paulo: Blucher, 2018. 256 p. ISBN 978-85-212-1366-6 (impresso), ISBN 978-85-212-1369-7.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Letícia Pedruzzi; GOMES, Daniel Dutra; CAMPOS, Adriana Pereira. Conjunto Metodológico para Pesquisa em História do Design a partir de Materiais Impressos. **InfoDesign: Revista Brasileira de Design da Informação**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 143-161, 2016.

GALLINA, Gabriel; SCHERER, Fabiano de Vargas. Porto Alegre Gráfica: Levantamento de aspectos gráficos no contexto urbano. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN DA INFORMAÇÃO, 9.; CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN DA INFORMAÇÃO, 9., 2019, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Design da Informação - SBDI, 2019. p. 2202-2213.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDSMITH, Evelyn. Comprehensibility of illustration: an analytical model. **Information Design Journal**, Amsterdam, v. 1, n. 3, p. 204-213, 1980. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/idj.1.3.08gol>. Acesso em: 11 out. 2025.

GOMES, Luciana Bastos. **O diário gráfico enquanto lugar de pensamento para a ilustração**: um estudo sobre a construção de identidade individual e colectiva a partir do Jardim de São Lázaro. 2017. Dissertação (Mestrado em Design Gráfico e Projetos Editoriais) – Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, Porto, 2017.

HEVNER, Alan R. *et al.* Design science in information systems research. **MIS Quarterly**, Minneapolis, v. 28, n. 1, p. 75-105, Mar. 2004.

JOLY Martine. **Introdução à análise da imagem**. Título original: Introduction à l'analyse de l'image. 11.ed. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1996. 152 pp. (Coleção Ofício de Arte e Forma).

KALLAS, Luana Miranda Esper; GUILLÉN-SALAS, Juan Carlos; SILVA, Eliel Américo Santana da. Resgate, valorização, educação e documentação do patrimônio por meio de sketches. **Revista Jatobá**, Goiânia, v. 2, e-66526, p. 1-42, 2020.

KUSCHNIR, Karina. Desenhando cidades. **Sociologia e Antropologia**, São Paulo, v.02, n.04, p. 295-314, 2012.

LÓCIO, Leopoldina Mariz; WAECHTER, Hans da Nóbrega. Reconstruindo e adaptando fichas: proposta de instrumento de análise gráfica. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN DA INFORMAÇÃO, 9.; CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN DA INFORMAÇÃO, 9., 2019, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Design da Informação (SBDI), 2019. p. 2445-2458. ISBN 978-85-212-1728-2.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARQUES, J. B. V.; FREITAS, D. Método DELPHI: caracterização e potencialidades na pesquisa em educação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 389-415, ago. 2018.

MEDEIROS, Taty de. **Taty de Medeiros**. Instagram: @tatydemedeiros. Disponível em: <https://www.instagram.com/tatydemedeiros/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

MOREIRA, Luiza Avelar; FONSECA, Letícia Pedruzzi. Proposta de ficha de coleta de dados para análise de acervos de imagens. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN DA INFORMAÇÃO, 8.; 2017, Natal. **Anais [...]**. Natal: Sociedade Brasileira de Design da Informação - SBDI, 2017. p. 1208-1224. ISBN 978-85-212-1305-5.

MORETTO, Paulo Eduardo; FARIAS, Priscila Lena. Capas de discos de rock brasileiro dos anos 1980: proposta de modelo de análise visual de conjuntos de artefatos gráficos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN DA INFORMAÇÃO, 10.; CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN DA INFORMAÇÃO, 10., 2021, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Design da Informação - SBDI, 2021. p. 1517-1527.

MORRIS, Charles. **Fundamentos de la teoría de los signos**. Tradução de Rafael Grasa. Barcelona: Paidós, 1985. (Paidós Comunicación, 14). *Publicação original: 1938*.

NASCIMENTO, José Clewton do; DUARTE, Batista; KALLAS, Luana. **Os croquis no resgate e valorização do patrimônio**. [Goiânia]: UFG, 2020. 1 vídeo (1:45:10 h). Publicado no canal do 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CjTJ0xlo0Rw> e *feature=emb_title*. Acesso em: 28 jan. 2023.

NITO, Mariana Kimie da Silva. Patrimônio cultural e ambiências urbanas. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL, 1., 2019, Rio de Janeiro. **Anais: Ressensibilizando cidades: ambiências urbanas e sentidos**. Rio de Janeiro: LASC-Proarq, 2019. p. 97-100.

OLIVEIRA, Íkaro Santhiago Câmara Silva; COUTINHO, Solange Galvão. Um olhar sobre o modelo analítico de Clive Ashwin aplicado nas ilustrações de Vera Cruz artista gráfico em Pernambuco: fins do século XIX e início do século XX. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN DA INFORMAÇÃO, 8., 2017, Natal. **Anais [...]**. São Paulo: Blucher, 2018. p. 1306-1319. Disponível em: <https://doi.org/10.5151/cidi2017-123>. Acesso em: 11 jan. 2024.

OLIVEIRA, Raro de. **Raro de Oliveira**. Instagram: @rarodeoliveira. Disponível em: <https://www.instagram.com/rarodeoliveira/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

PASQUALI, L. **Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação**. 5. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

PEREIRA, Carla Freitas Pacheco. A subjetividade em cadernos de desenho de rua. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 18., 2018, Salvador. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Estudos, 46).

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*. Disponível em: <http://www.feevale.br/editora>. Acesso em: 11 fev. 2024.

RAHIM, Shakil Yussuf; RODRIGUES, Ana Leonor Madeira. Os arquivos de desenho e a valorização do património das cidades através do diário gráfico: o caso dos Urban Sketchers Portugal. *In: PATRIMONIALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE DO PATRIMÓNIO: REFLEXÃO E PROSPECTIVA*, 2014, Lisboa. **Anais [...]**. Lisboa: Instituto de História da Arte, 2014.

ROSENGARTEN, Ruth. Passar por aí, parar, continuar a andar: desenho urbano em contexto. *In: SALAVISA, Eduardo (coord.). Urban Sketchers em Lisboa: desenhando a cidade*. Lisboa: Quimera, 2012. p. 24-40.

ROSEANE. **Roseane**. Instagram: [@rosiaquarelas](https://www.instagram.com/rosiaquarelas/). Disponível em: <https://www.instagram.com/rosiaquarelas/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SALAVISA, Eduardo. **Urban Sketchers em Lisboa**. *In: SALAVISA, Eduardo. Desenhador do Quotidiano*. [Lisboa], 2012.

Disponível em: <https://diario-grafico.blogspot.com/p/textos.html>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SILVA, Juliana; COUTINHO, Solange. Ilustrações em revistas do Recife, 1920: uma análise semântica baseada no modelo de Joly e Ashwin. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN*, 14., 2022, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. São Paulo: Blucher, 2022. p. 466-477. Disponível em: <https://doi.org/10.5151/ped2022-21>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SILVA, Eder Donizeti da; NOGUEIRA, Adriana Dantas. Urban Sketching: instrumento formador de agentes difusores do patrimônio. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 12, p. 94659-94672, dez. 2020.

SOARES, Alex. **Alex Soares**. Instagram: [@alexsoares](https://www.instagram.com/alexsoares/). Disponível em: <https://www.instagram.com/alexsoares/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

TATA, Alessandra. croqui urbano for reading the spaces of the historic city. L'Aquila and its squares. **Disegnarecon**, v. 16, n. 31, p. 20-31, dez. 2023.

THORSPECKEN, Thomas. **croqui urbano: Guia completo de técnicas de desenho urbano**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015 128 p.

TWYMAN, Michael. A schema for the study of graphic language. *In: KOLERS, Paul A.; WROLSTAD, Merald E.; BOUMA, Herman (ed.). Processing of visible language 1*. New York: Plenum Press, 1979. p. 117-150.

URBAN SKETCHERS BRASIL. **Urban Sketchers Brasil**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://brasil.urbansketchers.org/>. Acesso em: 31 out. 2024.

URBAN SKETCHERS SÃO LUÍS. **Urban Sketchers São Luís**. Instagram: [@usk_slz](https://www.instagram.com/usk_slz/). Disponível em: https://www.instagram.com/usk_slz/. Acesso em: 22 jun. 2023.

URBAN SKETCHERS. **Urban Sketchers: desenhar no local**. Disponível em: <https://urbansketchers.org/pt/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

URBAN SKETCHERS BRASIL. **Sketchers do Brasil**: Urban Sketchers São Luís. [S. l.]: Urban Sketchers Brasil, [2019]. *E-book* (PDF). (Série Sketchers do Brasil).

VALGAS, Paulo Henrique Torres. Urban Sketchers e a cidade: sociabilidades, materialidades e sensibilidades. **Ensaio: História Oral**, Santa Catarina, v. 22, n. 2, p. 217-244, jul./dez. 2019.

VALGAS, Paulo Henrique Torres. Urban Sketchers e o Heroísmo Moderno. **Revista Latino-Americana de História**, vol. 8, nº. 21, jan./jul. 2019.

VALGAS, Paulo Henrique Tôrres. Urban sketchers: memória e ressonância nos espaços da cidade. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 15., 2018, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

7. ANEXOS

7.1. ANEXO 01 - CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DA VALIDAÇÃO DA FICHA DE ANÁLISE

Assunto: Convite para Avaliação Técnica de Ficha de Análise - Pesquisa em croqui urbano e Memória Gráfica

Prezad Prof. xxxxx, tudo bem?

Meu nome é Jailton Bezerra Nogueira da Cruz, e atualmente desenvolvo uma pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), intitulada “*REGISTRANDO CIDADES: Ficha de análise gráfica para croqui urbano e suas contribuições à memória gráfica*”,

A pesquisa propõe uma **ficha de análise metodológica** voltada à interpretação de croquis produzidos por sketchers urbanos. O instrumento foi construído com base nas abordagens de Ashwin (1979), Joly (1996), Twyman (1979), além do conjunto metodológico de Fonseca, Gomes e Campos (2016).

Neste momento, estou na fase de **validação por especialistas**, e gostaria de contar com sua colaboração como avaliador(a) da ficha. A participação consiste em:

- Aplicar a ficha em até 5 croquis selecionados;
- Responder um breve formulário de avaliação (tempo estimado: 30-40 minutos no total);

Toda sua contribuição será essencial para o aprimoramento da ferramenta e para o avanço dos estudos em memória gráfica e croqui urbano.

Fico à disposição para esclarecer dúvidas e enviar o material completo.

Atenciosamente,

Jailton Nogueira

jailton.nogueira@discente.ufma.br

Programa de Pós-Graduação em Design - UFMA

7.2. ANEXO 02 - INSTRUÇÕES PARA VALIDAÇÃO DA FICHA

Agradeço, desde já, pela confirmação de participação na avaliação da ficha interativa desenvolvida no âmbito da pesquisa “*REGISTRANDO CIDADES: Ficha de análise gráfica para croqui urbano e suas contribuições à memória gráfica*”,

Conforme acordado, envio abaixo as orientações e os materiais necessários para esta etapa.

Como já mencionado, a ficha interativa foi construída com base nos referenciais teóricos de Ashwin (1979), Twyman (1979), Joly (1996) bem como Fonseca et al., 2016, com o objetivo de sistematizar a coleta e análise de aspectos visuais, compositivos e narrativos em croquis de croqui urbano, contribuindo para os estudos de memória gráfica da paisagem urbana.

Neste contexto, convido você, como especialista na área, a colaborar com a **avaliação crítica da ferramenta**. Para isso, disponibilizei uma pasta ([ARQUIVOS FICHAS DE ANALISE](#)) com os seguintes materiais:

1. **Ficha de Análise Interativa (Google Planilhas)**

Contém dez abas, cada uma referente a um croqui a ser analisado, e desses fica a critério do avaliador **escolher 05 croquis para análise**. Os campos de resposta utilizam menus suspensos para facilitar o preenchimento. Cada aba apresenta uma miniatura do respectivo desenho. **A seção 01** de todos os croquis já se encontra previamente preenchida. Peço também que após a análise dos 05 croquis, a ficha preenchida seja enviada de volta para este email.

[FICHAS DE ANALISE USK](#)

2. **Documentação explicativa**

Inclui um **arquivo em texto** com a descrição detalhada de cada campo da ficha, fundamentação teórica e orientações de preenchimento;

[EXPLICANDO A FICHA DE ANÁLISE DE croqui urbano](#)

- E também um **vídeo explicativo** que percorre a estrutura da ficha, apresentando suas seções e o modo de preenchimento.

[Ficha de analise USK.mp4](#)

3. **Imagens dos Croquis em Alta Resolução (.JPG)**

Para melhor visualização dos desenhos, disponibilizei as imagens em tamanho ampliado, organizadas em uma subpasta.

[CROQUIS A SEREM ANALISADOS](#)

4. **Formulário de Avaliação (Google Forms)**

Após a análise dos croquis e o preenchimento da ficha, peço gentilmente que acesse o formulário para registrar sua avaliação sobre a estrutura, clareza e aplicabilidade da ficha.

[Formulário de avaliação da ficha de análise gráfica para croqui urbano](#)

Caso tenha qualquer dúvida ou dificuldade técnica durante o processo, estarei à disposição para auxiliar.

Agradeço, mais uma vez, pelo apoio e pela generosidade em participar deste processo e a disponibilidade em responder. Quanto ao prazo

tenho até o **dia 04 de julho** para reunir todas as respostas dos avaliadores, contudo caso precise de mais tempo posso ajustar o cronograma.

Atenciosamente,

Jailton Nogueira

jailton.nogueira@discente.ufma.br

Programa de Pós-Graduação em Design - UFMA

7.3. ANEXO 03 - FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DA FICHA DE ANÁLISE GRÁFICA PARA CROQUI URBANO

Meu nome é Jailton Bezerra Nogueira da Cruz, e atualmente desenvolvo uma pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), intitulada "REGISTRANDO CIDADES: Ficha de análise gráfica para croqui urbano e suas contribuições à memória gráfica".

Finalidade: Este formulário integra o processo de validação qualitativa de um instrumento metodológico desenvolvido no âmbito da pesquisa de mestrado em Design (UFMA), cujo objetivo é analisar o croqui urbano como registros gráficos da paisagem urbana e da memória cultural dos centros históricos. A ficha foi construída com base em referências como Ashwin (1979), Twyman (1979), Joly (1996), e está estruturada em uma planilha interativa com menus suspensos para facilitar a coleta sistemática de dados visuais, compositivos e narrativos. Solicito sua contribuição como especialista, para avaliar criticamente sua estrutura, aplicabilidade e adequação conceitual.

** Indica uma pergunta obrigatória*

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da presente pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O objetivo da pesquisa é propor uma ferramenta metodológica de análise gráfica de registros de croqui urbano, voltada para estudos de memória gráfica. Sua participação consistirá no preenchimento deste formulário de avaliação da ficha interativa de análise, com duração estimada de 10 a 15 minutos. Os dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, respeitando os princípios de anonimato, confidencialidade e ética. A qualquer momento, você poderá se recusar a responder alguma questão ou interromper sua participação, sem qualquer prejuízo.

Ao clicar em "Concordo", você confirma que:

- Leu e compreendeu as informações acima;
- Aceita participar voluntariamente desta pesquisa;
- Autoriza o uso das informações fornecidas de forma anônima e confidencial, para fins de análise e publicação acadêmica.

1. *

- Concordo
- Não Concordo (*Pular para a seção 8 (Finalização)*)

1. Dados do Avaliador

(As informações serão utilizadas apenas para fins acadêmicos e não serão divulgadas sem consentimento)

1.1. Nome completo: *

1.2. Formação acadêmica: *

1.3. Instituição de vínculo:

1.4. Você possui atuação ou pesquisa nas seguintes áreas (marque as que se aplicam): *

- Memória gráfica
- História do design gráfico
- Análise visual de artefatos gráficos
- Ilustração/desenho urbano
- Outra(s)

Quais?

2. Avaliação da Interface da Ficha Interativa (Google Planilhas)

2.1. O acesso e a navegação pela planilha foram intuitivos e funcionais? *

- Sim
- Parcialmente
- Não

Comentários:

2.2. O uso de menus suspensos contribuiu para a clareza e agilidade do preenchimento? *

- Sim
- Parcialmente
- Não

Comentários:

2.3. A organização por abas (um croqui por aba) favoreceu a experiência analítica? *

- Sim

- Parcialmente
- Não

Comentários:

3. Avaliação do Conteúdo e da Estrutura Analítica

3.1. As categorias e campos da ficha são conceitualmente claros e metodologicamente coerentes com a proposta de análise de croquis de croqui urbano? *

- Sim
- Parcialmente
- Não

Comentários:

3.2. A ficha contempla adequadamente os elementos gráficos, compositivos e narrativos que emergem dos croquis urbanos? *

- Sim
- Parcialmente
- Não

Sugestões de complementação:

3.3. Há categorias redundantes, ambíguas ou pouco operacionais? *

- Sim
- Não
- Talvez

Se sim, quais e por quê?

3.4. A ficha permite a diferenciação e comparação entre croquis de diferentes autores e estilos? *

- Sim
- Parcialmente
- Não

Comentários:

4. Aplicabilidade e potencial metodológico

4.1. Em que medida a ficha contribui para a sistematização da análise gráfica no campo da memória gráfica urbana?

- Alta
- Moderada
- Baixa

Justifique:

4.2. O instrumento pode ser adaptado para outros contextos de análise gráfica (ex: capas, rótulos, cartazes, mapas)? *

- Sim
- Talvez, com adaptações
- Não

Explique sua avaliação:

4.3. A ficha se alinha às exigências de rigor metodológico esperadas em pesquisas acadêmicas da área? *

- Sim
- Parcialmente
- Não

Comentários:

5. Avaliação global e comentários finais

5.1. Em uma escala de 1 (muito insatisfatória) a 5 (excelente), como você avalia a ficha como instrumento metodológico? *

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

5.2. Comentários, sugestões ou críticas construtivas adicionais:

Finalização

Agradecemos sua atenção. Como você optou por não participar da pesquisa, este formulário será encerrado aqui. Nenhuma informação foi registrada.

8. APÊNDICE 01 - ESTUDO DE APLICABILIDADE DOS MODELOS TEÓRICOS

Este apêndice documenta o teste de **consistência epistemológica** realizado durante a fase exploratória da pesquisa. Selecionou-se, de modo intencional, um artefato representativo do *corpus* - a fotografia digital de um croqui urbano - para ser submetida, isoladamente, às matrizes analíticas dos cinco teóricos basilares deste estudo: Dondis, Ashwin, Joly, Twyman e Goldsmith.

O procedimento cumpre uma dupla função metodológica:

1. **Validação de Domínio:** Comprovar a operacionalidade das categorias nativas de cada autor, aplicando-as sem adaptações para respeitar a integridade dos seus sistemas de classificação.
2. **Diagnóstico de Insuficiência:** Revelar, através da exaustão analítica, as lacunas deixadas por cada modelo quando confrontado com a natureza híbrida do croqui digitalizado (registro manual + interface digital), evidenciando a necessidade de uma síntese instrumental (concretizada na Ficha de Análise v2.0).

8.1. Objeto de Análise:

- **Autor:** Raro de Oliveira
- **Local Retratado:** Largo da Ordem, Curitiba, Paraná.
- **Data de Produção:** 11 de maio de 2024.
- **Suporte de Coleta:** Fotografia digital da obra física.
- **Fonte:** Instagram @rarodeoliveira (Disponível em: <https://www.instagram.com/rarodeoliveira/>).
- **Identificador do Arquivo:**
CUR_2024_05_LargoDaOrdem_Fachadas_RaroOliveira_01

Figura A1: Fotografia do croqui de Raro de Oliveira



Fonte: Instagram (2025)

8.2. Análise sob a ótica de Donis A. Dondis (Sintaxe da Linguagem Visual)

Quadro A.1: Decomposição dos elementos básicos da sintaxe visual (Matriz de Dondis).

Categoria Analítica	Elemento/Técnica Identificada	Análise Aplicada ao Croqui
1. ELEMENTOS BÁSICOS <i>(O Alfabeto Visual)</i>	Linha	Predomina a linha de contorno gestual e não-mecânica. A variação na espessura do traço (nanquim) indica velocidade e energia na execução, diferentemente do traço técnico uniforme.
	Cor e Tom	A cor, em manchas de aquarela, muitas vezes ultrapassa o contorno. O alto contraste de claro-escuro, acentuado pela reserva do branco do papel, cria luminosidade sem depender de gradações suaves.
	Textura	A imagem simula textura tátil pela granulação do papel aquarela e deposição irregular do pigmento, apelando ao tato.
2. TÉCNICAS VISUAIS <i>(Estratégias de Composição)</i>	Irregularidade <i>(vs. Regularidade)</i>	A composição é regida pela Irregularidade. O desenhista evita o alinhamento rígido (janelas e telhados), enfatizando o "inesperado" com uma organização orgânica que reflete a espontaneidade do olhar.
	Instabilidade <i>(vs. Equilíbrio)</i>	A composição é instável. A falta de um eixo central rígido e a assimetria visual (texto à esquerda, desenho à direita, fundo desfocado) geram uma dinâmica provocadora.
	Espontaneidade <i>(vs. Previsibilidade)</i>	A técnica dominante é a Espontaneidade. A execução imediata, com falta de acabamento e linhas de construção visíveis, indica um esboço rápido, não um projeto planejado.

	Complexidade (vs. <i>Simplicidade</i>)	O artefato possui alta complexidade visual pela sobreposição de camadas (texto, desenho, mão, cenário real), demandando esforço de organização perceptiva para decodificação.
--	---	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Limitação do Modelo

A aplicação da matriz de Dondis permitiu uma descrição a **morfologia** e da **estrutura composicional**. O modelo foi eficaz para qualificar a expressividade do traço (gestual/irregular) e a dinâmica das cores, validando o **Eixo 2 (Sintaxe)** da Ficha v2.0. No entanto, o modelo falha em explicar o fenômeno observado na totalidade da imagem digital:

1. **Cegueira contextual:** A sintaxe de Dondis analisa a *forma* interna, mas ignora a **camada fotográfica**. O fato de o caderno estar sendo segurado por uma mão diante de um cenário real é invisível para este método, que trata a imagem apenas como composição bidimensional abstrata.
2. **Ausência documental:** Não há ferramentas em Dondis para avaliar a *veracidade* do registro (se o desenho corresponde ao prédio real). A polaridade "Realismo" em Dondis refere-se ao estilo visual, não à fidelidade histórica necessária à Memória Gráfica.

A **Ficha de Análise v2.0** incorpora as categorias morfológicas de Dondis (Eixo 2) para garantir o rigor na descrição da forma, mas precisa integrá-las aos eixos semânticos de Joly e pragmáticos de Twyman para dar conta do significado e da função do croqui.

B. Análise sob a ótica de Clive Ashwin (estilo na ilustração)

Quadro A.2: Classificação dimensional e categorial do desenho (Matriz de Ashwin).

Variável Estilística	Polo Identificado	Análise Aplicada ao Croqui
1. CONSISTÊNCIA (<i>Homogênea vs. Heterogênea</i>)	Heterogênea	A obra combina técnicas: traço linear (caneta/nanquim) com mancha tonal (aquarela). O texto manuscrito não-pictórico introduz uma quebra na homogeneidade visual..
2. GAMA (<i>Restrita vs. Expandida</i>)	Expandida	O desenho não é simples; ele utiliza variação de linha, texturas, cores vibrantes (policromia) e sombreamento, demonstrando complexidade técnica.
3. ENQUADRAMENTO (<i>Disjuntivo vs. Conjuntivo</i>)	Conjuntivo	A ilustração não está isolada (disjuntiva). Ela ocupa a página dupla (spread) com sangria, indicando que a cena urbana extrapola os limites do caderno.

4. POSICIONAMENTO (<i>Simétrico vs. Casual</i>)	Casual	A disposição dos elementos (casario, igreja, texto) é assimétrica e orgânica, não seguindo grade geométrica ou eixo de simetria rígidos, o que sugere espontaneidade e adaptação ao suporte no local do registro.
5. PROXIMIDADE (<i>Perto vs. Distante</i>)	Distante	A escala é a da paisagem urbana. O observador vê edifícios inteiros e o contexto da rua, não um close-up de detalhes ou texturas arquitetônicas.
6. CINÉTICA (<i>Estático vs. Dinâmico</i>)	Estático	A arquitetura (tema) é imóvel. Apesar do traço gestual, a cena é estável, sem sugestão de movimento de pessoas ou veículos, o que afastaria o polo dinâmico.
7. NATURALISMO (<i>Naturalista vs. Não-Naturalista</i>)	Não-Naturalista	A representação prioriza a interpretação artística em detrimento da mimese científica ou fotográfica, utilizando distorções de perspectiva, simplificação de formas e cores subjetivas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Limitação do modelo

A aplicação tabular de Ashwin permitiu um diagnóstico preciso do "**DNA estilístico**" do desenho: ele é heterogêneo, casual e não-naturalista. Isso valida a competência do *sketcher* em manipular variáveis expressivas.

Contudo, o modelo revelou uma **cegueira midiática crítica**:

- **O paradoxo do naturalismo:** Ashwin classifica o *desenho* como "Não-Naturalista", mas é incapaz de classificar a *fotografia* que o contém (que é um registro "Naturalista" da mão e do local). O modelo não foi desenhado para analisar "meta-imagens" (uma imagem dentro de outra).
- **A função do texto:** Ashwin classifica a presença do texto apenas como "Heterogeneidade" (uma característica formal). Ele não oferece ferramentas para avaliar a função informativa desse texto (data, local), tratando-o como um elemento gráfico equivalente a uma mancha de tinta, o que é insuficiente para a pesquisa de Memória Gráfica.

8.3. Análise sob a ótica de Martine Joly (semiótica da imagem)

Quadro A.3: Análise da mensagem visual e dos signos plásticos/icônicos (Matriz de Joly).

Nível de mensagem	Elementos identificados (Significantes)	Análise da significação (Significados/Conotações)
-------------------	---	---

<p>1. MENSAGEM PLÁSTICA (<i>O suporte e a forma</i>)</p>	<p>Enquadramento e Foco: Utilização de profundidade de campo rasa. O caderno está em foco nítido; o fundo urbano está desfocado.</p> <p>Cromatismo: Contraste entre a saturação e luminosidade das aquarelas (amarelos, ocres) e as cores mais neutras do ambiente real.</p>	<p>Hierarquia Visual: A desfocagem do fundo sinaliza que a "interpretação" (o desenho) é mais importante que a "realidade" (o modelo).</p> <p>Subjetividade: A cor saturada não mimetiza a luz real, mas expressa a "atmosfera solar" percebida pelo artista, conotando vivacidade e calor.</p>
<p>2. MENSAGEM ICÔNICA (<i>A figuração e a analogia</i>)</p>	<p>Motivos Arquitetônicos: Reconhecimento analógico de torres, janelas em arco e fachadas coloniais.</p> <p>Metalinguagem Visual: Presença da mão segurando o caderno e do prendedor (<i>binder clip</i>) preto.</p>	<p>Identidade Patrimonial: Os motivos remetem imediatamente ao imaginário de "centro histórico" e "colonial", ativando a memória cultural do local.</p> <p>Autenticação da Prática: A mão e o clipe funcionam como signos indiciários do "fazer". Eles conotam que o desenho foi feito <i>in loco</i> (não em estúdio), validando a autenticidade da experiência.</p>
<p>3. MENSAGEM LINGUÍSTICA (<i>O texto verbal</i>)</p>	<p>Dados Factuais: "Largo da Ordem", data "11.5.24" e assinatura.</p> <p>Narrativa Pessoal: Texto cursivo: "Uma Curitiba solar...", "com amigos", "a gente sempre descobre algo novo".</p>	<p>Função de Ancoragem: O texto nomeia o local, eliminando a polissemia da imagem (não é qualquer igreja, é o Largo da Ordem).</p> <p>Função de Relé: O texto acrescenta informações que a imagem não mostra (o clima social, a companhia, a sensação de descoberta), complementando a narrativa visual.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Limitação do modelo

A matriz de Joly (1996) revelou-se a ferramenta mais potente para decodificar o **significado cultural** e a **narrativa** do croqui. Ela permitiu entender a fotografia não como um registro neutro, mas como uma construção retórica que valoriza a "autenticidade" (através dos signos da mão e do clipe).

Contudo, o modelo apresenta **limitações técnicas**:

1. **Falta de granularidade técnica:** A categoria "Mensagem Plástica" é ampla demais para distinguir as especificidades materiais do croqui urbano. Joly não oferece vocabulário para diferenciar, por exemplo, a "granulação do papel" da "aguada da aquarela", tratando tudo como signo plástico geral.
2. **Generalismo:** O modelo foi desenhado para a publicidade e a arte clássica. Ele não possui categorias para avaliar a *rapidez* ou a *economia* do traço (esboço), que são centrais na estética do desenho de rua.

8.4. Análise sob a ótica de Michael Twyman (*Schema for the Study of Graphic Language*)

Quadro A.4: Categorização da estratégia de configuração visual (Matriz de Twyman).

Variável Analítica → Componente do Artefato ↓	MODO DE SIMBOLIZAÇÃO (Natureza do Signo)	MÉTODO DE CONFIGURAÇÃO (Organização Espacial)	PROPÓSITO COMUNICATIVO (Função Pragmática)
BLOCO DE TEXTO (<i>Manuscrito à esquerda</i>)	Verbal: Utiliza o código alfabético da língua portuguesa. A natureza do signo é arbitrária e linear.	Linear Interrompido: (<i>Linear-interrupted</i>). A escrita segue a convenção horizontal, com quebras de linha determinadas pela largura da página, exigindo uma leitura sequencial estrita.	Descritivo/Narrativo: Fornece ancoragem temporal ("11.5.24") e relata a experiência subjetiva ("Uma Curitiba solar..."), funcionando como registro diarístico.
DESENHO PRINCIPAL (<i>Ilustração à direita</i>)	Pictórico: Utiliza signos icônicos (analogia visual) para representar o casario e a igreja.	Não-Linear de Visualização Dirigida: (<i>Non-linear directed viewing</i>). Não há um ponto de entrada fixo. O olhar é dirigido por pesos visuais (cores saturadas, contraste), mas a exploração é livre.	Expressivo: Prioriza a atmosfera e a interpretação estética da cena sobre a precisão técnica ou métrica da arquitetura.
ARTEFATO GLOBAL (<i>A fotografia do caderno</i>)	Híbrido (Pictórico e Verbal): A imagem final é um compósito que exige a decodificação simultânea de texto e imagem, somada à "autenticação" do cenário real ao fundo.	Não-Linear Aberta: (<i>Non-linear open</i>). O observador (no Instagram) tem total liberdade para navegar entre o desenho, o texto, a mão do artista e o cenário desfocado, construindo sua própria síntese de leitura.	Persuasivo: A estratégia de mostrar o desenho <i>diante</i> do modelo real (<i>matching</i>) serve para persuadir o espectador sobre a veracidade e a autenticidade da experiência <i>in loco</i> .

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Limitação do modelo

A aplicação da matriz de Twyman foi decisiva para mapear a **estratégia de comunicação** do artefato. Ela revelou que o croqui urbano digitalizado é um objeto complexo que opera em múltiplos modos (híbrido) e configurações simultaneamente.

Contudo, o modelo demonstrou-se **"cego" para a qualidade sensível**. Ele classifica o desenho como "Pictórico", mas não possui categorias para diferenciar um traço "nervoso e gestual" de um traço "técnico e frio".

A **Ficha de Análise v2.0** incorpora a lógica pragmática de Twyman (no Eixo 4), mas delega a análise morfológica (o traço e a textura) para as categorias de Dondis e Ashwin (no Eixo 2), garantindo que tanto a *estratégia* quanto a *estética* sejam avaliadas.

8.5. Análise sob a ótica de Evelyn Goldsmith (compreensibilidade da ilustração)

Quadro A.5: Avaliação da unidade semiótica e complexidade estrutural (Matriz de Goldsmith).

Fatores Visuais → Níveis Semióticos ↓	UNIDADE (Identidade do Objeto)	LOCALIZAÇÃ O (Relações Espaciais)	ÊNFASE (Hierarquia Visual)	PARALELOS TEXTUAIS (Relação Verbo-Visual)
<p>SINTÁTICO</p> <p><i>(A estrutura formal e os sinais gráficos)</i></p>	<p>Coesão Morfológica: As linhas de contorno em nanquim e as manchas de aquarela, embora soltas (gestuais), aglutinam-se visualmente devido ao princípio da continuidade, formando unidades distintas contra o fundo branco do papel.</p>	<p>Arranjo no Suporte: A composição ocupa a página dupla (<i>spread</i>). Há uma relação espacial clara entre o bloco de texto (esquerda) e a ilustração principal (direita), separados pela dobra do caderno.</p>	<p>Contraste Tonal: A atenção é atraída primariamente pelo contraste entre o papel iluminado (branco/cores saturadas) e o fundo fotográfico (urbano/desfocado). No desenho, o contraste de matiz (amarelo vs. azul) destaca a torre.</p>	<p>Posicionamento do Bloco: O texto manuscrito ocupa uma área delimitada no canto inferior esquerdo, agindo visualmente como uma "mancha" gráfica que equilibra o peso da ilustração na página oposta.</p>
<p>SEMÂNTICO</p> <p><i>(O significado e o reconhecimento)</i></p>	<p>Identificação do Referente: Os traços são prontamente reconhecidos como "edifícios históricos" e "igreja" devido às características distintas (torres, janelas em arco, telhados) que permitem a analogia com o real.</p>	<p>Profundidade Representada: O desenho utiliza sobreposição e escala para sugerir profundidade (perspectiva atmosférica). A fotografia situa o caderno <i>diante</i> do cenário real, criando uma relação semântica de "modelo vs. representação".</p>	<p>Ponto Focal: A torre da igreja, detalhada e verticalizada, atua como o elemento hierárquico principal do desenho. Semanticamente, ela sinaliza o caráter patrimonial e religioso do local.</p>	<p>Ancoragem: O texto verbal "Largo da Ordem" e "Curitiba" nomeia o referente, eliminando a ambiguidade da imagem. Ele transforma "um prédio antigo" em "este lugar histórico específico".</p>

<p>PRAGMÁTICO</p> <p><i>(O contexto, o uso e a interpretação)</i></p>	<p>Reconhecimento Cultural: O observador identifica o conjunto (caderno + mão + clipe) como uma unidade cultural específica: o "sketchbook de artista". O clipe preto (<i>binder clip</i>) funciona como um signo pragmático de "autenticidade" da prática de campo.</p>	<p>Contexto Situacional: A coincidência visual entre a torre desenhada e a torre real ao fundo (desfocada) localiza o espectador na cena, validando a experiência do "aqui-e-agora" e a veracidade do registro.</p>	<p>Direção do Olhar: A composição fotográfica enfatiza o <i>ato de desenhar</i> e o <i>resultado</i> (o caderno) em detrimento da paisagem real. O interesse do observador é dirigido para a interpretação artística, não para o documento arquitetônico puro.</p>	<p>Narrativa Pessoal: O texto ("Uma Curitiba solar...", "com amigos") adiciona uma camada afetiva e temporal que a imagem não mostra. Ele complementa a experiência visual com a experiência vivida (clima, companhia), funcionando como um diário.</p>
--	---	--	---	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Limitação do modelo

A aplicação da matriz de Goldsmith demonstrou ser a mais completa em termos epistemológicos, cobrindo desde a mancha gráfica (Sintaxe/Unidade) até a narrativa afetiva do texto (Pragmática/Paralelos Textuais). Ela valida teoricamente a necessidade de analisar o texto e a imagem conjuntamente.

Contudo, a **operacionalização desta matriz revelou-se complexa e lenta**. O preenchimento de 12 células de interseção para cada imagem exige um esforço analítico minucioso que inviabilizaria a análise de um *corpus* extenso em redes sociais (como o proposto nesta pesquisa).

A **Ficha de Análise v2.0** apropria-se da **estrutura vertical** de Goldsmith, mas simplifica os fatores horizontais, substituindo-os por categorias operacionais mais diretas (derivadas de Dondis e Ashwin), tornando o instrumento ágil sem perder o rigor teórico.

O exercício demonstrou que a análise do artefato digital exige uma dupla abordagem: enquanto Dondis e Ashwin são mais eficazes para analisar a morfologia interna do desenho (*o traço*), Twyman é indispensável para analisar a estratégia fotográfica externa (*o enquadramento e a função*). A Ficha v2.0 busca essa divisão, alocando a morfologia na dimensão Sintática e a estratégia fotográfica na dimensão Pragmática.